

# *Ouvir, sentir e imaginar*

Reflexões sobre a contação de histórias



Claudia Maria Petchak Zanlorenzi  
e Andréia Bulaty  
(organizadoras)

*Texto e Contexto*

EDITORA

Cláudia Maria Petchak Zanlorenzi  
Andréia Bulaty  
(organizadoras)

*Ouvir, sentir e imaginar*

Reflexões sobre a contação de histórias

*Texto e Contexto*

---

EDITORA

©2021Claudia Maria Petchak Zanlorenzi e Andréia Bulaty.  
Todos os direitos reservados às organizadoras

Diretora e editora-chefe: Néia Hauer  
Capa: Luciana Ramos  
Supervisão editorial: Andréia Bulaty  
Diagramação: Néia Hauer

O95 Ouvir, sentir e imaginar: reflexões sobre a contação de história  
[livro eletrônico]/ Cláudia Maria Petchak Zanlorenzi; Andréia  
Bulaty (Org.). Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2021.  
154p.; il. E-book – PDF interativo

ISBN: 978-65-88461-43-3

1. Narrativa oral 2. Contação - histórias. 3. Contador –  
histórias. 4. Imaginação. I. Zanlorenzi, Cláudia Maria Petchak  
(Org.). II. Bulary, Andréia (Org.). III. T.

CDD: 808

Ficha Catalográfica Elaborada por Maria Luzia F. Bertholino dos Santos – CRB 9/986

*Texto e Contexto*

EDITORA

  
**Câmara  
Brasileira  
do Livro**

CONSELHO EDITORIAL:

**Presidente:**

Dr<sup>a</sup>. Larissa de Cássia Antunes Ribeiro (Unicentro)

**Membros:**

Dr. Fábio Augusto Steyer (UEPG)

Dr<sup>a</sup>. Silvana Olivira (UEPG)

Doutorando Anderson Pedro Laurindo (UTFPR)

Dr<sup>a</sup>. Marly Catarina Soares (UEPG)

Dr<sup>a</sup>. Naira de Almeida Nascimento (UTFPR)

Dr<sup>a</sup> Letícia Fraga (UEPG)

Dr<sup>a</sup>. Anna Stegh Camati (UNIANDRADE)

Dr. Evanir Pavloski (UEPG)

Dr<sup>a</sup>. Eunice de Moraes (UEPG)

Dr<sup>a</sup>. Joice Beatriz da Costa (UFFS)

Dr<sup>a</sup>. Luana Teixeira Porto (URI)

Dr. César Augusto Queirós (UFAM)

Dr. Valdir Prigol (UFFS)

Dr. Luís Augusto Fischer (UFRGS)

Dr<sup>a</sup>. Clarisse Ismério (URCAMP)

Dr. Nei Alberto Salles Filho (UEPG)

Dr<sup>a</sup> Ana Flávia Braun Vieira (UEPG)

# Sumário

07

Prefácio

16

Apresentação

19

Narrativas orais de histórias em classes  
de alfabetização

Claudia Maria Petchak Zanlorenzi

Paola Helena Muxfeldt Morando da Silva

34

A contação de história e a arte: desenvolvimento  
da imaginação criativa na infância

Andréia Bulaty

59

A formação do homem e as narrativas orais

Kelyn Caroline Bueno

69

A contação de histórias: o que contam as crianças

Alessandra Buch Fauate

Andréia Patrícia Bueno

Jucélia de Fátima Lanieski

86

O contador de histórias e sua importância  
na arte de contar história

Gabrielle Aparecida Kreutzfeldt  
Jeisa Ariele Martins Krawczik

98

A figura do contador de histórias e a sua  
conexão com a narrativa e o ouvinte

Elaine de Fátima Batista  
Paola Helena Muxfeldt Morandi da Silva

III

Projeto de extensão “senta que lá vem história”:  
contribuições para a formação docente e  
construção da identidade profissional

Adrielen Larissa Zamboni Correia  
Mayara Cristina Teixeira Ribeiro Dos Santos

125

Os percursos do Projeto de Extensão “Senta que  
lá vem história” em meio a pandemia do Covid-19

Katia Aparecida Sabai  
Kelyn Caroline Bueno

137

O projeto de contação de histórias pelo olhar  
de uma contadora de história

Daniele Krul

148

Sobre as Autoras

# Prefácio

*“Sentadinha no chão,  
Escuto uma história,  
Viajo na imaginação.*

*Mulheres que inspiram,  
Por entre afeto e ternura,  
Ensinam e compartilham.”*

Não é recente nem oculta minha profunda admiração pelo valioso trabalho das professoras Claudia e Andréia no Projeto de Extensão *“Senta que lá vem a história”* vinculado ao Curso de Pedagogia da Unespar, *Campus* de União da Vitória. Quem sabe tenha sido esta a credencial que me qualificou (*na escolha das Organizadoras*) para a elaboração deste prefácio, de fato nós três acreditamos, desmedidamente, em uma Universidade Pública transformadora e extensionista para além do discurso, com envolvimento e alegria.

Em verdade sempre que posso e encontro uma brecha (*inclusive aqui*) faço questão de sublinhar o mérito desta ação que não é só formativa, mas é também afetiva, eficaz e inspiradora, por sobre os tapumes da Universidade. Os estudantes e profissionais que se aventuram na **contaço de histórias** encontram, de sobra e em demasia, uma overdose de generosidade e confiança por parte destas tão competentes e queridas Doutoradas que os guiam e orientam na mesma medida em que os valorizam e ouvem, numa simbiose tão cheia de boniteza, partilha e construção, isso porque *“não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes”* (Freire, 1987, p. 68<sup>1</sup>), cuja completude se dá, justamente,

---

1 FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Paz

pelo somatório valorativo das diferenças superando as dificuldades.

Talvez não tenha sido intencional, deveras, foi impossível não notar. O livro é organizado por e foi escrito por: **Mulheres** (em *maiúsculo*, com destaque).

Mulheres que ensinam e inspiram na mesma medida em que aprendem e compartilham. Meninas cheias de afeto e ternura que nos convidam a sentar no chão, ouvir uma história e viajar na imaginação. Se aventurar (*até!*) a escrever alguns infantis versinhos, como fiz ali logo no início, num descompromisso com as normas (*imaginação criativa, as autoras que dizem!*). Ousei porque é impossível, convencionalmente, dar conta de escrever um prefácio à altura deste livro que, para além de cumprir obrigações acadêmicas ou engordar os currículos, materializa vivências e experiências inundadas de bem-querer, aprendizado e amizade. De fé, já constitui leitura obrigatória na área.

Este livro.

Um livro tão completo e bem escrito, uma coletânea de nove fantásticos textos versando sobre **as narrativas orais ou contação de histórias**, ou seja, atividades recorrentes nas vivências sociais ou no espaço escolar e que permitem o desenvolvimento de funções mentais superiores como linguagem, pensamento, memória e abstração. Nesta compilação, as Organizadoras buscam evidenciá-las para além do passatempo descompromissado, para mais do que seu enquadramento coadjuvante no espaço escolar, acima dos pretextos para algo ou dos fins moralizantes (*por vezes, tão enfadonhos*). As animadas e incansáveis **Claudia** e **Andréia**, ambas Pós-Doutoras em Educação, propõe analisar a função da contação de histórias como incentivo à imaginação, ao ato de criar e recriar a realidade, como

conexão entre o real e o fictício (*imaginado, fantasiado*), por entre o lúdico e o educativo, numa prática contagiante que agrada todas as idades e congrega variados públicos, num diálogo teórico, pedagógico e extensionista.

Mesmo não sendo usual este tipo de manifestação em um prefácio, despreocupo-me com críticas e apreciações criteriosas, pois a necessidade de registrar palavras de reconhecimento neste espaço supera meu receio dos vindouros e banais julgamentos dos amargos insatisfeitos que parasitam, melancolicamente, nosso ambiente. Ademais, creio com convicção que o universo universitário carece (*e muito*) de mais afetividade, generosidade e empatia.

Até poderia, querido(a) leitor(a), lhes oferecer alguns breves parágrafos gerais e introdutórios sobre a obra, porém, penso que os particulares de cada texto e de cada autora merece ser registrado e nominado individualmente. Para mim significa **respeito** e **reconhecimento** a estas professoras, profissionais e estudantes que se dedicaram a escrever algo sendo que, para muitas, talvez seja o primeiro capítulo de livro (*que inúmeros outros o sigam*).

Para tanto, reservo-me o direito, outorgado pelas organizadoras, de realçar elementos de cada artigo num aceno singular e personalizado:

De início, a professora **Claudia** e a bolsista do CNPq **Paola** puxam a fila socializando o recorte de uma pesquisa que investigou a visão que os professores dos anos iniciais da Educação Básica pública paranaense possuem acerca da contribuição das narrativas orais de histórias para a aprendizagem dos estudantes, em classes de alfabetização. O artigo parte das contribuições da pesquisa qualitativa, bibliográfica e de campo (*a partir de uma amostragem não probabilística*) alicerçada em uma densidade conceitual considerável, discutindo a linguagem, lacunas, fragilidades

e potencialidades das narrativas orais de histórias tanto para aquele que ouve, quanto para aquele que conta, diferenciando, inclusive, a leitura da narrativa (*confusão habitual*). Finalizam sua contribuição evidenciando a importância da formação docente que, além de discutir como contar histórias, direcione ao porquê e para que as contar.

A professora **Andréia** contribui com um encorpado estudo teórico e bibliográfico acerca da relação entre as artes visuais e a contação de histórias (*para ela um patrimônio cultural*) na Educação Infantil, discutindo a forma com que estas se entrelaçam no desenvolvimento da imaginação criativa das crianças e atuam como mobilizadoras no processo criativo. Os alunos são, neste caso, partícipes do descobrimento, autores do próprio exercício de estruturação da consciência, onde criatividade e imaginação andam lado a lado oportunizando um desenvolvimento mais efetivo da linguagem. Ainda, a professora enfatiza que a linguagem das artes visuais associada a contação de histórias cria momentos em que a imaginação e a fantasia se fundem e se tornam realidade. Conclui seu texto versando sobre a relevância desta imaginação criativa, propulsora de estímulos.

A Mestranda **Kelyn** contextualiza as narrativas orais no tempo associando-as à formação humana por meio de uma pesquisa exploratória e bibliográfica. Para isso, evidencia as raízes culturais dos povos e sua relação com a linguagem oral, que se constrói e evolui histórica e socialmente. Nos convida a imaginar como as histórias eram contadas junto às fogueiras, nos diferentes espaços de convivência, nas vivências ancestrais, por meio de uma reflexão afetiva acerca da socialização, do espírito comunitário, do viver em grupo, ressaltando que contar uma história não é algo que se faz sozinho. Explica de que

forma a contação de história auxilia nas questões cognitivas como a atenção, a concentração e a memória (*acrescentando, é claro, a imaginação criativa*).

O trio afinado composto por **Alessandra** (estudante), **Andréia** (bolsista do Programa Residência Pedagógica) e **Jucélia** (bolsista Pibid) nos brinda com uma reflexão acerca do que contam as crianças sobre as contações de histórias! E quanta sensibilidade considerar isso! Enfatizam que contar é uma arte que resgata ludicidade, fantasia, emoção e imaginação e buscam compreender a forma com que as crianças compreendem essa contação por meio de uma pesquisa bibliográfica qualitativa e uma abordagem em dois grupos focais (*um com crianças de 4 anos e outro com crianças de 5 a 7 anos*). Os resultados sinalizam a importância da contação de histórias na criatividade e no desenvolvimento lógico, no estreitar de laços entre contador e público, na ampliação do vocabulário de ambos e na construção de sujeitos emancipados, tudo isso embelezado e fundamentado por frases ditas pelas crianças durante a pesquisa. Por último, ressaltam a importância da escolha adequada da história, de sua adaptação correta à faixa etária dos ouvintes, da linguagem condizente com a plateia e com a escolha do momento para a contação.

**Gabrielle** e **Jeisa**, pedagogas e pós-graduandas em Gestão Escolar, nos trazem um texto que fala sobre a voz por detrás das contações de histórias: o contador e a contadora! Apresentam e definem o papel deste(a) importante personagem na arte de contar histórias, apresentando suas principais características, a importância de sua função e dicas preciosas para a formação de um(a) contador(a). Nos convidam a compreendê-lo(a) como aquele(a) cuja voz consegue atrair para o mundo da imaginação, mediando fantasia e realidade, criando uma aura encantada onde o ambiente, a voz e o corpo devem

estar em sintonia. Destacam que este(a) precisa ser capaz de moldar a história contada ao público ouvinte usando sua voz, sua performance, seus gestos. Finalizam apontando a importância do(a) contador(a) selecionar bem a história, conhecê-la bem e saber se adaptar e improvisar.

Complementando a perspectiva iniciada no texto anterior, **Elaine** (bolsista Pibid) e **Paola** (bolsista CNPq) dão continuidade à discussão sobre o perfil do(a) contador(a) falando sobre a conexão deste(a) com a narrativa e o ouvinte. Esclarecem que o(a) contador(a) precisa ter claro o estilo de contação, o público-alvo, a noção do espaço que pretende utilizar, o conhecimento da história a ser contada, entre outros elementos, isso porque as histórias fazem parte da nossa vida, mas *contá-las* requer tempo, estudo e aperfeiçoamento. Figura importante, personagem que cria a conexão com um mundo mágico, o(a) contador(a) se aventura, brinca com a performance e a carrega de intencionalidade, de encantamento. Além disso, as autoras ressaltam a simbiose entre o(a) contador(a) e a história escolhida, evidenciando a dificuldade existente nesta escolha que deve seguir, a rigor, o gosto literário de quem conta, observando sua subjetividade e individualidade.

**Adrielen** (psicóloga e bolsista do Programa Residência Pedagógica) e **Mayara** (administradora e bolsista do Programa Residência Pedagógica) foram as escolhidas para registrar o Projeto de Extensão cadastrado desde 2018 no *Campus* União da Vitória da Unespar, intitulado: "*Senta que lá vem a História*", o recorte selecionado para a discussão foram as contribuições do projeto para a formação docente e a construção (*e busca*) da identidade profissional dos acadêmicos participantes por meio deste espaço de formação inicial docente. Segundo elas, ao longo dos anos, o Projeto cresceu abarcando mais estudantes, públicos diferenciados com o a Associação Faculdade da

Terceira Idade e se diversificando em atividades como saraus e cursos que objetivam desmistificar a ação de: a) *contar*; b) *dramatizar*; e, c) *ler*, histórias. O texto divide-se em duas partes e apresenta, inicialmente, um referencial teórico acerca da extensão universitária, a formação docente e a identidade profissional para, então, socializar experiências vivenciadas no projeto a partir de uma pesquisa de campo com os participantes. Dessa forma, as autoras sugerem uma interface entre o saber universitário e a cultura local e as relações desta última com a Universidade discutindo temas relevantes como prática pedagógica, imaginação criativa, expressividade, oralidade, comunidade externa e formação docente, tudo ilustrado e atestado por meio de depoimentos e citações de autores da área.

Reinvenção e criatividade marcam a experiência narrada no oitavo texto deste livro. **Katia** (pedagoga e especialista) e **Kelyn** (Mestranda em Educação) nos confidenciam as adaptações que o Projeto de Extensão “*Senta que lá vem a história*” desenvolveu para se adaptar ao contexto da pandemia do COVID-19, nos anos de 2020 e 2021. Associando uma pesquisa bibliográfica à relatos de experiência a dupla competéssima de autoras apresenta as ações desenvolvidas neste cenário que tanto exigiu da Extensão: revisão do calendário de atividades, encontros virtuais, ações remotas, *lives* ao vivo na página do Facebook do Projeto, conferências *on-line*, evento do FECO (Festival de contação de histórias) virtual, e oficinas via *Google Meet* e *Skype*. Como se não bastasse e ainda fosse pouco, contam como os participantes do projeto gravaram histórias para o Programa Educa União da Secretaria Municipal de Educação de União da Vitória e realizaram a entrega dos “*Kits de imaginação criativa*” nos CMEIs municipais, o kit continha 4 “*dedoches*” de animais, fichas ilustrativas e instruções, material didático riquíssimo que foi entregue às

crianças para que pudessem, na segurança de suas casas, continuar se aventurando no mundo das histórias.

Fechando com maestria os artigos, a pedagoga e pós-graduanda **Daniele** nos brinda com um relato de experiência inspirador narrando sua jornada pelo Projeto de Extensão "*Senta que lá vem a história*". A autora traz informações sobre a contação, como e para quem se faz e detalha de que forma a participação contribuiu para sua formação profissional. Segundo ela, participar do projeto é desafiador e exige formação constante, compartilhamento de experiências, leitura assídua, descoberta pessoal, compreensão das narrativas e dos fatos (*os essenciais e os das entrelinhas*). Destaca que as vivências contribuíram para perda da timidez e da vergonha de falar em público além de muito aprendizado com a confecção de livros de histórias, contação nos CMEIs, encontros de formação, planejamento e muita contação de história! E, assim, nos mostra como substituiu a insegurança e o nervosismo pelo encantamento, superando seus desafios e atuando presencialmente, em *lives* e gravações para TV ou Internet.

Como podem perceber, esta seleta composição de nove brilhantes textos que compõe o livro "*Ouvir, sentir e imaginar: reflexões sobre a contação de histórias*" consiste em um chamamento para refletir sobre nossas histórias, nossas práticas pedagógicas e nossa formação profissional/pessoal junto à sociedade.

Separo ainda algumas linhas para parabenizar as escritoras que são, antes de tudo, mulheres, estudantes, profissionais, contadoras de histórias que nos oportunizam, apaixonada e gratuitamente, viagens incríveis ao mundo da imaginação numa espécie de transgressão à amargura cotidiana.

Por fim, fazendo uso da minha condição administrativa (*e apaixonada*) na Divisão de Extensão e Cultura do *Campus* de União da Vitória, gostaria de registrar e alertar sobre a importância de, seguindo este exemplo, incluirmos a Extensão Universitária em nossa prática docente e acadêmica pensando nossos(as) estudantes, isso porque se estes(as):

[...] não forem “apresentados” antes ou logo na chegada, poderão concluir seus cursos **sem ter experienciado** a realidade da Extensão Universitária. Esta é uma realidade que mostra o quanto a indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão **necessita ser vigiada**, para não permitir que as universidades se fechem entre quatro paredes. (DEUS, 2020, p. 35<sup>2</sup> - destaque meu).

Pedindo perdão pela delonga e pelo excesso des preocupado de caracteres na composição deste prefácio, cheia de emoção e esperança, convido para leitura deste livro escrito e organizado por essa geração protagonista de autoras, profissionais e estudantes como um aceno para reafirmar nosso compromisso **vigilante** com uma Extensão Universitária de respeito, de qualidade, de acolhimento e de afetividade, sem desculpas, nem pretextos.

União da Vitória, Paraná, 19 de julho de 2021.

*Com carinho e grande admiração:*

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alcimara Aparecida Föetsch

---

2 DEUS, S. de. **Extensão universitária**: trajetórias e desafios. Santa Maria, RS: Ed. PRE-UFSM, 2020.

# Apresentação

*Hoje vive na minha aldeia comigo. É uma criança bonita de riso e natural. Limpa o nariz ao braço direito, Chapinha nas poças de água, Colhe as flores e gosta delas e esquece-as. Atira pedras aos burros, Rouba a fruta dos pomares E foge a chorar e a gritar dos cães. A mim ensinou-me tudo. Ensinou-me a olhar para as cousas. Aponta-me todas as cousas que há nas flores. Mostra-me como as pedras são engraçadas Quando a gente as tem na mão E olha devagar para elas.*

*( O Guardador de Rebanhos - Alberto Caeiro - heterônimo de Fernando Pessoa)*

Com esse olhar e os devaneios infantis que ainda rondam seus pensamentos já adultos, que duas professoras, apaixonadas pela arte em todas as suas manifestações, em uma conversa regada de anseios, decidiram compartilhar seus sonhos e olhar devagar para as pedrinhas. Assim, nasceu o coletivo de contadoras de histórias, em um espaço universitário, concretizado no projeto de extensão “*Senta que lá vem a história*”: contribuições para a linguagem.

A presente obra é fruto das discussões, estudos e relatos de participação no projeto realizado pelo curso de Pedagogia, da Universidade Estadual do Paraná do campus de União da Vitória, com atividades iniciadas em 2018.

Iniciou de uma forma simples, por um pequeno grupo de acadêmicos que compactuavam dos mesmos sonhos, até conquistar um espaço que extrapola os muros da universidade, próprio da extensão. Junto à comunidade parceira dos centros municipais de educação de União da Vitória no Estado do Paraná e de Porto União no Estado de Santa Catarina, ampliou-se também aos municípios circunvizinhos, com momentos de contação de história para crianças de 4, 5 e 6 anos e curso de formação de contadores para a comunidade, universitários e acadêmicos do curso de Pedagogia. Os sonhos foram se expandindo, como jogar as pedrinhas em um rio e os círculos que se formam irem se ampliando.

Todavia a proposição do projeto continua a mesma, com a simplicidade inicial de garantir o acesso à literatura infantil com as narrativas orais de histórias e, conseqüentemente, potencializar o desenvolvimento das funções mentais superiores e a emancipação humana. Por outro lado, proporcionar aos estudantes do curso de Pedagogia momentos de estudo, debate e espaço no qual possam desenvolver ações integrando extensão, ensino e pesquisa, propiciando a formação acadêmica inicial no movimento da práxis.

Em tempo de pandemia, o projeto foi se reinventando, agindo em várias frentes, com equipes para contação de história via redes sociais - facebook (<https://www.facebook.com/ProjetoSentaQueLaVemHistoria/>), canal no youtube ([https://www.youtube.com/channel/UCLZh5HfmNm7vsYMdo0z7 -A](https://www.youtube.com/channel/UCLZh5HfmNm7vsYMdo0z7-A) ) e página no instagran (<https://www.instagram.com/sentaquelavemhistoria001/> ), cujo objetivo é apresentar e compartilhar as ações do projeto com a comunidade, por meio das lives, dos posts e dos vídeos. Outra ação foi a confecção dos kits Imaginação Criativa que tem a

finalidade de contribuir com a imaginação, a linguagem, a memória e atenção e o desenvolvimento do pensamento. Esses Kits, que compõem dedoches e fichas de sequência de histórias todos feitos com reaproveitamento de material, são enviados aos alunos do infantil 5 e 6 da rede municipal de ensino de União da Vitória.

O coletivo de contadoras é composto por acadêmicas do curso de Pedagogia, egressas do curso e as professoras do curso de Pedagogia, que realizam um trabalho alicerçado na cooperação, coletividade e criação. Todas são protagonistas, empoderadas, formadoras, mulheres, contadoras de história e escritoras.

O objetivo da obra é apresentar os textos narrativos sobre discussões teóricas e práticas de contadoras de histórias, advindas do projeto de extensão “*Senta que lá vem história*”: contribuição para a linguagem, que é o espaço para desconstruir ideias e pensamentos, reelaborando concepções e práxis. Ao escutar histórias, estimula-se a imaginação, educa, instrui, auxilia no processo de leitura e escrita, atividade interativa que potencializa a linguagem infantil, possibilitando a aprendizagem e o desenvolvimento da responsabilidade e a auto expressão, construindo seu conhecimento sobre o mundo e sua identidade.

Contar história é criar imagens no ar, materializar na palavra, usando do corpo e voz para as narrativas, propondo diálogo com as dimensões do ser, sendo mais que técnicas de ler e dramatizar histórias, uma vez que nas narrativas existe um protagonista que é o contador de história. O ato de contar histórias não é uma opção ingênua, mas é uma maneira de olhar o mundo, que se revela nas escolhas, por isso é uma escolha política, epistemológica e metodológica!

# NARRATIVAS ORAIS DE HISTÓRIAS EM CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO<sup>1</sup>

Claudia Maria Petchak Zanlorenzi  
Paola Helena Muxfeldt Morandi da Silva

## Introdução

“A história da criança começa antes da primeira vez que o professor coloca um lápis e lhe mostra como formar letras. [...] Podemos até mesmo dizer que quando uma criança entra na escola, ela já adquiriu um patrimônio de habilidades e destrezas que a habilitará a aprender e escrever em um tempo relativamente curto.”

(LURIA, 2017, p. 143)

As narrativas orais, ou contação de histórias como é comumente conhecida, é uma atividade recorrente no espaço escolar. Várias são as possibilidades que as narrativas desenvolvem nos alunos, como por exemplo, o desenvolvimento das funções mentais superiores como a linguagem, o pensamento, a memória e a abstração, uma vez que a medida que a criança participa de momentos de narrativas orais, seu pensamento vai se desenvolvendo com mais logicidade. Diante disso, como os professores compreendem essas possibilidades e como se utilizam das narrativas na sua prática pedagógica?

O presente artigo tem por finalidade apresentar o recorte de uma pesquisa, que teve como sujeitos os

---

1. Parte desse artigo foi apresentado no V Congresso Brasileiro de Alfabetização em 18,19, 20 de agosto de 2021, Universidade do Estado de Santa Catarina- Florianópolis- SC.

professores dos anos iniciais, em um município do Sul do Paraná, com o objetivo geral de investigar a visão dos professores dos anos iniciais sobre a contribuição das narrativas orais de histórias para a aprendizagem dos alunos de classes de alfabetização. Especificamente, objetiva-se: analisar os pressupostos teóricos sobre as narrativas orais em seus aspectos históricos, sociais e pedagógicos; analisar os pressupostos metodológicos sobre as narrativas orais em sala de aula de pré escola e alfabetização e investigar a visão dos professores sobre a contribuição das narrativas orais para a aprendizagem, bem como, apontar as fragilidades e lacunas existentes na concepção destes profissionais.

A pesquisa foi de cunho qualitativo, utilizando a pesquisa bibliográfica e de campo, do tipo amostragem não probalística. Para pesquisa bibliográfica, foram utilizados autores que discutem sobre narrativas orais e para a pesquisa de campo os sujeitos foram os professores da pré escola (infantil 5) e de classes de alfabetização (1º ano), da rede pública municipal de ensino. Para a coleta de dados utilizou-se um questionário via formulário do *Google Docs*, por intermédio da Secretaria Municipal de Educação, o qual teve a anuência do Comitê de Ética<sup>2</sup>.

Para este texto, especificamente, foi feito um recorte com o intuito de apresentar a análise de uma temática advinda dos dados gerais coletados, no que concerne a utilização das narrativas na prática pedagógica. Entretanto, o artigo não tem a intenção de esgotar o assunto, outrossim, pretende-se apresentar reflexões provenientes do estudo já realizados.

O texto iniciará com uma discussão sobre a contribuição das narrativas orais para o desenvolvimento

---

2. Parecer 4.197.511, de 06 de agosto de 2020. Comitê de Ética Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

do sujeito e na sequência serão apresentadas as reflexões, fragilidades e potencialidades provenientes da análise dos dados. Espera-se, com esse trabalho, contribuir com a valorização das narrativas orais de histórias e com sua densidade conceitual, para além de um mero passatempo ou como pretexto.

### Narrativas orais de histórias e seus aspectos conceituais

Em meio à aceleração das mídias, das tecnologias, a participação em contação de histórias constitui-se cada vez mais como um contraponto, haja vista caracterizar-se como espaço de experiência coletiva simbólica.

A ato de narrar histórias é uma arte milenar e está atrelada à formação humana e ao uso da palavra. Da utilização como explicação dos mitos, lendas, causos até como forma de disseminação e acesso à literatura, uma vez que é “a primeira forma consciente de comunicação literária” (SHEDLOCK, 2004, p. 20), as narrativas orais proporcionam muito mais do que a perpetuação de uma cultura.

O homem, como ser histórico, nasce com o potencial para ser humano, ou seja, a partir de suas condições materiais de vivência que ele vai se humanizando, o que lhe difere dos animais que utilizam somente o instinto. Essa diferença tem como cerne a possibilidade do sujeito intencionalizar a sua ação, ou seja, de projetar mentalmente o resultado de seus interesses e necessidades com a “[...] superação do ser hominizado em direção ao ser humanizado, processo que, para se efetivar, demanda a inserção de cada indivíduo particular na história do gênero humano.” (MARTINS, 2013, p. 10). Neste sentido, a efetivação da linguagem como um sistema de signos é

primordial para a subjetividade humana, haja vista que “a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, 125). A partir da relação com natureza e o intercâmbio entre os indivíduos, o que envolve não só os mecanismos biológicos e elementares e sim os aspectos sociais, é que o homem se torna sujeito histórico.

Por meio do intercâmbio entre os homens, como um processo interpessoal e objetivo, a linguagem irá transformar-se em um processo interno, intrapessoal, subjetivo: como instrumento de mediação e instrumento intelectual. A mesma, especificamente, como um organismo vivo e histórico, “carrega consigo os conceitos generalizados, que são a fonte do conhecimento humano.” (LURIA, 2017, p. 26).

É por meio dessa internalização que se dá a construção do pensamento consciente e que conseqüentemente determina outras funções psíquicas como a memória lógica, atenção voluntária e a formação de conceitos, uma vez que “O crescimento intelectual da criança depende de seu domínio dos meios sociais de pensamento, isto, é da linguagem.” (VIGOTSKI, 1987, p. 44).

Nesse viés, a linguagem como potencializadora não pode ser caracterizada somente em seus aspectos formal e instrumental, mas sim na sua dialogicidade, numa perspectiva de totalidade, como forma de humanização. A exposição oral é um “[...] grande meio de expressão e de atividade. [...] enquanto prática social é inerente ao ser humano, [...] a porta de nossa iniciação à racionalidade.” (MARCUSCHI, 2003, p. 35), ou seja, para qualquer questão que envolva o conhecimento, o domínio da linguagem é primordial.

Em face ao exposto, afirma-se a necessidade de momentos que oportunizem as crianças vivenciarem

ações que incentivem a linguagem, enquanto processo interpessoal para intrapessoal. Dentre elas, defende-se a utilização das narrativas orais de histórias, ou contação de histórias, pois considera-se esses momentos como espaços preponderantes para o desenvolvimento da criança, desde pequena.

Muito além de considerá-las em seus aspectos apenas pragmáticos, faz-se necessário reflexões, discussões e debates que possibilitem proporcionar a densidade conceitual que a narrativa oral de história merece, como também considerá-la como arte de “intercambiar experiências.” ( BENJAMIN, 1994, p. 198), tanto para aquele que ouve como para a aquele que conta história, numa duplicidade mútua de aprendizagens.

Muito embora comumente no espaço escolar seja resumida a um passatempo, volta a calma ou hora do conto na biblioteca, a participação das crianças em momentos de narrativas orais, por meio da linguagem do outro possibilita que desenvolvam a sua própria narrativa e, conseqüentemente, formando-se como sujeitos históricos e sociais. Ao ter contato com o encantamento das narrativas por um contador de histórias, experimentam o ato de disseminar a palavra e com ela a beleza dos encadeamentos tanto os estruturais da linguagem como os simbólicos, ou seja, respectivamente, aqueles que são cognoscíveis já na superfície da linguagem, ou aqueles que necessitam o aprofundamento semântico.

Todavia, enquanto dialogia enunciativa, no espaço educacional, a contação de histórias não pode ser relegada à coadjuvante, como pretexto para algo ou com fins moralizantes. Nesse viés, vários autores tratam da contribuição da narrativa oral de histórias, destacando-se: Matos, Sorsy (2009), Sisto ( 2005), Girardello (2004), Machado (2004, 2015 ). Os referidos autores são unânimes

em considerar a necessidade do espaço da narrativa oral com um fim em si mesma e não apenas como ponte para conteúdos, comportamentos ou mera estratégia didática, respeitando sua soberania, seja como arte, seja como linguagem, seja na sua especificidade pedagógica.

Neste viés, a história não pode ser tratada como forma de indicar algo, na imposição de dizer alguma coisa, mas sim ela se revela a cada pessoa, ela reverbera em cada pessoa no seu momento, conforme o seu contexto, sua intuição, suas inferências. Por tanto, utilizá-la como pretexto é abortar a característica simbólica da narrativa e deturpar o momento de desenvolvimento pontual e próprio dessa fonte de conhecimento. Não há necessidade de explicação adicional ao final da história, pois a cada contação, mesmo que feita de forma subjacente, o ouvinte irá dar-lhe um significado, refletirá sobre uma questão que lhe chamou a atenção, relacionará com sua vivência ou apenas se deleitará com as reverberações e ressonâncias dos efeitos da palavra estilisticamente polida e escolhida pelo narrador.

Sem ter consciência da contribuição das narrativas orais de histórias como arte da palavra, ao utilizá-la somente para fins aleatórios a seu próprio estatuto, essa arte pode escapar, “[...] já que via de acesso que se oferece a ela não é o encantamento, mas a realização de conteúdos programáticos, na maioria das vezes enfadonhos e obscuros” (MACHADO, 2015, p.16), subestimando as narrativas orais e suas especificidades em função formativa cultural, social e educativa.

No espaço escolar, as narrativas orais, sem as amarras de uma imposição programática, instauram momentos de aprendizagem que ultrapassam o mero momento de deleite e divertimento. Uma vez considerada em sua particularidade, ela produz efeitos preponderantes para a aprendizagem da linguagem: compreensão da estrutura

narrativa, alargamento de referências imagéticas, função qualificativa da adjetivação, a escrita poética, o aumento do vocabulário, inferência, a projeção de ações, entre outros, a depender da faixa etária que estiver sendo trabalhada, efeitos que estão intimamente relacionados ao desenvolvimento psicológico das funções mentais superiores como já foi apontado.

Para tanto, [...] como a mão do oleiro na argila do barro.”(BENJAMIN, 1994, p. 205), aspectos devem ser levados em consideração para uma narrativa oral de história e o professor (contador) deve estar atento a essa questão, o que envolve escolhas, entre elas: a história que deve querer ser contada, ou seja, o contador deve ter vontade de oralizar a história e conhecê-la; a observação do tempo e do espaço, da faixa etária; e que, notadamente, “A história tem que ser sempre ‘maior’ que o contador.” (SISTO, 2005, p. 43- grifos do autor). Por mais performático que seja o contador, esse não deve sobressair ao espaço da história, pois ao invés do público dedicar sua atenção aos fios que tecem a narrativa, direcionam à performance de quem conta, haja vista que “O excesso da ênfase é a ruína de toda narração”(SCHEDLOK, 2004, p. 28). Todavia, essa questão não pode ser impeditivo para a preparação da narrativa.

Narrar uma história não é nem dramatizar uma história e nem ler uma história. O contador deve se aprofundar na técnica dessa arte, por não ser um mero falar uma história, pois “[...] a palavra do contador não é apenas falada; ela é mostrada pelo corpo, pelo rosto, em cada gesto. Todo corpo deve estar em sintonia com cada palavra proferida. ”(MATOS, SORSY, 2009, p. 35). Portanto, para surpreender a plateia, de qualquer idade, é imprescindível abusar do inusitado, pela expressividade facial, corporal,

entonação da voz, pela sutileza imagética que a palavra, o olhar, o gesto podem pressupor ao ouvinte.

Esses recursos são primordiais para que a narrativa oral, além de esteticamente bem executada, faculte ao contador a “[...] capacidade de transmutar imagens internas em configurações de linguagem, ordenadas poeticamente.” (MACHADO, 2015, p.16).

Nesse sentido, as narrativas são possibilidades potencializadoras de habilidades linguísticas, uma vez que a criança está exposta à linguagem. Romeo ( et ali, 2018, p. 700) aponta que “A exposição precoce das crianças à linguagem afeta suas habilidades linguísticas posteriores, habilidades cognitivas e desempenho acadêmico, e grandes disparidades na exposição à linguagem estão associadas ao status socioeconômico familiar”. É importante salientar que outros condicionantes envolvem a aquisição dessas habilidades e sendo assim, longe de generalizações, a questão do status econômico não é a única a determinar tal situação. Todavia, esse indicador exposto pelos pesquisadores, indicam reflexões sobre o ensino para as crianças de escolas públicas e de suas menores condições socioeconômicas. É nesse sentido, que se defende a garantia do espaço das narrativas orais de histórias para aqueles que por ventura não têm um ambiente educativo e extra escolar, em seu dia a dia.

Diante ao exposto, as reflexões apresentadas acima tiveram a finalidade de dar densidade conceitual às narrativas orais de histórias e apresentar, mesmo que brevemente, a contribuição das mesmas. Entretanto, será que os professores possuem esse conhecimento em relação à contribuição das narrativas orais de histórias? Tendo como problemática essa questão, a próxima seção apresentará uma pesquisa realizada com professores dos anos iniciais e que atuam na rede pública. É importante

salientar que a discussão que será apresentada não tem o intuito de apontar receitas de como trabalhar, nem fazer negativamente a crítica, mas sim apresentar aspectos, lacunas, fragilidades e potencialidades que poderão direcionar ações para o aprofundamento da temática em futuras formações docentes.

### Reflexões sobre a narrativa oral em classes de alfabetização

A pesquisa que foi realizada em um município do Sul do Paraná, constitui-se do tipo amostragem não probalística, a partir de um questionário via formulário *google docs* direcionado aos professores dos anos iniciais da rede municipal de ensino, especificamente da pré escola (infantil cinco) e do primeiro ano, devidamente aprovado pelo Comitê de Ética. As perguntas que versaram o questionário e que delimitaram as temáticas analisadas foram: sobre a utilização das narrativas orais na prática pedagógica e quando utiliza; como faz a narrativa oral de histórias e se utiliza algum material; para que utiliza a narrativa de história; qual sua contribuição.

Primeiramente, foi solicitada a autorização à Secretaria Municipal de Educação, responsável por essas etapas de ensino, que disponibilizou os questionários aos sujeitos via e-mail. Foram enviados para trinta e três sujeitos, tendo retorno de doze respostas. Uma vez que a pesquisa era por amostragem, esse número de respostas, mesmo que menor, forneceu reflexões preponderantes para os questionamentos da pesquisa e reflexões, bem como planejamento de futuras ações.

Para esse artigo serão apontadas questões alusivas ao questionamento “em que as narrativas orais de

histórias contribuem para a aprendizagem do aluno na alfabetização”, com o intuito de discutir o entendimento dos docentes e a importância que dão à mesma.

Para a apresentação das reflexões coletadas nos dados, foi feito um recorte a partir da temática que parecia com mais proeminência nas respostas e que deram base para análise dos dados. Os sujeitos, em sua grande maioria, apontaram as narrativas orais como contributo para aprendizagem da leitura e como possibilidade de incentivo à leitura. Mesmo com outras palavras, as respostas culminavam para esse apontamento, conforme abaixo:

[...] o interesse pelas práticas de leitura e escrita. (P1).

[...] prazer em ouvir história tornando-se futuramente um leitor(P3);

[...] A interação da criança com a leitura desde muito cedo, faz com que ela saiba trabalhar com a interpretação utilizando sua concentração, boa percepção dos fatos e sua sequência, obtenha maior facilidade no desenvolvimento da escrita. (P9)

[...]o contato com histórias despertando o interesse pela leitura. (P10)

Oralidade leitura e escrita. ( P11)

[...] através das histórias os alunos são imersos no mundo da leitura e da fantasia. (P12)

As respostas acima apresentadas demonstram uma confusão conceitual recorrente, quanto se trata da diferenciação entre mediar a leitura e narrar uma história. Enquanto a mediação de leitura necessita de um suporte, o livro especialmente, e com isso o foco é a visão, o contar história utiliza a sonoridade das palavras, tendo como

foco a audição. Muito embora o contador utilize apoio nos gestos, nas expressões faciais, na cadência do corpo,

Contar um conto não é ler um conto. A leitura em voz alta é uma atividade enriquecedora e muito apropriada para despertar o gosto pelos livros, mas, no âmbito em que trabalha o narrador, costuma ter algumas limitações. Também não é dizer um monólogo teatral. Além do mais, a fronteira entre uma e outra atividade é ambígua [...]. Ao narrar um conto empregamos nossas palavras, que podem ser diferentes a cada vez que contamos. (ORTIZ, 2004, p 104).

Por isso, ao ser manifestado que a narrativa oral de história contribui com a leitura, concorda-se, caso após a contação, incentivar a leitura do livro ou do texto de onde foi retirado. Todavia, especificamente, as narrativas orais de histórias contribuem para outras questões de desenvolvimento, como já foi discutido no primeiro item desse artigo.

Faz-se necessário a compreensão da importância de experiências e contato com a arte da palavra, não como preparação para algo a ser cobrado, avaliado, como por exemplo, a leitura, mas sim como potencializadora do desenvolvimento do que é do âmbito próprio da narrativa, ou seja, propulsora de imagens internas, de acesso a um vocabulário, a uma sequência narrativa que porventura poderá fornecer recursos às escolhas estilísticas para produção textuais, na compreensão da linguagem, entre outras particularidades.

Nesse viés, outra resposta que apresenta que as narrativas precisam ser melhores exploradas, principalmente no ambiente escolar e na formação docente,

seja inicial ou permanente, aparece quando o participante 9, comenta que *“A interação da criança com a leitura desde muito cedo, faz com que ela saiba trabalhar com a interpretação utilizando sua concentração, boa percepção dos fatos e sua sequência, obtenha maior facilidade no desenvolvimento da escrita.”* Verifica-se, mesmo de forma implícita, que a narrativa não tem um espaço próprio, a não ser como coadjuvante, sendo utilizada com fins pretextais.

Destaca-se que não é intuito julgar os objetivos pedagógicos dos participantes, porém muitas vezes, “os educadores parecem tão preocupados com os conteúdos que não percebem as possibilidades dessa prática em si mesma; com o intuito de se utilizarem deste momento como mera ferramenta” (BELLO, 2004, p. 161), desconsiderando o seu estatuto próprio e as possibilidades que proporciona para o desenvolvimento humano. Assim, ao ser apontado que a contação de histórias é ponte para o desenvolvimento da leitura, é considerá-la como pretexto. Diante disso, é necessário

[...] evitar o didatismo e a lição de moral; os estereótipos da palavra e dos gestos; o maniqueísmo e os preconceitos; o óbvio, o modismo e o lugar comum. Em geral, na escola, a escolha de um texto para se contado tem quase sempre, o poder de determinar conteúdos a serem estudados. Mas, quando a história contada vem em função de instaurar um espaço lúdico, ela pode gerar um outro tipo de expectativa: não mais a da cobrança, mas a do encantamento. (SISTO, 2005, p. 23)

Quando se trata de alfabetização, muitas vezes resume-se a aprendizagem somente do sistema de escrita

alfabética e sua apropriação pelo aluno, esquecendo-se que essa aprendizagem abrange uma totalidade e não apenas a codificação e decodificação de um código. Várias questões são envolvidas tanto preliminarmente, como durante essa apropriação, e a narrativa oral de história, em sua especificidade, irá auxiliar de forma preponderante. Por exemplo, ao proporcionar momentos de contação, os alunos têm a oportunidade de desenvolver a capacidade de compreender como se procede uma sequência de ideias de uma forma lógica e que tal fato auxilia no seu desenvolvimento da linguagem e do pensamento e não apenas para escrever um texto corretamente. A questão que se defende é a necessidade de considerar o ensino na sua totalidade e não estanque e fragmentado, e que a narrativa oral de história, em sua unidade, contribui para essa totalidade.

Por fim, destaca-se que as narrativas orais de histórias devem ser também o foco de mais estudos e reflexões, para que as fragilidades, brevemente apresentadas no recorte de pesquisa, sejam indicadores para a necessidade de formações específicas que dediquem leituras, discussões e práticas que proporcionem um olhar que ressignifique a narrativa oral de histórias como propulsora do desenvolvimento do sujeito, principalmente a linguagem, e não como pretexto para conteúdos, projetos ou comportamentos.

## Considerações Finais

O presente texto não teve a intenção de esgotar o assunto e sim apresentar um recorte de pesquisa. Os resultados, mesmo preliminares, apontam que as contribuições das narrativas orais de histórias para a alfabetização são secundarizadas, não são consideradas

em seu potencial para o desenvolvimento humano e sim somente como pretexto para ensino de conteúdos, tornando-se apenas uma estratégia pedagógica.

Diante dessas primeiras reflexões, verifica-se fragilidades sobre o entendimento dessa arte da palavra, como por exemplo, a falta de conhecimento sobre as narrativas orais de histórias para além de seus aspectos pragmáticos. Nesse aspecto, é possível inferir que essas são consideradas como estratégias didáticas, direcionadas ao fazer, e não em seu saber científico, fato que muitas vezes resume-se ao senso comum e não aos seus fundamentos teóricos. Essas lacunas apontam a necessidade de uma formação docente que, além de discutir o como contar histórias, direcione prioritariamente ao porque e para que contar histórias.

Espera-se que o presente texto, mesmo que brevemente, suscite pesquisas e discussões sobre as narrativas orais de histórias em sua especificidade como saber e não apenas como uma técnica ou estratégia de ensino.

## Referências

BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12<sup>a</sup> ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BELLO, S. C. Por que devemos contar histórias na escola? In: Gilka Girardello (org.). **Baús e chaves da narração de histórias**. 2 ed. Florianópolis: SESC/SC, 2004.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, v.1. 7 ed. [Trad. Sérgio Paulo Rouanet]. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

COELHO, B. **Contar histórias uma arte sem idade**. 10.ed. São Paul: Ática, 1999.

GIRARDELLO, G. (2004). **Voz, presença e imaginação: a narração**

**de histórias e as crianças pequenas.** Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, 2004. Disponível: <http://nica.ufsc.br/index.php/publicacoes/gilka>. Acesso: 14/01/20121.

LURIA, A.R. O desenvolvimento da escrita na criança. VIGOTSKI, L. S; LEONTIEV, A. N.; LURIA, A. R. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 15ª edição - São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 2017. P.143-189.

MACHADO, R. **A arte da palavra e da escuta.** São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.

MACHADO, R. **Acordais:** fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

MATOS, G. A; SORSY, I. **O ofício do contador de histórias:** perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar. 3ªed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita :** atividades de retextualização. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINS, L.M. **O desenvolvimento do Psiquismo e Educação Escolar:** contribuições à luz da Psicologia Histórico – Cultural e da Pedagogia Histórico Crítica. Campinas-SP: Autores Associados, 2013.

ORTIZ, E. Ler, interpretar e recitar... In: Gilka Girardello (org.). **Baús e chaves da narração de histórias.** 2 ed. Florianópolis: SESC/SC, 2004.

ROMEO R.R; LEONARD, J.A; ROBINSON, S. T; WEST, M. R.; MACKAY A.P.; ROWE, M. L.; DE GABRIELI, J. **Além da lacuna de 30 milhões de palavras:** a exposição das crianças à conversa está associada à função cerebral relacionada à linguagem. Ciências psicológicas . 2018; 29 (5): 700-710. doi: 10.1177 / 0956797617742725. Disponível: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0956797617742725>. Acesso: 09/02/20121

SCHEDLOCK, M.L. Da introdução de A arte do contador de histórias. In: Gilka Girardello (org.). **Baús e chaves da narração de histórias.** 2 ed. Florianópolis: SESC/SC, 2004.

SISTO, C. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias.** 2 ed. Curitiba-PR: Editora Positivo, 2005.

VIGOSTKI, L.S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

# A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E A ARTE: DESENVOLVIMENTO DA IMAGINAÇÃO CRIATIVA NA INFÂNCIA

Andréia Bulaty

## Introdução

*O sujeito do desejo é um sujeito que  
interpreta o mundo*

(CHARLOT, 2005, p. 20).

Para essa reflexão, a citação de Charlot se mostra pertinente ao trazer o conceito de mobilização que difere de motivação, pois a motivação tem ligação com a aprendizagem e relação com algo externo ao sujeito, enquanto a mobilização tem relação direta com o desejo, com o interno do indivíduo. Sendo assim, que a contação de história seja o momento de mobilização para contribuir com a formação humana cultural.

Esse estudo tem como tema a relação entre a Arte e a contação de história que são, sem dúvida, mobilizadoras ao desenvolvimento do processo criativo humano. Acima de qualquer argumento, sabe-se que a Arte e a contação de história são, sempre foram e sempre serão, excelentes fontes de comunicação, conhecimento, expressão humana e criatividade. Existentes desde os primórdios da humanidade, ambas são patrimônio cultural das civilizações, pois registram e expressam ao longo dos tempos a linguagem simbólica que comunica significados, os quais representam a decodificação e a compreensão do modo de vida, os sistemas de valores, as tradições e as crenças de um povo, assim como, contribuem para

o desenvolvimento da percepção, da imaginação e da criatividade humana.

Nesse viés, o objetivo desse estudo ganha corpus visando a discutir que a contação de história e as artes visuais se entrelaçam no desenvolvimento da imaginação criativa da criança. Desta forma, partimos da necessidade de compreender quais são e de que forma ocorrem as contribuições para o sujeito aprendente. Para responder a esse apontamento, será realizado um estudo teórico sobre o tema, ou seja, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, recorrendo aos arcabouços teóricos do campo do conhecimento das artes visuais, dos autores referências para a contação de história e a imaginação criativa.

## A arte e o desenvolvimento cultural da infância

A Arte é campo de conhecimento e espaço de expressão, da mesma forma é compreensão de si e do contexto social, sendo o eixo condutor da relação com o saber. Assim, partimos do princípio de que, na relação com o saber a criança entende o mundo, ou seja, é a compreensão de que a criança não é determinada pelo contexto em que vive, mas ela se relaciona com o contexto, fazendo escolhas, age, cria, transforma e, ao mesmo momento, é transformada pelo conjunto social, cultural e histórico em que vive.

No processo de constituição do homem que transforma a natureza e é transformado por ela, que se difere do animal pelo trabalho e pela consciência intencional da ação, tem na busca pela sobrevivência suprir suas necessidades, estabelecendo relação com a natureza e a modificando, a arte também modifica o homem na relação

do mesmo consigo e com o mundo. A arte é imprescindível à vida humana, tem proximidade com a práxis, sendo a arte a expressão na relação com a sociedade, com o próprio criador e com o contexto (KOSIK, 2002). Trata-se, assim, de um conhecimento acumulado historicamente que oferece à criança uma visão das manifestações de potencialidades, desafiando a mesma a criar e recriar.

A sensibilidade estética vai sendo desenvolvida pelo homem no processo de humanização, assim como a criança, que vai desenvolvendo essa mesma sensibilidade ao longo de sua formação. A arte adquire uma dimensão estética, quando os fenômenos naturais começam a ter significado humano e social para o homem, ou seja, os sentidos humanos se constituem humanos durante o processo de vida, que é histórico e, ao mesmo tempo, social (CARVALHO, 2008). Isto é, a criança se desenvolve na relação com os outros - crianças, professores, família, amigos - com a natureza e consigo mesma, tendo nas experiências passadas e vivências o desenvolvimento da dimensão criativa e a intencionalidade da ação, realizando a práxis que é estruturada no percurso humano, sendo um exercício individual e ao mesmo tempo coletivo, vindo a transformar o contexto social à medida que transforma a si própria.

Segundo Carvalho (2008), no processo de humanização, a criança se apropria das produções culturais dos outros seres humanos e se constitui humana nesta relação que estabelece com as produções culturais, humanas e históricas, ocorridas no desenvolvimento da aprendizagem. É na relação de ensino e aprendizagem que a criança se apropria e ao mesmo tempo se torna parte desse contexto, como defende Kosik (2002, p.134) “o homem descobre o sentido das coisas porque ele cria um sentido

humano para as coisas”<sup>1</sup>, ou seja, a criança é partícipe do processo pelo qual ela descobre, imagina, intencionaliza, cria e transforma a natureza.

Portanto, a arte intensifica o desenvolvimento de sensibilização estética humana e a relação de aprendizagem, quando o aprender e o ensinar não são vistos como acúmulo de técnicas apenas, mas como potencializadores do processo de humanização, da significação singular e da criação.

Segundo Carvalho (2008), o homem precisa humanizar seus sentidos, visto que eles não são naturalmente humanos, mesmo o homem nascendo já com potencial para ser humano, ele só deixa de ser biológico, para ser humano nas relações culturais e sociais, isto é, na interação com o outro.

Esse processo de criação e desenvolvimento da sensibilidade humana, que integra o processo dialético da construção homem-mundo, não ocorre, logicamente, na individualidade isolada, mas a práxis humana é coletiva, dá-se no âmbito comunitário, social (PEIXOTO, 2003, p. 43).

A arte é uma realidade social, construída pelo homem na práxis, assim, a arte é um momento de desenvolvimento cultural da criança, no qual se busca conhecimentos intelectuais, estéticos, sociais que permitem a ela uma consciência individual sem perder a perspectiva

---

1. Portanto, “um homem com sentidos desenvolvidos possui um sentido também para tudo quanto é humano, ao passo que um homem com sentidos não desenvolvidos é fechado diante do mundo e o ‘percebe’ não universal e totalmente, com sensibilidade e intensidade, mas de modo unilateral e superficial, apenas do ponto de vista do seu ‘próprio mundo’, que é uma fatia unilateral e fetichizada da realidade” (KOSIK, 2002, p. 134).

da convivência social. Nessa linha de pensamento Kosik (2002, p.139), defende que a arte “é parte integrante da realidade social, é elemento da estrutura de tal sociedade e expressão da produtividade social e espiritual do homem”. A arte é a expressão que revela e exprime o mundo.

A arte tem a capacidade de mostrar ao homem sua trajetória (MELO, 2001), e, conseqüentemente, a criança precisa da arte para compreender e comunicar-se com os termos da sociedade, atuando na mesma de maneira crítica e criativa, compreendo os processos que a envolvem.

A arte é uma realidade humana, assim como outros produtos da práxis da criança que vive no meio social, pois é nele que ocorre a interação com fatos econômicos, sociais, políticos, sendo “[...] a arte do mesmo modo realidade humana, embora de gênero e forma diversos, com tarefa e significado diferentes” (Kosik, 2002, p. 121).

Ao encontrar-se com a arte, a criança já tem a bagagem do conhecimento vivenciado durante sua vida, experiências e informações que recebe e o estrutura, nos diversos contextos sociais em que circula. A arte nesse contexto permite

recriar para a experiência de cada indivíduo a plenitude daquilo que ele não é, isto é, a experiência da humanidade em geral. A magia da arte está em que, nesse processo de recriação, ela mostra a realidade como passível de ser transformada [...] (FISCHER, 2002, p. 56).

A arte, no ato de humanização do sujeito, coloca a criança na posição de autora do próprio exercício de estruturação da consciência. Fazendo-a penetrar na realidade humana e social, pois, por meio do processo dialético, ocorre também a aproximação da criança consigo

mesma, momento em que ela passa a sentir, compreender, recriar e criar poéticas, isto é,

No processo criativo-fruitivo constitui fonte de humanização e educação do homem [...] não apenas frutifica em objetos artísticos, mas dialeticamente produz seu criador, constituindo-o como ser humano que sente, percebe, conhece, reflete e toma posição ante o mundo (FISCHER, 2002, p. 94).

Por isso que a arte é criação livre do pensamento, ao passo que, quando é vista como trabalho, sinaliza o agir humano objetivo e intencional que transforma a natureza e, assim, registra significado, compondo a realidade social humana.

À medida que a criança vai crescendo, se enriquecem os conhecimentos, criador e fruidor que desenvolve e aprimora sua humanidade. Por isso, não podemos aceitar que a criança, diante das condições contextuais da influência da indústria cultural, se adapte e se forme na semiformação cultural, que vai semiformar crianças bárbaras, embrutecidas dos sentidos, com deformação da criação poética e da circulação de conhecimentos.

A arte fomentada e disseminada pela indústria cultural é pobre e impede a reflexão dialética sobre os conteúdos sociais e da cultura. A Arte no viés de indústria cultural é aquela que está ligada a datas comemorativas, uma disciplina que aparece na escola para enfeitar mural, fazer lembrancinhas, sendo a contação de história um pretexto de início ao conteúdo, ou aquela que é realizada como passatempo, com fundo moral, dramatizado para as crianças ouvir apenas.

Acreditamos na arte e na contação de história como potencializadoras das experiências na escola e na vida da

criança. A escola é o local onde professores e alunos aprendem, ensinam e se humanizam. A escola é onde a criança,

Não tem uma relação com o saber, pois ele é relação com o saber. [...] estudar a relação com o saber é estudar o próprio sujeito enquanto se constrói por apropriação do mundo – portanto também como sujeito aprendiz” (CHARLOT, p. 2005, p. 42).

A criança se constitui ser humano na relação dialética com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Nessa relação, o saber em arte, se constitui historicamente e é socializado/ transformado entre os homens criadores e leitores.

No campo da arte, trazemos as artes visuais na Educação Infantil, que são utilizadas pelas crianças como expressão, não desconsiderando as outras linguagens – dança, teatro, música, mas tendo olhar sobre as artes visuais porque é, segundo Martins (2015), a rainha das linguagens artísticas que é a mais usada pelos alunos e professores na educação infantil. Elas apresentam oportunidades de desenvolvimento da aprendizagem da criança, possibilitando o conhecimento do mundo em que está inserido e a descoberta de potencialidades. São parte do cotidiano das crianças que se expressam, comunicam e demonstram seus sentimentos, pensamentos, emoções por vários meios, dentre eles: linhas, formas, rabiscos e desenhos em diversos materiais como papel, no chão, na areia, em muros, entre outros.

A criação artística expõe em imagens sonoras, visuais e/ou cênicas, o modo particular de apreender a realidade, que combina a percepção, a imaginação, o repertório histórico e cultural, a leitura de mundo, e concebe a sua maneira usando as formas, as cores dos movimentos, o

som, o ritmo, imaginando e criando o novo (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998).

A expressão da criança no desenho é uma mensagem visual, que transita em três níveis: o primeiro é representacional, é aquilo que vemos e identificamos, com o auxílio do meio ambiente e da experiência; no segundo aparece o abstrato fazendo relação com a qualidade sinestésica de um fato visual, reduzindo a seus componentes visuais básicos e elementares da criação de mensagem; e o terceiro nível é o simbólico que é composto pelo enorme universo de sistemas de símbolos modificados que o homem criou arbitrariamente e ao qual atribuiu significados a todos esses níveis (DONDIS, 2007).

As Artes Visuais na escola da infância podem ser representadas por toda forma de expressão visual como pintura, desenho, escultura, colagem, fotografia, cinema, arquitetura, o paisagismo, a decoração e as outras linguagens. Elas promovem a interação e a comunicação da criança, representam uma forma de linguagem para possibilitar o desenvolvimento da imaginação, da criatividade, da cognição, da intuição e da sensibilidade.

As artes visuais apresentam os elementos - ponto, linha, forma, direção, tom, cor, textura, dimensão, escala e movimento (DONDIS, 2007), que precisam ser trabalhados na educação infantil, podendo ser atrelados à contação de história e poética em artes visuais. Todos esses elementos, por vezes, estão unidos em uma poética, como por exemplo, no desenho a criança utiliza-se em grande parte do traço, da linha e também da cor que é utilizada na pintura, podendo trabalhar com a textura e as diversas dimensões que representam a história narrada.

É incontestável a importância da Arte na educação e na formação da criança, porque tudo que ela produz é reflexo da cultura da qual faz parte. Uma poética marca a

leitura de mundo e expressa o seu posicionamento frente à sociedade. É a exteriorização do pensamento e a crítica ao mundo em que vive.

Nas artes visuais, o desenho merece destaque, pois ele é utilizado pela criança pequena desde a tenra idade. Para o RCNEI<sup>2</sup> (BRASIL, 1998), o desenvolvimento do desenho é um processo de diversas mudanças, em que os riscos vão se tornando aprimorado até se tornarem símbolos, essa transformação ocorre através das interações que a criança tem com o meio e o ato de desenhar.

Assim, a criança recria, por meio da imaginação, o que ela já viveu em sua realidade, colocando as experiências culturais na criação, no qual o desenho é um processo “[...] complexo que envolve imaginação, realidade cotidiana, figuração, e tem como mediação a palavra. [...]” (FERREIRA, 2001 p. 151).

Na educação infantil, o tocar, o pegar, o sentir, o brincar, o experimentar, e o interagir representam toda a força que carregam em suas palavras e são eixos da ação pedagógica. Portanto é preciso respeitar que:

A criança é feita de cem. A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar, de jogar e de falar. Cem sempre, cem modos de escutar as maravilhas de amar. Cem alegrias para cantar e compreender. Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar. Cem mundos para sonhar. A criança tem cem linguagens [...]. (LORIS MALAGUZZI, *apud*, EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999, p. 5).

---

2. Referencial Curricular Nacional para a educação infantil.

A criança aprende enquanto senta para ouvir uma história, imagina cenas, deixa-se encantar pelo tom da voz de quem narra, embarca nas próprias fantasias e a imaginação aflora. Ao desenhar, a criança diz de si e do mundo que está conhecendo, descobrindo e desvendando. O desenho infantil é composto por etapas, estágios, fases, movimentos, qualquer que seja a nomenclatura demonstra que o desenho evolui conforme o crescimento da criança.

As artes visuais contribuem na formação da criança, respeitando a imaginação, o pensamento, a percepção, a intuição e a cognição. Uma formação política, cultural, socialmente autorreflexiva, em que se potencialize ao máximo a imaginação criadora e transformadora, realizada na poética infantil e na práxis.

## A contação de história e o desenvolvimento infantil

O ato de contar história acompanha o desenvolvimento do homem desde o surgimento da oralidade. Essa prática tornou-se um hábito que é utilizado por muitos para resgatar costumes, crenças, ensinamentos, sendo também um dos principais fins da contação de história a importância educacional e cultural, pedagogicamente utilizada por docentes nas escolas.

Com o passar do tempo, as pessoas perceberam que tinham habilidade para contar história e começaram a narrar, alguns buscaram especializar-se na área, já outros, foram repassando de geração a geração os ensinamentos. Assim, o contador de história tornou-se o centro da atenção popular, pela relevância que as histórias proporcionam a todos.

Na educação e, em especial, na educação infantil, a contação de história possibilita o incentivo à imaginação, ao ato de criar e recriar a realidade. Assim, “os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real” (RODRIGUES, 2005, p. 4). A história, narrada pelo contador, amplia as experiências vivenciadas a cada palavra falada, proporcionando à criança, a formação de identidade e contribuindo com a sua bagagem cultural.

A contação de história faz numa sociedade mecânica como a atual, a criança refletir sobre aspectos esquecidos, recompor os valores das experiências coletivas, e se constituir como ser humano, ou seja, “Contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser” (BUSATTO, 2003, p. 10).

Na educação infantil, contar história consiste em educar, conhecer os interesses pessoais, desenvolver o raciocínio, estimular a imaginação, favorecer a compreensão de situações desagradáveis e ajudar a resolver conflitos. Por isso, contar história tem relevância na formação infantil, pois é uma prática que enriquece o imaginário, a criatividade, a oralidade, também auxilia no desenvolvimento da linguagem, enriquece o vocabulário, incentiva a prática da leitura, transmite conhecimento e valores (RODRIGUES, 2005). Logo, é uma práxis crucial na formação da criança.

Portanto, os contadores se utilizam de histórias para basear-se no vínculo com a vida concreta, como também com o fictício. Quando ocorre a valorização das raízes, das manifestações culturais, das expressões artísticas, étnicas e de raças, também ocorre o compartilhamento da própria história, base sobre a qual se estruturam os processos identitários (FARIA; GARCIA, 2002), sendo possível, com os contos, visualizar as diferenças culturais,

constatando a expansão da nossa consciência ética e estética (BUSATTO, 2003).

A magia da contação de história permite que a criança viaje para qualquer local, sem sair do lugar, construindo o contexto da narrativa segundo o que é sugerido pelo contador, as palavras vão revelando as imagens “a partir das formas, cores, sons e sensações presentes no seu corpo” (BUSATTO, 2003, p. 55), isto é, contar história envolve a voz, o corpo e o gesto que descrevem os fatos.

Dessa maneira, a palavra contada adquire um aspecto rítmico, melódico, de certo modo visual, fazendo a criança ver o que se narra, dizendo mais que a camada fônica, representando a intenção, a força e a emoção, vindo a contação de história saltar de uma obrigação de ensinamento da moral, de um recurso didático para um prazer estético, uma noção de fruição, um exercício da linguagem para falar de si mesmo (SISTO, 2005), produzindo ecos na criança e no contador de história.

A história contada incentiva e desenvolve a criatividade, a imaginação, a expressão corporal, a alegria, também desenvolve a fala, a socialização, a memória, a concentração e incentiva a procura por livros. A criança precisa do mundo mágico, dos sonhos e fantasias para conseguir compreender o mundo real.

Contar histórias pode ser fermento para o imaginário. Elas nascem no coração e, poeticamente circulando, se espalham por todos os sentidos, devaneando, gatiando, até chegar ao imaginário. O coração é o grande aliado da imaginação nesse processo de produção de imagens significativas. Com o coração, a gente sente e vê internas as imagens que nos fazem bem. (BUSSATO, 2003, p.58,59).

A história contada possibilita à criança uma viagem pelo imaginário, passando do real à fantasia, sendo vistos os desenhos na mente, onde nada pode ser tocado, mas sentido pela criança ouvinte. Coadunando com Bussato (2003), Coelho (1997) esclarece que a história aquietta, prende a atenção, informa, socializa e educa as crianças.

A história viabiliza que criança sinta emoções por meio da articulação das palavras faladas, permitindo a ela descobrir o novo, viver experiências, relacionar-se com os colegas da turma, inculcando, assim, a socialização entre os pares. As histórias colocam os ouvintes frente a novas situações, despertando o interesse e a expectativa.

De modo geral, as histórias transportam o conhecimento acumulado pela humanidade, transmitido pelas ações das pessoas de qualquer lugar do mundo nas conversas sociais, sendo o ouvir uma história, o contar e o recontar, maneiras de preservar os valores e a cultura de um povo.

Há pouco tempo, elas foram redescobertas como fonte de conhecimento de vida, tornando-se também um grande recurso para educadores. Como advento da comunicação, ampliação dos seus recursos e da globalização das informações, a linguagem falada tende a definir, porém, concomitantes a esse desenvolvimento. (BUSATTO, 2003, p. 21).

Portanto, o significado de escutar e contar história é tão amplo, possibilitando descobrir o mundo, os conflitos, as dificuldades, e instigando a busca de soluções. Pois a ação de contar e ouvir histórias desenvolve um potencial crítico na criança, levando-a a pensar, duvidar, questionar, inquietar-se, querendo saber mais e melhor sobre a história.

Na educação infantil, a contação de história ganha espaço pelo seu aspecto lúdico e educativo, sendo verdadeiras fontes de sabedoria, de aquisição do conhecimento, que contribui com a formação da identidade da criança.

As narrativas orais tem propiciado o resgate dos valores tradicionais e da própria natureza humana, sendo que “A tradição oral dos contos, não só não reapareceu, como está ganhando força nos últimos tempos (BUSATTO, 2003, p.21), sendo utilizada nas práticas pedagógicas por diversos educadores.

A contação de história, na Educação Infantil, tem aparecido com frequência, pois a criança está na fase de conhecimento, descobrindo sentimentos, formas de resolver seus conflitos internos, assim como as personagens das histórias ouvidas. É com as histórias que as crianças descobrirão novos mundos, outras formas de agir e pensar.

Desta forma, através da contação de histórias, as crianças pequenas:

[...] enriquecem a experiência; desenvolvem a capacidade de dar sequência lógica aos fatos; dão o sentido da ordem; esclarecem o pensamento; educam a atenção; desenvolve o gosto literário; fixam e ampliam o vocabulário; estimulam o interesse pela leitura; desenvolvem a linguagem oral e escrita; as histórias são fontes maravilhosas de experiências. São meios preciosos de ampliar o horizonte da criança e aumentar seu conhecimento em relação ao mundo que a cerca. (BUSATTO, 2003, p. 23).

Nessa fase, em que a criança ainda não lê nem escreve, a história oportuniza o desenvolvimento da oralidade, da ampliação de vocabulário. É o momento de

desenvolver a atenção e a concentração, estando envolvido a isto ainda, o desenvolvimento da capacidade de sequência lógica, formação de conceitos, estimulando a criatividade e a interação sociocultural, pois “[...] o contar história como um ato social e coletivo, que se materializa por meio de uma escuta afetiva e efetiva.” (BUSATTO, 2003, p. 13).

Nessa perspectiva, a contação de história traz diversos benefícios ao desenvolvimento da criança, tais como:

- a. Expansão da linguagem infantil - enriquecendo o vocabulário e facilitando a expressão e a articulação;
- b. Estímulo à inteligência - desenvolvendo o poder criador do pensamento infantil;
- c. Aquisição de conhecimentos - alargando os horizontes e ampliando as experiências da criança;
- d. Socialização - identificando a criança com o grupo e ambiente, levando - a estabelecer associações, por analogia, entre o que ouve e o que conhece;
- e. Revelação das diferenças individuais - facilitando à professora o conhecimento de características predominantes em seus alunos, evidenciadas através das reações provocadas pelas narrativas;
- f. Formação de hábito e atitudes sociais e morais - através da imitação de bons exemplos e situações decorrentes das histórias, estimulando bons sentimentos na criança e incitando -a na vida moral;
- g. Cultivo da sensibilidade e da imaginação - condição essencial ao desenvolvimento da criança;

- h. Cultivo da memória e da atenção – ensinando a criança a agir e preparando – a para a vida;
- i. Interesse pela leitura - familiarizando a criança com os livros e histórias, despertamos, para o futuro, esse interesse tão necessário. (TAHAN, *apud*, RIGLISKI, 2012 p.10).

Convém ressaltar, portanto, que a contação de história é uma prática essencial, pois permite o desenvolvimento e a aprendizagem da criança em todos os aspectos, como afirma Tahan, na citação inicialmente mencionada. A contação de história possibilita à criança, desde pequena, a experiência dos sonhos, das fantasias e dos encantos, atrelada às artes visuais da criação poética. Na infância, irão se constituir as primeiras experiências de vida que serão a base da formação do caráter, da personalidade e da consciência.

Para Rigliski (2012), o ato de ouvir e contar história é direito da criança e, nessa perspectiva, Sisto (2010), aponta que o contador de história precisa ter preparo, exercício para comunicar, vindo no ato de contar história mobilizar uma série de forças, como: a voz, os gestos, o olhar, o texto, a emoção, a adequação, o corpo, a espontaneidade/naturalidade, o ritmo, o clima, a memória, a credibilidade, as pausas/silêncios e os elementos estéticos.

Todo o processo que envolve a narrativa possibilita que as crianças aprofundem a imaginação, a fantasia e registrem a criação poética da história na linguagem das artes visuais. Além disso, cabe destacar que a contação de história propicia a aprendizagem, tendo em vista que, a escuta fomenta na criança a sua imaginação criativa, aguçando as suas experiências passadas, a sua memória e a sua interação social.

Nesse sentido, no ambiente escolar, a prática de contar uma história ocorre a partir dos primeiros anos de vida da criança. Esse contato é inserido na cultura, pois ouvir história com frequência desperta o autoconhecimento, auxilia no desenvolvimento da identidade e prepara a criança para a vida em sociedade.

### A contação de histórias e as artes visuais: desenvolvimento da imaginação criativa infantil

A contação de história é uma ação interativa, que potencializa a linguagem da criança e recupera o conceito de sujeito protagonista do desenvolvimento, pois enquanto a criança interage no mundo real e da fantasia, formula e expressa opiniões, cria e recria conhecimentos. É no processo de interação social que se modifica o comportamento dos sujeitos envolvidos e, pelo contato e pela comunicação que se estabelece entre eles, se promove a aprendizagem e o desenvolvimento da criança e do contador de história.

Na interação propiciada pelo ato de contar história, a criança tem a possibilidade de falar, expressar e levantar hipóteses, imagina e (re)cria a história, resultando no desenvolvimento do conhecimento, pois, segundo Vigotsky(1998), o processo de ensino e aprendizagem se constitui nas interações que vão se dando nos diversos contextos sociais.

Uma vez a criança em contato com a contação de história, o processo que se inicia no coletivo social desequilibra os conhecimentos e vai tornando-se individual com a internalização de novos saberes, os quais podem ser expressos e comunicados na linguagem das artes visuais,

recriando ou possibilitando o surgimento de uma nova história com base numa inter-relação constante entre fatores internos e externos.

Segundo Coelho (1997), a contação de história é o momento de aprendizagem da criança que vai desenvolvendo a atenção, memória, informação, socialização e conhecimento, permitindo que ocorra a autoidentificação, isto é, momento em que a criança encontra situações semelhantes a sua vivência e busca resolver os conflitos. Assim, a contação de história implica na interação social da criança com o outro, o conhecimento e o mundo, sendo essa relação com o saber, elemento necessário ao processo de aprendizagem e de desenvolvimento humano.

O contador de história é aquele sujeito que, no ato da narração oral, vai potencializar a imaginação da criança que é a base da fantasia infantil, bem como, o processo criador é ação essencial de sobrevivência do homem, assim, “contar histórias é uma atitude multidimensional. Ao contar histórias atingimos não apenas o plano prático, mas também o nível do pensamento, e, sobretudo, as dimensões do mítico-simbólico e do mistério” (BUSATTO, 2003, p.45).

As narrativas orais de história existem há gerações e agradam a todas as idades e classes sociais, sendo o professor um contador que percebe e concebe a contação de história como potencialidade para o desenvolvimento da criança crítica e criativa, lembrando que “contar história não é nunca uma opção ingênua. É uma maneira de olhar o mundo (SISTO, 2010, p. 40).

A contação de história, como ao longo desse escrito, tem proposição clara de contribuir com a imaginação criativa da criança, não ficando restrito ao simples ato de leitura acompanhando de apresentação das imagens, ou de representar a história, em que a ação é passada pronta para

a criança. O foco está na narrativa que descreve a história, pois o personagem vai ser concebido pelo ouvinte com base nos elementos fornecidos pelo contador e, assim, o personagem e a história ganham vida na imaginação da criança (BUSSATO, 2003). Essa ação envolve o imaginário infantil. A capacidade de imaginar permite que a criança crie uma habilidade de entendimento e compreensão de histórias, desenvolvendo uma percepção e desafiando a imaginação e a criação de poéticas visuais.

A criatividade e a imaginação andam lado a lado e contribuem para o desenvolvimento da linguagem. A imaginação é um ato de criação e construção humana da criança, em que a linguagem mediatiza situações e constrói contextos, pois, é através da imaginação que a criança constrói elementos e modifica seus próprios contextos e realidades.

A linguagem libera a criança das impressões imediatas sobre o objeto, oferece-lhe a possibilidade de representar para si mesmos alguns objetos que não tenham visto e pensar nele. Com a ajuda da linguagem, a criança obtém a possibilidade de se libertar do poder das impressões imediatas, extrapolando seus limites (VIGOTSKY, 1998, p. 122).

A criança cria um mundo imaginário, partindo de suas experiências culturais e sociais, representando papéis e vivências. Assim, a linguagem das artes visuais é o momento em que a imaginação e a fantasia se tornam realidade registrada nas poéticas infantis. A poética é o resultado de todo processo de reprodução e imaginação criadora que ganha forma, catalogado na obra das artes visuais pela criança, perpassando a poiésis e chegando à poética.

Vigotski (2014), inicia tratando das atividades psicológicas humanas que é a atividade reprodutora e a atividade criadora. Atividade criadora é toda realização humana criadora de algo novo, ou seja, surgidas a partir de determinadas construções do cérebro ou dos sentimentos que vivem ou que se manifestam sozinhos no próprio ser humano; sendo que a atividade distingue-se em dois tipos básicos de impulsos: o reprodutor e o criador.

A atividade criadora pode iniciar reproduzindo as experiências acumuladas pelo homem que, segundo Vigotski (2014), está estreitamente ligada à memória que permite à criança reproduzir ou repetir normas de conduta já elaboradas. Essa capacidade reprodutora que garante à criança fixar as experiências passadas, reproduzi-las e, a partir delas, criar algo novo. Nosso cérebro “constitui o órgão que conserva as experiências vividas e facilita sua reprodução” (Vigotski, 2014, p. 8). No entanto, o cérebro possui outra função, que combina e cria.

Como explicar essa atividade criadora do cérebro? De onde surge? Como criamos? Vigotski (2014), esclarece que a psicologia chama de imaginação ou fantasia a esta atividade criadora do cérebro humano baseada na combinação. Ou seja, a fantasia não se contrapõe à memória, mas se apóia nela e dispõe seus dados em novas combinações, no qual o cérebro conserva marcas e sinais das excitações precedentes e, com novos exemplos, realiza as combinações.

Na verdade, a imaginação criativa não existe apenas quando se criam grandes obras históricas, acontecimentos grandiosos, privativa a grandes seres seletos e gênios, talentosos, mas existe por toda parte em que o homem imagina, combina, modifica e cria algo novo, não importando o tamanho do novo (VIGOTSKI, 2014, p. 15). Infelizmente, muitos professores e adultos enxergam

a imaginação infantil como apenas uma fantasia e não percebem o quanto ela é importante no desenvolvimento da imaginação criativa da criança.

No momento em que a criança expressa seus sentimentos e conhecimentos na poética visual, reconstruindo a história narrada pelo contador, ou mesmo quando a criança conta a própria história imaginada por ela na poética visual é o pleno desenvolvimento da atividade criadora fundamentada nas experiências vividas anteriormente que se entrelaçam com as atuais experiências. Assim como já defendia Vigotski (2014, p.17), que “quanto mais se veja, ouça e experimente, quanto mais aprenda e assimile, quanto mais elementos reais disponha em sua experiência, tanto mais considerável e produtiva será, para igualar a outras circunstâncias, a atividade de sua imaginação”.

Portanto,

[...] necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia. Qualquer invenção, grandiosa ou pequena, antes de firma-se, de realizar-se de fato, manteve-se íntegra como uma construção erigida na mente, por meio de novas combinações ou correlações, apenas pela imaginação (VIGOTSKY, 1998, p. 14).

Ou seja, a imaginação existe desde a tenra idade e é desenvolvida pela criança em diversos momentos, essencialmente na contação de história.

A contação de história atribui à criança o estímulo além da imaginação, a leitura, a ampliação do repertório

cultural das crianças e a criação de referenciais importantes ao desenvolvimento subjetivo da criança. Assim entendemos que a riqueza que a narrativa propicia na educação infantil é desenvolver o pensamento lógico e a imaginação, que andam juntos.

A criança pequena passa por várias etapas de desenho, sendo ele o modelo de expressão típica da educação infantil, e é a ocupação preferida das crianças, pois existe um vínculo interior entre a personalidade da criança e seu interesse por desenhos. Segundo Vigotski (2014), na criança, a concentração das forças criadoras não é casual, mas se deve ao desenho que permite que a mesma expresse mais facilmente suas inquietudes. Assim, quando a criança passa de fase de desenvolvimento, eleva-se a uma escala superior em sua idade, transformando e mudando as características de sua obra criadora, tendo o desenvolvimento da linguagem falada e escrita, levando a novas poéticas artísticas que representam a imaginação criadora da mesma.

Já apontava Vigotski (2014), que em cada período do desenvolvimento infantil, a imaginação criativa se elabora de maneira particular condizente com o estágio do desenvolvimento em que a criança se encontra, e a imaginação depende da experiência que a criança vai estruturando. Assim, compreendemos que a imaginação é o impulso para a criação.

Portanto, concebemos que a imaginação criadora, as artes visuais/ desenho e a contação de história despertam na criança as experiências anteriores e possibilitam o contato com novas experiências, contribuindo com o desenvolvimento e amadurecimento da criança, privilegiando sua imaginação criativa.

### Tecendo considerações

Contar história é uma arte milenar repassada de gerações a gerações. Quantos de nós somos frutos das tardes e noites de reunião familiar em que se tinham as rodas de contação de “causos e histórias”. Esses momentos enriqueciam a imaginação dos adultos e das crianças. Na atualidade, essas narrativas têm sido defendidas e usadas na educação e, em especial, na educação infantil para ampliar o repertório de experiências e saberes, que implicam no imaginário infantil e no processo criativo.

Observamos que a imaginação é para a criança um espaço de liberdade e de ousar voos em direção ao realizável ou não. Essa imaginação move-se junto com o novo que ela vê por todo o lado do mundo. A criança tem necessidade da imaginação, pois vive no meio da brincadeira, das histórias, no contato com a arte e com a natureza e, assim, a imaginação é a dimensão em que a criança conjetura coisas novas, pressente ou esboça o futuro.

Ficou explícito no decorrer desse estudo que a contação de história é a propulsora de estímulos ao desenvolvimento da imaginação criativa, pois como defende Vigotski (2014), a necessidade e os desejos por si só não podem produzir nada, é preciso estímulos que possibilitem o inventar, gerando a presença de imagens espontâneas.

Nesse sentido, observamos que a Arte, é um processo do desenvolvimento infantil, um registro da relação da criança com si mesma e com o mundo, que inclui também o universo letrado e o raciocínio lógico. Assim, o desenho infantil é a linguagem universal da criança e é um reflexo de seu desenvolvimento físico e psíquico.

Findamos por defender e compreender a importância da contação de história para estimular o desenvolvimento da imaginação criativa e das artes visuais para a poética

- momento em que a capacidade criadora se materializa
- nas escolas de educação infantil. Desta forma, o futuro da criança é conquistado pela imaginação, a qual contribui para a formação da sua personalidade criativa, projetando-se para o futuro, materializando-se, porém, no presente.

## Referências

- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1998.
- BUSATTO, Cléo. **Contar & encantar**: Pequenos segredos da narrativa. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- CARVALHO, Carla. **A relação das professoras e professores com a arte por meio do livro de arte para criança na rede municipal de ensino de Blumenau- SC**. 314 f. Doutorado em Educação - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.
- CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2005.
- COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1997.
- DONDIS, D. A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FARIA, Hamilton; GARCIA, Pedro. **O reencantamento do mundo**: arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário. São Paulo: Polis, 2002.
- FERREIRA, Sueli. **O ensino das artes**: construindo caminhos. Campinas-SP: Papirus, 2001.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da Criança**: A Abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância. Porto Alegre. ARTMED, 1999.
- MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha
- Telles. **Didática do Ensino de Arte**: a Língua do Mundo: Poetizar, Fruir e Conhecer a Arte. São Paulo: FTD, 1998.

MARTINS, Miriam Celeste. Artes visuais: “a rainha” das linguagens artísticas nos cursos de pedagogia? In: **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 6, n. 2, maio/ago. 2015, p. 75-92.

MELO, Chistianne Pereira Oliveira. O papel mediador do professor no processo de ensino-aprendizagem da arte na educação infantil. In: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; SCHRAMN, Marilene de Lima Körting (Orgs) **Reflexões sobre o ensino das artes**. Joinville, Santa Catarina: Univille, 2001, p. 46- 63.

PEIXOTO, M. I. H. **Arte e grande público**: a distância a ser extinta. Campinas: Autores Associados, 2003.

RIGLISKI, Adriane Schreiber. **Contribuições da contação de histórias no desenvolvimento das linguagens na infância**. Ijuí, 2012. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1619/TCC%202012%20Adriane%20S.%20Rigliski.pdf?sequence=1>. Acesso em: 23/08/2020.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Positivo. 2ª Ed. Curitiba Série: Práticas educativas, 2005.

SISTO, Celso. **A arte de contar histórias e sua importância no desenvolvimento infantil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. p. 1-4. Disponível em: [www.artistasgauchos.com.br](http://www.artistasgauchos.com.br). Acesso em: 09/01/2021.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e Criatividade na Infância**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2014 (Textos de Psicologia).

VIGOTSKY, Lev Semionovitch. **A Formação Social da Mente: o Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

# A FORMAÇÃO DO HOMEM E AS NARRATIVAS ORAIS

Kelyn Caroline Bueno

## Introdução

O homem, durante seu processo de evolução e desenvolvimento, foi passando por modificações físicas e mentais e, assim, foi se transformando e adquirindo as características do homem que conhecemos na atualidade. Para isso, ele foi modificando a natureza a sua volta, a fim de suprir suas necessidades de sobrevivência.

À vista disso, um dos estímulos desenvolvidos há milhares de anos, e que acompanha o homem até os dias atuais, é a linguagem, utilizada para transmitir, comunicar conceitos e conhecimentos elaborados historicamente, mas também para preservar as memórias, culturas e crenças de um povo, fazendo isso por meio das narrativas orais.

O trabalho que será apresentado utilizou-se da pesquisa exploratória que “[...] constitui um trabalho preliminar ou preparativo para os outros tipos de pesquisa” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.124), uma vez que se buscam informações mais detalhadas sobre o tema em questão. Porquanto, utilizou-se de estudos bibliográficos sobre o tema das Narrativas Oraís, fundamentados em autores, dentre eles, Zanlorenzi et al. (2020), Torres et al. (2008), e Girardelo (2014). Para tanto, primeiramente, serão abordados os aspectos históricos sobre o desenvolvimento humano e, em seguida, será feita a contextualização das narrativas orais.

Pretendemos, com esta pesquisa, apontar e ressaltar a importância das narrativas orais de histórias para o

desenvolvimento infantil, no que concerne às questões cognitivas como atenção, concentração e memória, mas também para o desenvolvimento da imaginação criativa.

## Referencial Teórico

### *A Formação do Homem*

Ao longo do processo histórico, o homem foi buscando meios e formas de sobrevivência, que visavam a suprir suas necessidades básicas. Assim, durante esse extenso processo de evolução, ele foi se aprimorando enquanto ser pensante e racional, passando pela transformação do animal (macaco) para o homem (ser humano).

Desta forma, houve diversas modificações no seu corpo, na sua alimentação e na sua mente. Uma das primeiras adaptações foi a flexibilização das mãos, as quais adquiriam cada vez mais destreza e aumentavam as habilidades a cada nova geração. Posteriormente, houve adaptação concomitante dos pés ao andar em posição erecta (ENGELS, MARX s/d, p. 270). Assim como a estrutura física do homem passou por transformações, a mente também passou por alterações, pois “o desenvolvimento do cérebro e dos sentidos a seu serviço, a crescente clareza de consciência, a capacidade de abstração e de discernimento, cada vez maiores, reagiram por sua vez sobre o trabalho e a sua palavra, estimulando mais e mais o seu desenvolvimento [...]” (ENGELS, MARX s/d, p. 272). Diante disso, houve a necessidade de comunicação, visto que, “[...] os homens em formação chegaram a um ponto em que tiveram necessidade de dizer algo uns aos outros [...]” (ENGELS, MARX, s/d, p. 271), havendo assim, o início da comunicação verbal.

Desta maneira, para suprir suas necessidades e garantir sua sobrevivência, o homem foi transformando a natureza a sua volta, atuando de forma intencional e planejada, fazendo com que tal ação o diferenciasse dos outros animais (ANDERY, 2007). Corroborando com Saviani (2007, p.03), o qual aponta que “[...] o ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das necessidades humanas é o que conhecemos com o nome de trabalho. Podemos, pois dizer que a essência do homem é o trabalho [...]”, e concluir que é por meio trabalho e de sua ação intencional, que o homem foi se transformando cada vez mais em um ser pensante e racional.

Assim, “primeiro o trabalho, e depois dele e com ele a palavra articulada, foram os dois estímulos principais cuja influência o cérebro do macaco foi se transformando gradualmente em cérebro humano [...]” ((ENGELS, MARX, s/d, p. 271). Podemos destacar um desses estímulos, a linguagem, ou seja, por meio dela foi possível que houvesse a transmissão dos conhecimentos e conceitos já adquiridos ao longo das décadas para as futuras gerações, para que, desta forma, tais descobertas e desenvolvimentos não fossem perdidos ou esquecidos.

Essa transmissão de conhecimentos e costumes pode ser compreendida por meio da cultura oral, a qual acompanha o homem até os dias atuais, pois

[...] O ato de narrar oralmente é uma ação dos tempos mais remotos, que aconteceu em diferentes culturas, lugares e épocas. Ainda hoje narramos ao contarmos um fato que nos aconteceu no dia, um sonho, uma piada, uma história de família [...] trata-se do momento em que duas ou mais pessoas e reúnem para contar algo por meio das palavras, gestos,

ritmos, expressões, olhares e silêncios.  
(FONSECA, 2012, p. 137)

Ao relatar um fato da vida cotidiana à outra pessoa, estamos exercitando algo adquirido e desenvolvido há milhares de anos, por nossos antepassados, a linguagem oral. Assim, na sequência, será apresentada uma contextualização sobre as narrativas orais, que fazem parte do cotidiano dos indivíduos.

### *As Narrativas Oraís*

O ato de narrar algo a alguém é histórico e desenvolvido há muitas décadas, acompanhando o ser humano em seu constante processo de desenvolvimento. A narração oral pode ser compreendida por meio da transmissão de conhecimentos já adquiridos, bem como pelas narrativas orais de histórias de um determinado povo, abrangendo suas tradições, crenças e costumes. Bedran (2010, p. 15) ressalta que

Desde que o mundo é mundo o homem sempre esteve ao lado de suas narrativas, ao redor do fogo, através da escrita rupestre entremeada de sons guturais até a elaboração da linguagem. Contando sua própria história e a do mundo, o homem vem se utilizando da narrativa como um recurso vital e fundamental. Sem ela a sociabilidade e mesmo a consciência de quem somos não seria possível. O conto é uma memória da comunidade, onde encontramos lugares diferentes de olhar e ler o mundo ao praticarmos a arte da convivência.

O homem utiliza as narrativas para comunicar suas ideias e pensamentos, mas também para preservar as memórias de seu povo, pois na antiguidade “[...] os povos queriam relatar conjuntos de saberes importantes para a formação humana. Porém, nesta época, ainda não havia registro de livros e os relatos e as histórias eram repassados de forma oral” (MESQUITA NETA, 2014, p. 88); desta maneira, a memória era um dos únicos recursos utilizados para conservar e transmitir os conhecimentos às futuras gerações. Diante disso, podemos destacar que a linguagem oral, juntamente com a memória, eram aspectos preponderantes para que houvesse a evolução do homem e da sociedade (TORRES, TETTAMANZY, 2008).

Um dos principais rituais para a narração de histórias era quando as pessoas se reuniam em torno de uma fogueira para que fosse possível a socialização das histórias e lendas, o que também estimulava a convivência. Souza e Bernardino (2011, p. 263) ressaltam que

[...] os povos se reuniam ao redor da fogueira e contavam suas lendas e contos, disseminando a sua cultura e os seus costumes; reunir-se para ouvir histórias era uma atividade dos simplórios, isto explica por que durante tanto tempo esta prática foi rejeitada pela sociedade. Essas lendas e contos eram histórias do imaginário popular pertencentes à memória coletiva, destinadas, a ouvintes, adultos e crianças, que não sabiam ler.

As histórias contadas eram relacionadas às tradições do povo, suas lendas e crenças, preservando suas identidades, sendo assim, ao destinar as histórias para crianças que não sabiam ler, era também uma forma de inserção e inclusão para que todos tivessem acesso a esta arte.

Além da linguagem oral, também eram utilizadas pinturas rupestres em rochas, como forma de contar algo do contexto vivido pelo ser humano, ou algo que se almejava, como por exemplo, a caça. (ZANLORENZI et al., 2020).

Outra contribuição das narrativas orais para o desenvolvimento humano se dá por meio da imaginação criativa, a qual nos possibilita imaginar, criar e recriar imagens mentalmente. Para além da imaginação criativa, a contação de histórias contribui efetivamente “[...] para a apropriação da linguagem como forma de representação [...]” (ZANLORENZI et al., 2020, p. 44), pois ao contar uma história utilizando apenas o recurso da voz, isso oportuniza que o ouvinte crie suas próprias representações mentais de acordo com sua vivência e sua realidade cultural. Assim, as palavras utilizadas carregam consigo um poder imensurável. Girardello (2014, p. 14) nos relata que

Conta o povo guarani que, antes de criar as pessoas, Nhanderu criou o nome delas e, depois de criá-las, deu-lhes um tesouro: as palavras. Para os guaranis, as palavras têm alma, é como se fossem vivas. E elas são mesmo. Se eu digo “montanha de ouro”, plim!, aparece uma montanha de ouro no seu pensamento. E se você diz “a baleia deu um pulo, mergulhou e saiu do outro lado do arco-íris”, eu vejo essa cena no meu pensamento, como se fosse um filme. É por isso, porque as palavras – e as histórias – têm esse poder de criar mundos, que elas são sagradas e cuidadas como um tesouro pelos guaranis.

Destacamos assim, que as palavras possuem um poder imenso, visto que ao narrar uma história, conto ou fábula a alguém esta pessoa pode recriar as imagens em

sua mente, de acordo com as características e descrições feitas pelo contador. Torres e Tettamanzy (2008, p. 04) apontam que “[...] nossa imaginação encontra um terreno fértil na literatura tradicional, já que os contos são curtos e econômicos, cabendo à imaginação completá-los. [...]”, levando em consideração as vivências do ouvinte.

Como ressaltado anteriormente, as narrativas orais acompanham o ser humano até os dias de hoje, sendo possível salientar que uma das formas muito utilizadas são as contações de histórias para crianças, adultos e idosos. Visto que todos gostam de ouvir histórias, independentemente do gênero, cor, idade, classe social ou crença religiosa; entretanto, a história deve ser interessante e deve cativar a atenção dos seus ouvintes (TAHAN, 1966, p. 16). Destacamos também que, por meio da contação de histórias, é exercida a convivência e a socialização, em virtude de que “a narração oral não é um ato individual. Não é algo que se faz sozinho [...] narrar oralmente é uma ação que acontece quando se quer partilhar algo com alguém [...]” (FONSECA, 2012, p. 137). Sendo assim, é necessário que se tenha alguém que conte, mas também alguém que ouça a história.

Atualmente, um dos principais locais onde ocorrem as contações de histórias é o ambiente educacional, como as escolas e centros de educação infantil, pois as crianças estão em um constante processo de desenvolvimento e descobertas sobre o mundo que as cerca, logo “o hábito de ouvir histórias desde cedo ajuda na formação de identidades [...]” (TORRES et al., 2008, p.02) e, ao estar em contato com as mais diversas narrativas, a criança vivenciará diferentes situações, contextos e personalidades.

A atividade de contar histórias para crianças, que estão em processo de desenvolvimento da linguagem oral e escrita, proporciona a formação humana e influência

de forma positiva e progressiva no seu desenvolvimento (MESQUITA NETA, 2014). Corroboramos com Zanlorenzi et al. (2020, p. 45) a qual ressalta que a contação de histórias contribui para o

[...] desenvolvimento dos processos de pensamento como a percepção, a memória, a atenção, bem como a interpretação dos fenômenos da realidade, a reflexão, o conhecimento dos papéis sociais, as relações entre as próprias experiências e as dos personagens, a dedução, o julgamento e assim um arsenal para a sua criação.

Durante a narração oral realizada pelo contador, a criança estará exercitando diferentes funções cognitivas que precisam ser praticadas e exercidas, dentre elas a imaginação criativa, pois por meio dela será possível que a criança tenha um “encontro do seu imaginário com o mundo de personagens tão diversificados pertencentes aos contos, sejam eles tradicionais ou contemporâneos [...]” (BEDRAN, 2010, p. 15), havendo assim, um grande enriquecimento cognitivo.

Girardello (2014, p. 09) aponta que “os momentos em que se contam histórias nas salas de aula são como clareiras num bosque, lugares de encontro e de luz [...]”, assim, remetemo-nos aos povos antigos que se reuniam ao redor do fogo, para que fosse possível contar e compartilhar histórias e lendas da sua cultura.

Entretanto, para que haja uma contação de história de fato, faz-se necessário que o contador realize um preparo e, deste modo, estude e conte a história por várias vezes, a fim de se familiarizar com ela, colocando sua personalidade. Também é necessário que ele utilize sua voz, seus gestos e expressões faciais durante a contação e, desta forma,

busque convidar o ouvinte a construir a história (SISTO, 2001, p. 47), para que aconteça uma construção coletiva e o objetivo da arte de contar histórias seja concretizado.

### Considerações Finais

O presente trabalho teve como conteúdo principal fazer uma breve contextualização sobre o desenvolvimento do homem e suas relações com as narrativas orais.

Inicialmente, foram apontados alguns aspectos sobre a evolução do homem, o qual foi se distanciando cada vez mais dos animais e se transformando no ser humano que conhecemos atualmente. Assim, por meio desta evolução, surgiu a linguagem, como uma forma de comunicar ideias, pensamentos e histórias.

Na sequência, foi feita uma contextualização sobre as narrativas orais e como ocorria a transmissão de costumes, crenças, lendas e tradições de um povo por meio da narração oral de histórias, muitas vezes, realizadas ao redor da fogueira em um momento de socialização.

Também foi ressaltado como as narrativas orais contribuem para o desenvolvimento humano, seja ele para os aspectos cognitivos como a memória, atenção e concentração, como para o desenvolvimento da imaginação criativa, a qual permite ao indivíduo criar e recriar imagens mentalmente.

Assim, podemos concluir que as narrativas orais de histórias acompanham e contribuem para o processo de desenvolvimento humano, seja ele para divertir, informar ou estimular a imaginação criativa presente em cada indivíduo.

## Referências

ANDERY, Maria Amália. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BEDRAN, Beatriz Martini. Ancestralidade e contemporaneidade das narrativas orais: A arte de cantar e contar histórias. **Dissertação** (Mestrado em Ciência da Arte - Área de Concentração - Teorias da Arte), Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010.

FONSECA, Edi. **Interações: com olhos de ler, apontamentos sobre a leitura para a prática do professor da educação infantil**. São Paulo: Blucher, 2012.

GIRARDELO, Gilka. **Uma clareira no bosque: Contar histórias na escola**. Campinas. SP: Papyrus, 2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Sobre o papel da transformação do macaco em homem**. São Paulo: editora Alfa-Omega.

MESQUITA NETA, Francisca Aurélia Rodrigues. A Contação de Histórias no Desenvolvimento da Linguagem Oral. **Extensão em Ação**, Fortaleza, V.1, n. 6, p. 87 – 95, Jan/Jul 2014.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista brasileira de Educação**, v.12, n.34 jan/abr, 2007.

SISTO, Celso. **Textos e Pretextos sobre a arte de Contar Histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

SOUZA, Linete Oliveira; BERNARDINO, Andreza Dalla. A Contação de Histórias como Estratégia Pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Educare et Educere**, Unioeste - campus de Cascavel, Vol. 6, n° 12, jul/dez 2011. p. 235-249.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1966.

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Contação de Histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**, sessão aberta: Porto Alegre, vol. 04, n. 01 – jan/jun, 2008.

ZANLORENZI, Claudia Maria Petchak; SABAI, Katia Aparecida; KRINSKI, Adrielli. A Formação Inicial e o Desenvolvimento Infantil: um projeto de extensão de contação de histórias. **Revista Panorâmica** - V. 29 – Jan./Abr. 2020.

# A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: O QUE CONTAM AS CRIANÇAS

Alessandra Buch Fauate  
Andréia Patrícia Bueno  
Jucélia de Fátima Lanieski

## Introdução

A contação de histórias é uma arte que possibilita o resgate da ludicidade, da fantasia, da emoção e principalmente da imaginação através das narrativas orais. No que se refere à educação e formação da criança, as histórias podem ser utilizadas para ajudá-las a entender o mundo a sua volta, por meio da contação. Uma vez que o contador pode proporcionar ao ouvinte entrar no enredo e vivenciar a cena por meio das palavras, do gesto corporal, da expressividade e principalmente da emoção de quem conta a história. Quando se trata do desenvolvimento integral da criança, as vivências imaginativas são um dos quesitos fundamentais para esse processo, pois, por meio dessas experiências, ela poderá conhecer melhor o mundo e a si mesma.

Partindo desse viés, o presente estudo tem como objetivo principal elucidar a forma como as crianças compreendem a contação de histórias. Inicialmente, a pesquisa apresenta o seu referencial teórico, trazendo nuances do que é uma contação de histórias, assim como, ressalta a importância da mesma para o desenvolvimento infantil. Sendo assim, buscaram-se, para respaldo teórico, autores como Abramovich (2003), Busatto (2006), Coelho (1999), Girardello (2003), Sisto (2012), Vygotsky (2018) e outros. Na sequência, descreve-se a metodologia utilizada

que fez uso de uma pesquisa bibliográfica qualitativa e, em seguida, realizou-se a abordagem do grupo focal.

Por fim, abordaram-se os resultados obtidos com o estudo, o qual contou com dois grupos focais: um com crianças de 4 anos e outro com crianças de 5 a 7 anos. Tendo em vista que o país se encontra em Pandemia devido à COVID-19 e, que o distanciamento social se faz necessário, os encontros com os grupos focais precisaram ser realizados pela plataforma Skype. Reiteramos que esse grupo foi autorizado e, tendo sido feito o termo de esclarecimento, o mesmo foi assinado pelos responsáveis.

Dessa forma, a pesquisa deu ênfase em sua abordagem à fala das crianças entrevistadas, buscando fazer ligação das mesmas com o que foi apresentado no referencial teórico.

## Reflexões sobre a contação de histórias

A arte de contar histórias é uma cultura que existe desde os primórdios e antes mesmo da invenção da escrita, permanecendo até os dias atuais. Esta é uma prática social que se passa de geração a geração, na qual as pessoas de mais idade, por meio da oralidade, narravam causos, histórias e acontecimentos aos mais novos.

No que tange à contação de histórias no âmbito educacional, pode-se dizer que as narrativas orais ganharam um grande enfoque devido ao estímulo, à ludicidade e à imaginação criativa que proporcionam ao ouvinte, sendo consideradas importantes no papel formador da identidade da criança;

[...] as histórias são verdadeiras fontes de sabedoria, que têm papel formador da identidade. Há pouco

tempo, elas foram redescobertas como fonte de conhecimento de vida, tornando-se também um grande recurso para educadores. Com o advento da comunicação, ampliação dos seus recursos e a globalização das informações, a linguagem falada tende a definhir, porém, concomitante a esse desenvolvimento, surgiu uma necessidade de resgatar os valores tradicionais e a própria natureza humana. A tradição oral dos contos, não só não reapareceu, como está ganhando força nos últimos tempos. (BUSATTO, 2006, p.21).

Ao se tratar do processo de ensino-aprendizagem da criança, um dos aspectos que contribui muito para o desenvolvimento e formação de identidade da mesma é a contação de histórias. Antes mesmo de ser inserida na escola, a criança já tem o contato com o universo das histórias, pois ouve as pessoas, do grupo social com as quais convive, contam histórias, causos e passa também por momentos de mediação de leitura. Diante dessa perspectiva, nota-se fortemente a influência que as narrativas orais têm para o desenvolvimento intelectual e também para a formação humana da criança.

A narrativa chega cedo à vida da criança, já em seus primeiros dias de vida. Chega através do padrão musical regular dos acalantos, que, como as histórias, se abrem e fecham nitidamente, contendo em si um mundo particular. Chega através das letras das cantigas que tantas vezes contam histórias, como O Cravo brigou com a Rosa, Ciranda Cirandinha, A Canoa Virou e Atirei o Pau no Gato,

para ficar nos exemplos mais óbvios. Chega através das canções que marcaram a infância e a juventude da mãe e do pai que a embalam no colo, selecionadas de um arquivo pessoal de favoritas aprendidas também no rádio e na TV. (GIRARDELLO, 2003, p. 01).

O primeiro sentido desenvolvido na criança é a audição, pois desde a barriga da mãe ela ouve diferentes sons os quais fazem com que ela transmita suas emoções e também aprenda a se comunicar com o mundo ao seu redor. É ouvindo que ela aprende a se expressar, a demonstrar seus sentimentos e também começa a conhecer palavras e frases do seu cotidiano, analisando e transmitindo o que foi adquirido de conhecimento e, assim, aprendendo a conhecer a si própria, tornando-se um sujeito crítico, mostrando seu ponto de vista e defendendo os seus ideais.

Ao ouvir histórias a criança é capaz, por meio do imaginário, de descobrir outros modos de ser e agir, pois cada narrativa, muitas vezes, aborda algum conflito que a criança está vivenciando no momento. Conforme aponta Abramovich (2003, p. 24):

Ouvir histórias é um momento de gostosura, de prazer de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução [...]. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, postura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a serem resolvidos, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca [...].

Quando o contador relata detalhes da cena à criança, ela consegue estabelecer uma representação mental do que está acontecendo, fazendo uma ligação com a sua realidade, essas representações fazem parte do desenvolvimento do ser humano. No entanto, para Vygotsky (1991), a criança só conseguirá fazer essa representação com base na bagagem dos seus conhecimentos prévios, do mesmo modo, acontece com a imaginação criativa, na qual, de acordo com Vygotsky (2018), o seu desenvolvimento na criança vai condizer com as experiências vivenciadas pela mesma, assim como as experiências de quem está lhe contando a história, pois, desta forma, a criança terá um objeto simbólico para criar as suas próprias fantasias.

Por esse motivo, o contador deve escolher muito bem as suas histórias sempre de acordo com a faixa etária da criança, ou adaptando para a idade, tendo em sua narração uma linguagem objetiva, clara e de fácil compreensão, aliadas à ludicidade do momento, para que assim, haja um completo entendimento do assunto.

Narrar uma história é um modo de estruturar o mundo em função das nossas ações individuais. Implica um trabalho de organização da memória individual, feito a partir da acumulação e organização de dados de uma experiência não necessariamente vivida, visto que a memória é uma reorganização de ideias, impressões, subjetividades, afetos e conhecimentos adquiridos no vivido, na leitura, no imaginado. (PRIETO, 2011,p.20).

Durante uma contação de histórias, são transmitidos conhecimentos e valores que ajudarão no desenvolvimento intelectual da criança. Para Busatto (2003, p. 9), “Contar histórias é uma arte, uma arte rara, pois sua matéria-prima

é o imaterial, e o contador de histórias um artista que tece os fios invisíveis desta teia que é contar”.

O ato de contar histórias para crianças pequenas auxilia no desenvolvimento da criatividade e do raciocínio lógico, intelectualmente ou afetivamente, pois a contação de histórias ativa a imaginação, a concentração, a curiosidade e também estreita laços entre o ouvinte e o contador.

No que se refere ao âmbito educacional sobre as narrativas orais (contação de histórias), elas já fazem parte da vida escolar da criança desde a educação infantil, pois mesmo não sabendo ler e escrever, a criança já tem contato com os livros que abordam diversos assuntos. Essas experiências ajudam a desenvolver na criança competências do letramento, uma vez que a contação de história é um recurso pedagógico que favorece, de forma significativa, a prática dos docentes em salas de Educação Infantil.

Betty Coelho (1999, p. 26), salienta que “a criança que ouve histórias com frequência educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário e principalmente aprende a procurar nos livros novas histórias para o seu entretenimento”. Por esse motivo, quando a criança se depara com um livro cheio de imagens, embora ainda não esteja internalizada com a leitura, ela pode contar a história, fazendo a sua própria leitura de mundo, conforme ressalta Freire (2005, p. 09) “o ser humano é capaz de fazer interpretações das situações cotidianas antes mesmo de saber ler”. Desse modo, quanto mais interesse a história despertar no aluno, mais significativa será a sua aprendizagem, pois no momento que ele ouve a história ele está trabalhando com seus sentimentos, desejos, sonhos, assim como, diferenciando o real do imaginário.

Ao ter contato com uma história que está sendo contada pelo docente, a criança automaticamente recebe

estímulos que a leva ao mundo de sua própria imaginação, desenvolvendo assim, habilidades cognitivas, tornando o processo de leitura e escrita algo mais dinâmico e que potencializa a oralidade infantil. Para que a criança desenvolva todas as habilidades com a contação de história o professor também precisa,

[...] promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. (BNCC, 2017, p. 42)

A linguagem é um instrumento mediador entre as relações sociais no contexto em que a criança está inserida. É também responsável em formar a criança como um sujeito histórico, social e cultural através da sua interação com seus pares, por isso considera-se “o contar história como um ato social e coletivo, que se materializa por meio de uma escuta afetiva e efetiva.” (BUSATTO, 2006, p. 13).

Cabe, portanto, ao professor ou ao contador(a) de histórias proporcionar momentos que desenvolvam e estimulem a imaginação criativa da criança, dando a ela autonomia para que possa criar e recriar suas narrativas. Mostrando que ler e narrar são coisas distintas, já que ao ler uma história no livro, não se tem autonomia para modificar as palavras e deve-se seguir a ordem do mesmo. Porém, no ato de narrar, tem-se a liberdade de falar ao aluno que esta história consta em tal livro de tal autor, contudo ele “[...] já estudou e a vai contando com suas próprias palavras, sem

titubeios, vacilações ou consultas ao texto [...]” (COELHO, 1999, p. 33). Assim, o contador terá suas artimanhas para prender a atenção da criança, modificando o seu tom da voz, com os detalhes da cena, levando o ouvinte, através da oralidade, a viajar pelo cenário que enreda a história.

Vale ressaltar que a criança que está inserida em um meio em que cultiva a arte de contar e ouvir histórias, certamente se tornará um sujeito com facilidade em se socializar com seus pares, uma vez que ao participar de uma roda de histórias é proporcionado a ela aprender a respeitar o seu espaço e o do outro. Em suma, na prática da contação de histórias, são muitas as contribuições que se proporcionam aos pequenos, tanto na vida social ou escolar, pois uma criança que ouve histórias desde pequena certamente será um sujeito emancipado.

### *A contação de histórias: o que contam as crianças*

A presente pesquisa se enquadra, quanto a seu procedimento, nos moldes iniciais da pesquisa bibliográfica, seguida de uma entrevista de grupo focal, o qual consiste em “uma metodologia de entrevista onde ocorre uma exposição oral específica e espontânea dos envolvidos. Esta técnica fomenta interações de um grupo sobre um tema proposto, juntamente com os debates suscitados entre os participantes”. (POMMER; POMMER, 2014, p. 10). Esse tipo de metodologia possibilita aos entrevistados a autonomia de expressão do que eles próprios consideram importantes sobre determinado assunto.

A população alvo da pesquisa foram crianças com faixa etária entre 4 a 7 anos de idade, divididas em dois grupos. No grupo 1, ficaram as crianças de 4 anos, com a

participação de duas crianças, já o grupo 2, teve a participação de 6 crianças, as quais serão denominadas como a letra P (Participante), respeitando assim os princípios éticos da pesquisa, uma vez que, para essa metodologia adotada, “os participantes devem ser homogêneos com relação a determinados atributos” (IERVOLINO & PELICIONI, 2001).

Como instrumento de coleta de dados foi elaborado um roteiro com seis perguntas referentes ao assunto, com o intuito de descobrir a opinião dos participantes a respeito da contação de história. Quanto à organização da entrevista do grupo focal pode-se dizer que:

O Grupo Focal se organiza como processo de comunicação nos diálogos, o que possibilita levantamento de material para posterior análise. Esta interação pode ocorrer tanto entre pesquisador-sujeito/pesquisado, como entre os próprios sujeitos pesquisados. Os instrumentos qualitativos são de expressão individual, oral e interativos, como em dinâmicas de grupo de naturezas diversas. (POMMER; POMMER, 2014, p. 11).

Ressalta-se que, devido à pandemia da Covid-19 e por medidas de segurança, a entrevista foi realizada de maneira remota com as crianças por meio da plataforma Skype. A dinâmica foi aplicada por um moderador/facilitador, o qual conduziu a conversa com os entrevistados e dois observadores que realizaram o registro e gravação das respostas, sendo que os participantes estavam acompanhados de seus responsáveis. Posteriormente, foi realizada a transcrição dos dados coletados e feita a análise dos resultados obtidos, buscando respaldo em autores para fundamentar o assunto.

Respeitando os aspectos éticos, para se realizar a pesquisa, foi elaborada uma Carta de Apresentação das Pesquisadoras e, juntamente com a mesma, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Esses documentos foram assinados, impressos, escaneados e enviados pelos responsáveis da população alvo da pesquisa.

A pergunta norteadora da pesquisa foi “*Como as crianças compreendem a contação de história?*”, para isso, foram escolhidos como sujeitos para a pesquisa, crianças as quais estão envolvidas no meio da contação de histórias, sendo filhos ou sobrinhos das contadoras que fazem parte do Projeto de Extensão “*Senta que lá vem história*”<sup>1</sup>. Para auxiliar na pesquisa, formulou-se um roteiro base para ser utilizado durante o grupo focal, o qual continha seis perguntas.

No primeiro grupo, apenas uma das autoras do texto participou do grupo focal com as crianças, por serem menores. Após se apresentarem, deu-se início a uma conversa informal com as duas, buscando interrogá-las acerca de seus conhecimentos sobre contação de histórias e se já haviam escutado uma contação, tendo as respostas afirmativas que participaram de escuta de contações.

No segundo grupo, durante a mediação, apenas uma das crianças mostrou timidez e não quis participar, as demais demonstraram interesse e entusiasmo, interagindo com o grupo, uma vez que, para Pommer (2014, p. 10), “esta técnica fomenta interações de um grupo sobre um tema proposto, juntamente com os debates suscitados entre os participantes.”

Assim que os sujeitos participantes da pesquisa já estavam todos na sala virtual via plataforma online, deu-

---

1. Projeto de extensão universitária “*Senta que lá vem história*”: contribuição da alfabetização e letramento, do colegiado de Pedagogia, da Universidade Estadual do Paraná- *Campus* de União da Vitória.

se início à dinâmica com o grupo 2. Primeiramente, como forma de deixá-los bem à vontade e descontraídos, cada componente da pesquisa se apresentou e, posteriormente, foram feitos questionamentos às crianças para confirmar se elas sabiam o que era uma contação de histórias, aos quais todos os participantes afirmaram que sim.

De acordo com Máximo Esteves (1998, p. 125), "O prazer que a criança tem em ouvir e contar histórias são um claro indicador de que a fantasia e a imaginação são muito importantes para ela conhecer e compreender". Sendo assim, buscou-se indagar as crianças sobre o que elas entendiam como contação de histórias. Conforme a resposta do P.2, do primeiro grupo focal, percebe-se que a contação de história está diretamente ligada com o livro, pois "*Contar história, só no livro, quando você conta historias de alguma coisa eu sonho com elas*". (P.2)

Desse modo, compreende-se que, para as crianças pequenas, muitas vezes, a história só acontece no livro, pois elas necessitam ver o material, precisam do contato visual com o objeto, pois nessa fase em que está se desenvolvendo o processo imaginativo, ela precisa do manipulável. Por esse motivo, quando os contadores contam para crianças pequenas, usam de artimanhas para chamar sua atenção, seja com um painel interativo, um lenço que faz o movimento do vento, ou mesmo um chapéu colorido, pois estes objetos permitem com que ela faça a ligação entre o visual e a fala do contador. Outro ponto a ser destacado é o contador envolver essa criança na contação para que ela não seja apenas um mero ouvinte e sim, possa ser participativo, aumentando a interação entre criança e contador.

A criança se desenvolve a partir da interação vivenciada em seu meio social, portanto, a contação de história tem um papel fundamental para o desenvolvimento infantil principalmente para o desenvolvimento da

oralidade, promovendo situações que permitem a atenção e a escuta das crianças, proporcionando a elas um repertório rico em expressões e vocabulário, facilitando também a transição da criança para o mundo da linguagem escrita.

De acordo com Abramovich (2003, p.18) “Contar histórias é uma arte [...] e tão linda! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, [...] Ela é o uso simples e harmônico da voz.” Sendo a contação de histórias uma maneira de transmitir conhecimentos e valores, é fundamental que esta atividade ocorra no dia a dia das crianças, pois ela auxilia nas suas formações, na ampliação da bagagem cultural, ativando a imaginação infantil.

Quando questionados sobre gostarem de ouvir uma história, todos foram condizentes na resposta. As crianças do grupo 2 relataram que, por meio do conto oral, elas podem utilizar-se da imaginação, conforme esta resposta: *“Eu gosto muito de quando contam uma história, porque eu uso a imaginação, imagino todo mundo que tá na história”*. (P1). Para Vygotsky (2004, p. 25), “por base da narração e a descrição de outrem, ela pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal.”

As crianças gostam e ficam fascinadas com histórias, independente se é mediada por um contador ou pelo professor através de leitura direta do livro, pois, ao ouvir, elas vão imaginando todo o enredo e, assim, estimulando também a arte de desenhar. Um exemplo que reforça o exposto acima é a fala de uma das participantes que ressalta que, quando ela ouve uma história ela se sente inspirada para desenhar, *“Gosto, porque eu inspiro nos desenhos às vezes”*. (P. 6)

Abramovich (2003, p. 4) afirma que, “ao ouvir histórias a criança é estimulada em vários aspectos criativos, desenvolvendo habilidades de desenhar,

pensar, teatralizar, brincar, criar, escrever e reescrever o que ouviram”.

Segundo Sisto (2012, p. 57), “O contador de histórias é aquele que conta histórias! Confusão comum é pensar que o contador de histórias é aquele que lê uma história diante de uma plateia”. Partindo deste viés, a quarta questão dirigiu-se apenas ao grupo 2, ao serem questionados sobre a diferença de ler e contar uma história, em que falaram que havia diferença. O participante (P.1) apontou que *“Tem diferença de contar e de ler, porque ler é ver a história no livro e contar é ouvir a história”*. Nota-se a percepção que os participantes tiveram ao saber diferenciar que contar/narrar uma história é bem diferente de se ler no livro - ao contar uma história o contador tem a liberdade de recriar a narrativa conservando algumas partes do texto.

Através do recurso da oralidade, o contador é capaz de criar, na mente do seu público, imagens que ajudam a aguçar diferentes sensações em quem ouve as histórias, estimulando a imaginação criativa, proporcionando assim, ao ouvinte, viajar para dentro do enredo. Esse fato não é possível quando a história é lida. A fala do participante P.6 ilustra essa questão, *“Depende se você contar ou do livro ou fora do livro que já decorou. Sim, tem diferença, a diferença da gente já lê do livro a história já está escrita e a diferença de gente inventar é que a história ainda não está escrita. A pessoa que está lendo é fiel às normas da língua escrita, que são completamente diferentes daquelas da linguagem falada, ou seja, fica engessada fielmente ao enredo da história e também nas imagens que ilustram o livro.*

Neste contexto, na quinta pergunta, objetivou-se saber onde as crianças ouvem mais histórias, e percebe-se que geralmente esta é uma atividade realizada em casa, pelos pais, conforme resposta do P.2 - *“[...] o meu pai conta bastante história também, minha mãe e minha irmã.”* Outros

participantes apontam como agentes da arte de narrar histórias, os professores, ao comentarem que “[...] *Eu acho que é a professora, porque eu tenho aula de literatura, daí ela conta história daí*” (P.1). E isso faz com que a contação de histórias desperte sobre a criança, de qualquer etnia, faixa etária ou classe social, um grande fascínio, podendo tornar-se futuro assíduo leitor. Abramovich (1997, p. 16) salienta que “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo”.

Sabendo dos benefícios que a contação de história promove às crianças, as mesmas foram questionadas sobre o que elas aprendiam ao ouvir uma história, logo, o brincar e o imaginar foram apontados, conforme as seguintes falas: “*Eu aprendo a brincar, aprendo a fazer coisas novas e também contar essa história para os amigos*” (P.3) e “ [...] *quando alguém conta uma história eu aprendo a usar bastante a imaginação porque eu imagino o que, que tá acontecendo na história*”.(P.1)

Fica nítido que cada tipo de história vai despertar algo diferente em seus ouvintes, por isso se faz importante que haja rotatividade de histórias na hora da contação, para que ela possa aguçar e expandir a criatividade e a curiosidade de quem ouve.

Por fim, as crianças foram indagadas se elas gostariam de contar uma história, a maioria se prontificou, no grupo 1, pudemos ver que a participante tentou seguir uma ordem cronológica na hora do conto, no grupo 2, as crianças recontaram histórias e até mesmo criaram suas próprias, vendo mais uma vez o uso da imaginação criativa aliadas ao senso crítico e à ludicidade.

Compreende-se, com esta pesquisa, que a contação de histórias contribui efetivamente para o desenvolvimento das crianças e as mesmas têm consciência disso, tal

constatação foi observada nas respostas, principalmente quando se apontam os benefícios. Ao se permitir que o indivíduo conte e crie a sua história, nota-se que esta oportunidade auxilia no desenvolvimento da criticidade, trabalhando a desinibição e servindo ainda como estímulo à criatividade. Desse modo, faz-se necessário que esta atividade seja estimulada nas crianças, pois através dela as mesmas podem demonstrar seus sentimentos, expressando através das histórias vivências do dia a dia, ou da sua imaginação.

### Considerações finais

A presente pesquisa atingiu o seu objetivo, pois foi possível perceber que as crianças compreendem a contação de histórias como algo que dá prazer, acalenta, os faz viajarem e conhecerem lugares inimagináveis. A contação de histórias agrega muito para a vida escolar e para a formação do indivíduo como cidadão, já que, por meio da mediação e interação com as vivências, é possível que a criança se desenvolva de forma significativa.

Desse modo, compreende-se que as narrativas orais permitem o desenvolvimento da criança em várias áreas, pois a história em si abrange diferentes temáticas, além de contribuir para os aspectos cognitivos e intelectuais, estimulando o imaginário, a fantasia e despertando a criatividade e a criticidade; tudo isso fortalece a construção de identidade da criança, melhorando seus relacionamentos afetivos interpessoais e abrindo espaço para novas aprendizagens.

### Referências

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo, SP: Scipione, 2003.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é aBase. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e Encantar**: Pequenos segredos da narrativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BUSATTO, Cléo. **A Arte de contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. Petrópolis: Vozes, 2006.
- COELHO, B. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1999.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil**: teoria, análise e didática. São Paulo: Moderna, 2000.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 47ª ed., São Paulo: Cortez, 2005.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996
- GIRARDELLO, G. Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas. Trabalho apresentado na 26ª **Reunião Anual da ANPed** (Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), no GT Educação da criança de 0 a 6 anos. Poços de Caldas (MG): 2003. Texto disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/gilkagirardello.rtf>. Último acesso: 13 jan.2021.
- IERVOLINO, S.A.; PELICIONI, M.C.F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 115-121, 2001.
- MÁXIMO-ESTEVES, Lídia. **Da Teoria a Prática**: educação ambiental com as crianças pequenas ou o fio da história. Porto, Portugal: Porto Editora Ltd., 1998.
- POMMER, W. M., & Pommer, C. P. C. R. A metodologia do grupo focal e a formação continuada do professor: um olhar interativo envolvendo a articulação cognição e emoção. **Itinerarius Reflectionis**, 10(2), 2015. <https://doi.org/10.5216/rir.v10i2.30250>
- PRIETO, B. **Contadores de histórias** : Um exercício para muitas vozes. Rio de Janeiro:s. ed, 2011. 240p.
- RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia: Gwaya, 2005.

## Sumário

SISTO, Celso. **Textos e Pretextos sobre a arte de contar histórias**. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/vygotsky-a-formac3a7c3a3o-social-da-mente.pdf> acesso em 10 Jan 2021

VYGOTSKI, L.S. **A imaginação e a criança na infância**: ensaio psicológico livro para professores. Trad. Zóia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

# CONTADOR DE HISTÓRIAS E SUA IMPORTÂNCIA NA ARTE DE CONTAR HISTÓRIA

Gabrielle Aparecida Kreutzfelt

Jeisa Ariele Martins Krawczik

## Introdução

A contação e a aproximação com a vida literária se dão muito antes de aprender a ler e a escrever. Vivemos em um mundo onde todos somos contadores de história, esta prática que iniciou há muito tempo e que foi passada de geração a geração. Sempre houve momentos onde nossos avós, nossos pais e familiares costumavam contar os “causos”, histórias orais sem nenhum escrito, mas que foi no passado e atualmente sabemos recontar. Estes momentos contribuem diretamente para a formação do leitor e do contador, oportunizando o fortalecimento da prática de contar histórias, seja por meio da ação de ouvir, contar, recontar e inventar histórias a fim de proporcionar o encantamento nas pessoas que ouvem.

Assim, a contação de história foi se configurando e as narrativas orais foram sendo desenvolvidas, despertando a curiosidade e a imaginação e, contribuindo para a formação de leitores e ouvintes. O presente artigo tem como objetivo apresentar a importância que o contador de histórias exerce na arte de contar histórias.

Desta forma, este estudo está dividido em três partes, primeiramente com uma explanação sobre a contação de histórias e suas características principais. Após, destacamos a importância do contador de história para a construção social, pessoal e cultural dos sujeitos. Por fim, discorre-se

sobre algumas dicas que contribuem para a formação do bom contador, levando em consideração a performance de cada um e os cuidados necessários para que a atuação seja feita de forma esplêndida, atraindo e instigando os ouvintes.

### A contação de história

a prática de contar histórias não é algo recente, pois sempre houve esse costume como os “causos familiares”, que faziam uso da oralidade, isso muito antes de existir a escrita.

No passado, ela expressava e corporificava o mundo simbólico pelo uso das palavras e dos gestos para um conjunto de ouvintes da família ou da aldeia. O contador de histórias tinha uma grande importância social e cultural, visto que detinha as experiências e a sabedoria de sua época: trabalhava com a construção oral coletiva que se fundamentava na identidade cultural de seu povo. (SCHERMACK, 2012, p.1).

De fato, sabemos que a cultura oral traz uma bagagem imensa de histórias transmitida por diversas gerações até chegar a nós, onde muitas dessas práticas orais foram adquiridas até os dias de hoje, para recontar fatos aos nossos conhecidos e familiares.

A contação de história remota desde Antiguidades quando os povos queriam relatar algum acontecimento vivenciado, ou experiências e conjuntos de saberes importantes para a formação humana. Eram contadas

de forma oral, assim como também eram os mitos, lendas, contos de fadas e fábulas. Por isso esta tradição que era transmitida de geração para geração tem se repercutindo até os momentos atuais. (NETA, 2014, p.89).

Assim, a contação de história vai se configurando por meio da oralidade, ou seja, ao utilizar a tradição oral, muitas histórias são repassadas a outras pessoas sem que haja a necessidade de nenhum conteúdo escrito. A narração desenvolvida ao longo da contação permite que o ouvinte se sinta dentro da história, imaginando e criando suas próprias imagens. Desta forma, a narração acaba fortalecendo a arte da contação de histórias, pois muitas pessoas passam a se apropriar desta arte, despertando um momento único, inovador, modificador e mágico.

Para contar histórias - seja qual for - é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, nomes... se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... ou brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! (ABRAMOVICH, 2009, p. 15).

Desse modo, a contação de histórias permite que seja desenvolvida a oralidade por meio das diferentes formas de contar histórias, desperta momentos que marcam a vida dos ouvintes, mesmo sem nenhum conteúdo escrito, mas que acaba repercutindo a arte da contação de histórias, tornando este um momento único e mágico. Ao contar histórias o contador passa a tocar o ouvinte por meio da sua fala, levando sempre em consideração a história adequada

para cada público. Portanto, segundo Schermack (2012, p.4) “[...] narrador e ouvintes compartilham experiências únicas em um tempo absoluto marcado pela cumplicidade das ações, que somente a narração oral/presencial pode proporcionar”. Desta forma, quando a história começa, o ouvinte e o contador passam a caminhar rumo à imaginação, despertando sentimentos e emoções.

A contação de histórias é uma estratégia pedagógica que pode favorecer de maneira significativa a prática docente na educação infantil e ensino fundamental. A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. (SOUZA, BERNARDINO, 2011, p. 237).

Por meio da contação de história, há inúmeras aprendizagens, leituras e compreensões. Além disso, essa arte tem grande importância no desenvolvimento infantil, na medida em que desperta a imaginação e contribui com o desenvolvimento da linguagem por meio da oralidade. Beltrame, Cavalheiro e Sbeghen (2015, p.19322) ressaltam que “[...] a contação de histórias permite ao sujeito o seu desenvolvimento intelectual, psicológico e emocional, além de estruturar o imaginário das crianças na medida em que traz consigo uma constante relação entre fantasia e realidade [...]”. A ação de contar histórias vai além do simples relato de um acontecimento imaginário ou real, já que possibilita acolher aquele que ouve, despertando sua imaginação, criatividade, trabalhando suas emoções e sentimentos e auxiliando em seu desenvolvimento integral, social e cultural.

### A importância do contador de história

Ao narrar uma história é essencial compreender que há ações para a realização deste ato, bem como características peculiares que descrevem este momento. Desta maneira, para que a contação de história seja realizada, é importante e essencial conhecer e destacar quem é o contador e histórias e como ele se destaca neste contexto.

O ato de narrar oralmente é uma ação dos tempos mais remotos, que aconteceu em diferentes culturas, lugares e épocas. Ainda hoje narramos ao contarmos um fato que nos aconteceu no dia, um sonho, uma piada, uma história de família, um episódio triste, um momento de realização e alegria, a descrição de uma conquista... trata-se do momento em que duas ou mais pessoas se reúnem para contar algo por meio de palavras, gestos, ritmos, expressões, olhares e silêncios. (FONSECA, 2012, p. 137).

O contador de histórias é aquele que, com sua voz, consegue atrair as pessoas para entrar no mundo da imaginação e fazê-las se encantar com a história que está sendo narrada. Este contador deve conseguir moldar a história e adaptar para cada público a ser transmitido, sabendo instigar a curiosidade e despertar a criatividade. Não há um modelo pronto e acabado, nem mesmo uma receita a ser seguida que os contadores de histórias precisam conhecer, pois assim como cada ser humano é único e possui suas próprias características, da mesma maneira ocorre com cada contador. De tal modo, que cada um irá adaptar a história da forma que se sinta confortável

e seguro para contá-la, deixando assim, a narrativa mais leve e interessante.

É possível considerar que uma mesma história pode ser contada várias vezes por diferentes contadores, mas cada um na medida em que conta difere-se, pois há diferentes leituras e compreensões. Conforme Sisto (2001, p. 41), “Cada contador conta diferente do outro, - a mesma história - exatamente porque o texto literário é essa ação de forças entre o dito e o não-dito, que oferece, em suas brechas, maneiras “infinitas” de leituras”. Dessa maneira, cada contador tem sua personalidade e apropria-se de histórias que o identificam, diferenciando cada contador, isto é, mesmo que seja uma única história, cada contador difere por sua forma de contar.

O contador tem papel fundamental na hora de contar a história, pois é ele que irá mediar todas as informações nela contidas. Se o contador não souber ligar as informações da história e não tiver domínio de como ministrá-la, a história corre o risco de perder o sentido e dispersar a atenção dos ouvintes. Por isso, é fundamental que ele escolha uma história com a qual se sinta confortável e dedique-se a estudá-la.

## Dicas para um bom contador de história

Cada contador tem uma performance e necessita utilizar sua voz para emitir som e encantar seu público alvo, apropriando-se de gestos que atraiam atenção. Não há como contar uma história feliz se o contador não demonstrar felicidade, assim como não há sentido em contar para um público infantil uma história que é direcionada aos adultos.

Quando contamos histórias, permi-

timos que as crianças observem especificidades da linguagem oral, que compreendam a postura do narrador de histórias - a ação dos narradores. Elas observam que, quando o professor narra oralmente, ele gesticula, muda de voz, faz expressões diferentes com o rosto, olha nos olhos, improvisa, muda parte da história (retira ou acrescenta algo, dependendo do dia, do público, de como ele mesmo está, do tempo que tem pra contar), aproveita do que fica subentendido e implícito pela própria expressividade. (FONSECA, 2012, p. 149).

Portanto, muitos cuidados devem ser tomados e uma atenção diligente no momento da escolha da história. Desde este momento inicial (a seleção da história) até o final da contação deve haver uma preparação, passos a serem seguidos para que a narrativa se torne prazerosa e desperte ainda mais o gosto em contar e ouvir histórias.

Primeiramente é necessário escolher a história. Procure-a tendo em mente o seu público alvo, para isso, após as leituras selecione aquela que lhe chame a atenção, como aquela história que é capaz de estimular a sua imaginação, fazendo-o viajar através da narrativa, pois se a leitura desta história foi prazerosa, com certeza também será a contação.

O contador é, antes de tudo, um leitor privilegiado, que cumpre um papel ativo: faz leituras prévias, seleciona textos, informa-se sobre o autor, observa a ilustração do livro, memoriza o texto, interpreta suas intenções para transformá-las em modulações de voz e gestos. (SILVA, 2009, p. 35).

Em seguida, estude a história para você mesmo antes de contar aos outros, pois um bom contador precisa conhecer bem a história, caso seja necessário é possível adaptar ou improvisar. Concentre-se em estudar a narrativa, destacando pontos principais, narre para você mesmo ou para sua família como forma de estudo e treinamento. Não tenha medo de julgamentos, pois um bom contador não deve preocupar-se com isso, afinal ele está ali para entrar no mundo da imaginação, narrando, interpretando e encenando a história, de acordo com suas próprias características.

Conhecer o ambiente em que será realizado a contação é de extrema importância, pois assim, o contador vai se preparando para utilizar os espaços para a contação. O ambiente, independente da sua estrutura, sempre será um bom lugar para contar histórias, visto que o contador irá apropriar-se da imaginação e da criatividade. Por conseguinte, o lugar quando já conhecido torna-se mais fácil para desenvolver a contação, podendo utilizar dos espaços para complementar a história.

Outro importante fator é a voz. A voz é essencial para a contação, é por meio dela que o contador pode emitir sons e atrair atenção. Ao narrar uma história, o contador irá utilizar sua voz para encantar, atrair e despertar a curiosidade dos ouvintes, buscando adequá-la a cada contação, para melhor representar sua história. Do mesmo modo, cada contador encontrará em si mesmo uma forma de contar suas histórias, buscando em seu interior sua melhor versão. Saber como usar a voz e como moldá-la permite que o contador se torne agradável e possibilita que se aproprie dos gestos utilizados. Os autores Matos; Sorsy (2009, p. 35) destacam: “[...] a palavra do contador não é apenas falada; ela é mostrada pelo corpo, pelo rosto, em cada gesto. Todo corpo deve estar em sintonia com cada

palavra proferida”. O contador de histórias além da sua voz utiliza também o seu corpo para contar. Por exemplo, em uma contação de história calma e suave, não há como utilizar gestos exacerbados.

Os gestos são extremamente relevantes na hora da contação, visto que, muitas vezes, eles indicam características de algo ou alguém permitindo visualizar mentalmente o que está acontecendo na história. Do mesmo modo, Girardello (2011, p.82) destaca “A visibilidade – a capacidade de sugerir imagens mentais – é uma das qualidades narrativas mais importantes [...]”. Além disso, o contador deve mentalizar a história, como apontado ainda por Girardello (2011, p.85) “Muitos detalhes das cenas precisam ser criados mentalmente pelo narrador antes de contar uma história pela primeira vez”. Assim, ao contar uma história o contador saberá como representar as cenas por meio da gestualidade e da narração fazendo com que o ouvinte internalize cada momento da história.

Esses fatores são de extrema importância para desenvolver uma boa contação, visto que, quando o contador compreende cada aspecto citado acima, ele consegue fluir na hora de contar suas histórias e fazer delas momentos de aprendizagens, imaginações, despertando o interesse dos ouvintes pela arte de contar e ouvir histórias.

Crianças, jovens e adultos, quando escutam histórias tendem a vivenciar o enredo, incorporando a figura das personagens. Através do estímulo da imaginação, interpretam mentalmente o que ouvem, realizam trocas de vivências e saberes de forma lúdica. (SCHERMACK, 2012, p.12).

A arte de contar histórias vem se ampliando na medida em que percebemos o potencial que ela tem.

Por meio da contação despertamos o que nem mesmo imaginávamos que seria possível despertar, encontramos nela uma maneira de sair da realidade e explorar nossa imaginação deixando-nos férteis ao mundo de aprendizagens e significados.

### Considerações finais

A arte de contar histórias tem sido um fator importante de estudos e reflexões, possibilitando novas descobertas, as quais são baseadas em pesquisas com autores especializados. Contudo, a contação de histórias segue um breve roteiro para que não seja uma contação sem sentido e sem emoção, nem mesmo seja apenas o contar, mas sim compreender como ela se torna importante para os ouvintes. Desta forma, buscamos ao longo pesquisa, trazer aspectos importantes da contação de história a fim de ampliar os conhecimentos daqueles que buscam aprender para praticar. Ao explanar algumas características da contação, deixamos também dicas fundamentais que auxiliam o trabalho do contador, contribuindo para que sua contação esteja dentro das expectativas dos ouvintes.

Contar histórias pode ser muito prazeroso e gratificante desde que o contador sinta-se à vontade e seguro para contar, proporcionando uma troca de transmissão, aprendizagens e, assim, estimulando a criatividade, a imaginação e o interesse juntamente com os ouvintes.

Por fim, a arte de contar histórias para além de um momento prazeroso, é um momento de novos conhecimentos construídos por meio da imaginação, sem haver julgamentos entre certo ou errado, sendo possível modificar e construir novas histórias sem perder

sua essência. Sempre existiu o ato de contar histórias e continua até os dias de hoje, com grande contribuição na vida dos ouvintes.

## Referências

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2009.

BELTRAME, Lisaura Maria; CAVALHEIRO, Jéssica Vanessa; SBEGHEN, Marizane. **Contação De Histórias: Caminho De Descobertas E Compreensão Do Mundo**. Educere. 2015. Disponível em: <[https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19638\\_9660.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19638_9660.pdf)>. Acesso em: 04 Fev. 2021.

FONSECA, E. **Interações**: com olhos de ler. Apontamentos sobre a leitura para prática do professor de Educação Infantil. São Paulo: Blucher, 2012.

GIRARDELLO, Gilka. **Imaginação**: arte e ciência na infância. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 72-92, agosto 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072011000200007&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072011000200007&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 06 Fev. 2021.

MATOS, G.A; SORSY, I. **O ofício do contador de histórias**: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

NETA, F.A.R.M. A contação de história no desenvolvimento da linguagem oral. **Revista**: Extensão em Ação, Fortaleza, V.1, n. 6, Jan/Jul 2014. p. 87 - 95.

SCHERMACK, Keila de Quadros. **A contação de histórias como arte performática na era digital**: convivência em mundos de encantamento. 2012. Disponível em: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S10/keilaschermack.pdf>. Acesso em: 04 Fev. 2021.

SILVA, V. M. T. **Literatura infantil brasileira**: um guia para professores e promotores de leituras. 2 ed. Goiânia: Cânone Editorial, 2009.

SISTO, C. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

SOUZA, L. O. de; BERNARDINO, A. D. **A contação de histórias como**

**estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental.**  
**Educere et Educare**, Cascavel, v.6, n.12, p. 235-249. Disponível em:  
<<http://saber.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/viewFile/4643/4891>>. Acesso em: 20 de jan. 2021.

# A FIGURA DO CONTADOR DE HISTÓRIAS E A SUA CONEXÃO COM A NARRATIVA E O OUVINTE.

Elaine de Fátima Batista

Paola Helena Muxfeldt Morandi da Silva

## Introdução

Saber contar uma história e fazer com que esta arte se propague pode ser transformador, mágico e gratificante, tanto para quem conta como para quem ouve. O ato de contar histórias transforma o ser humano em um ser mais sensível, estimulando a audição e a oralidade, pois contar histórias nos remete a refletir, a ouvir e a usar o ato mais natural do homem, ou seja, a fala.

Ao contar uma história nos deparamos com algumas dúvidas, bem como desafios para o preparo de tal ato. Contar uma história pode parecer simples e básico, todavia, o contador precisa ter claro diversos aspectos como: estilo de contação, público alvo, noção do espaço, conhecimento da história, entre outros.

Nesse viés, o presente texto tem por objetivo apresentar reflexões sobre a figura do contador de histórias e a sua conexão com a narrativa e o ouvinte, apontando questões, mesmo que brevemente, que envolvem essa arte milenar.

Para tanto, fundamentamo-nos em autores que tratam da temática, como Abramovich (1997), Coelho (1999), Girardello (2014), Machado (2004), Moreira (2009), e Pamplona e Fabiano (2012), que contribuem significativamente com aspectos necessários para uma contação de histórias.

O presente texto será dividido em três momentos, sendo que, primeiramente falaremos um pouco a respeito da arte de contar histórias, refletindo sobre o que são as narrativas orais e a sua importância, conforme as ponderações dos autores já citados, seguido de nossas contribuições enquanto contadoras. A segunda parte desse artigo fala sobre o contador de histórias, bem como sua forma de atuação diante dessa arte, sobre como é o contador e como faz para que as contações de histórias se tornem únicas. Para finalizar, relataremos ainda sobre a seleção das narrativas a serem contadas, respeitando a subjetividade do contador, assim como seu público e faixa etária do mesmo, fazendo com que possamos compreender a importância de tal escolha.

Pretendemos desta forma, contribuir com a divulgação da arte de contar história, por meio da apresentação de uma densidade conceitual e pragmática, respeitando a arte das narrativas orais e a figura do contador, levando tal arte a se propagar de forma a que se perceba a sua importância, relacionando-a aos aspectos cognitivos, imaginativos e qualitativos da própria arte.

### A arte de contar histórias, uma breve introdução

Contar histórias é uma arte milenar que atravessou os séculos e vem se tornando novamente uma forma de inspiração e de incentivo para a expressão do ato das narrativas orais e da mediação de leitura. “O homem já nasce praticamente contando histórias. Está inserido numa história que o antecede e com certeza irá sucedê-lo. A vida se organiza como uma história tem um fio condutor, uma linha temporal e evolutiva.” (SISTO, 2001, p. 91).

Assim, compreendemos que cada um de nós já nasce contando uma história, ou seja, a nossa própria e, por meio de nossas vivências e existências, podemos desenvolver de forma ainda mais profunda esta arte. Seja ela uma continuação das histórias já existentes ou ainda uma sucessão das histórias vindouras para continuar a expressarmos de forma que chegue às pessoas o estímulo, o incentivo, a vontade e a paixão pela qual podemos encontrar através das contações. Outrossim, podemos entender a contação de histórias como um despertar de nossas emoções ou de nossas ações, pois “Quem conta faz um pacto com quem ouve, dando-lhe a mão, instalando-o em um tapete voador e levando-o junto em uma viagem de alegria dramática.” (GIRADELLO, 2014, p.38).

As histórias a serem escolhidas pelo contador dizem muito de cada um. As escolhas são processos particulares, através delas afloram traços de cada contador: sua personalidade, sua paixão, sua essência. E isso é fundamental, pois a partir de sua forma de contar, da essência existente dentro de cada um, é que podem ser escolhidos os enredos a serem contados para que toquem o ouvinte profundamente, para que o alegrem, para que o ensinem ou até para que o transportem para um mundo particular, de inspiração e imaginação, uma vez que “A história tem que preencher em nós alguma coisa que provavelmente nos falta. É como se o contador nascesse a cada história que ele conta. Contar histórias não é nunca uma opção ingênua. É uma maneira de olhar o mundo. E nossas escolhas nos revelam.” (SISTO, 2001, p. 40).

Assim, através das escolhas das histórias, podemos encantar e marcar o público ouvinte de tal maneira a lembrar e relembrar da narrativa, a qual poderá ser contada e recontada inúmeras vezes. Sisto (2001), diz que se percebe

[...] claramente quando uma história que a gente está contando não entra só pelos olhos do público. A gente até chega a ver algumas pessoas na platéia, fechando os olhos de emoção, para mandar aquelas palavras direto para o coração – ou para algum lugar secreto dentro delas para ficarem armazenadas por muito tempo. (SISTO, 2001, p. 41)

Compreendemos que as histórias fazem parte da vida tanto da criança como do adulto, tais narrativas nos levam a vivenciar nossas tradições, crenças, experiências, preservando histórias e memórias. Contá-las e recontá-las é uma forma de mantê-las viva dentro e fora de nós mesmos.

Portanto, é imprescindível dedicar tempo à formação do indivíduo para que se torne um contador, embora percebamos que, por natureza, já somos contadores de histórias, mas, ainda assim, torna-se essencial dedicar tempo aos estudos e leituras para o aperfeiçoamento da prática de contação, ou seja, “exige-nos uma destreza cênica [...], coisas que ultrapassam qualquer exercício fortuito de sala de aula.” (SISTO, 2012, p.148).

Desta maneira, podemos perceber que contar histórias requer tempo, estudos e aperfeiçoamento em relação às técnicas que envolvem essa arte. Saber relacionar a história com gestos, sons, compreender o espaço e, assim, fazer com que a contação flua o mais natural possível, ou seja, que a história seja a peça principal para além de quem está contando. Já nos diz a autora Coelho (1999, p.11) “[...] o narrador deve estar consciente de que o importante é a história, ele apenas conta o que aconteceu, emprestando a vivacidade à narrativa, [...]”.

Assim, buscamos melhorar o mundo, povoando de histórias, encantando, contando, florindo e despertando emoções, que até então possam estar adormecidas dentro do mais profundo de nossos baús da imaginação. Nesse viés a autora Girardello (2014, p.10) nos aponta que, “Contar e ouvir histórias agem como uma pequena clareira nesse bosque, um espaço onde se vê a luz das estrelas, onde as crianças podem exercitar a forma especial seus poderes de enxergar longe, além do que a vista alcança [...]”.

Pensando a partir da importância de fazer fluir a imaginação tanto do contador como de sua plateia, é necessário que se faça uma conexão das histórias com os ouvintes. E como o contador faz a conexão entre a história e o ouvinte? Buscaremos responder tal questão com o item a seguir.

### O contador de histórias

O contador de histórias é uma figura importante para que se possa conhecer e se conectar a este mundo mágico. Busatto (2006, p. 122), nos diz que “A figura do contador de histórias continua sendo a ponte que une o ouvinte ao conto. Esteja ele ao vivo, na frente do ouvinte, ou na tela do computador é o personagem mágico capaz de propor uma viagem por mundos nunca antes explorados”. Neste sentido, a arte de narrar é uma forma de fazer com que as pessoas enxerguem aquilo que está sendo contado, para que possam ouvir e ver a história contada de forma clara. Assim, o contador almeja ter a consciência de que a arte para a qual ele se dedicou teve algum sentido para os ouvintes, e isso ele pode detectar pela troca de olhares, se há ou não dispersão de interesse no ambiente.

Para que isso ocorra, é essencial que o contador mergulhe na história a ser contada, será preciso ouvir, estudar inúmeras vezes, contar e recontar para que ele se torne parte dela e não o faça de forma a decorar a história, mas sim, de conhecê-la para poder fazer com que os ouvintes também a conheçam e vivenciem pela sua narração, pois:

Ao conhecer a história o grau de intimidade desenvolvido facilita a aproximação e apropriação levando o contador a desvendar o conto através de sua estrutura básica. Devemos considerar sempre as informações essenciais ligadas à estrutura deste conto como personagens, conflitos, superações, fatos e desfecho, atentando para um olhar que se volta a oralidade e monta e adequa a história para ser contada. Ou seja, um esqueleto deste conto. Pensando que esqueleto tem a ver com sustentação, esse processo deve conseguir manter os elementos essenciais de permanência da história e transcritos em fatos e situações alimentarão a memória para a prática da oralidade de forma natural e gradativa. E assim o que era só espontâneo vai sendo melhorado e dominado. (PAMPLONA, 2014, p. 5).

Esse conhecimento levará a uma via de mão dupla, entre o contador e a história contada. Cada contador é responsável pelo atrelamento com a contação, fazendo com que a narrativa possua os traços do seu narrador intrínsecos a ela, transbordando a subjetividade em cada ocasião de envolvimento com o ouvinte, o que a torna única.

Portanto, é muito natural que, quando uma mesma história é apresentada por no mínimo dois contadores

distintos, ela possivelmente seja diferente entre as performances de seus respectivos contadores. Ou seja, cada história é repleta de intencionalidade e encantamento, bem como da entrega, envolvendo o contador com a história contada, relacionando-a ao seu próprio eu. O contador de histórias é capaz de projetar no ar, no ambiente, muito além do básico estrutural, ou seja, pode ir além da concepção exata que encontra dentro dos livros, estimulando a imaginação criativa do ouvinte, o narrador pode se aventurar e brincar com as palavras grafadas no papel.

Podemos apresentar uma cena através da memória, exalando aromas pelo ar, despertando o gosto de alimentos, indicando dimensões, aflorando sensações e acarretando emoções. Por exemplo, a história é como a chuva, ela se forma dentro das nuvens e, em um determinado momento, cai de cima para baixo, até chegar a alguma superfície, isso é estrutural e ninguém pode mudar; já, o contador de histórias, é como o vento que faz a chuva dançar pelo ar, mesmo caindo de cima para baixo, ele a leva para a direção que ele quiser.

Para o contador de histórias é imprescindível desprender-se de algo pronto e acabado. Mesmo que, fundamentado em algo escrito, ao narrar uma história ele deve estar livre de tudo que o aprisione e que, assim, não se limite a decorar o que está dentro de um livro

Porque é importante lembrar sempre que contar uma história deve ter todo o engenho de contar um fato da vida pessoal para alguém querido, com envolvimento, emoção, naturalidade e vulnerabilidade e não se faz isso com receitas de bolo decoradas. Quando optamos por não decorar e sim se apropriar da história damos espaço para a história se expandir e chegar

ao coração do ouvinte. (PAMPLONA; FABIANO, 2014, p. 7).

A menos que esteja recitando fielmente a fala do autor, como no caso das poesias e versos, esse movimento mágico, dará voz às emoções do narrador, tanto quanto estimulará a imaginação do receptor. Ou seja, quem está escutando a história poderá vislumbrar um momento criado ali, naquele instante, assim “A flexibilidade traz eficiência poética para a arte de contar histórias.” (MACHADO, 2004, p. 45)

Como já foi apontado, uma mesma história narrada por vários contadores diferentes será expressa com emoções diferentes, bem como chegará até o ouvinte com impacto em impressões também distintas. Diante disso, o contador pode passar por um importante e harmônico movimento de entrega, surgindo então, a valorização do tempo, ou seja, não atropelar o tempo da narrativa nem seu próprio tempo como contador.

Busatto (2006, p. 25) aponta que “a contação de histórias permite o sujeito que conta e ao sujeito que ouve um contato com outras dimensões do seu ser e da realidade que o cerca”. Diante disso, para uma significativa absorção do conteúdo mediado pelo contador e desenvolvimento da criatividade e imaginação por parte do ouvinte, é necessário ter a consciência de que os gestos, a voz, a expressão corporal e a linguagem, fundada em um bom livro, farão o diferencial no momento da interação que a contação de histórias proporciona.

Os seres humanos são expressivos por natureza, porém, se não permitirem a ampliação dessas habilidades, que são distintas, mas presentes em todos, estarão inibindo ou simplesmente atrofiando a memória. A autora Fanny Abramovich (1997), afirma que:

Para contar uma história — seja qual for — é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz. (Abramovich, 1997, p.18).

Portanto, compreendemos que a contação de história se dá pelo simples fato de utilizarmos expressão corporal, gestos e, sobretudo, a voz, para contar algo ou transmitir um conteúdo existente em nossa memória. Quem deseja ingressar no mundo encantador da arte de contar histórias desabrocha como contador de forma inesperada ou até mesmo intencional, pelo simples manejo do uso da oralidade. Para tanto, no próximo item será discutido sobre as escolhas do contador de histórias.

### A simbiose do contador com a história escolhida

O contador normalmente cria seu próprio repertório de histórias, porém, nem sempre é tão simples a escolha das mesmas. Para contar uma história, é preciso que se tenha certa conexão com o texto. Além de uma boa base de leitura, é imprescindível o pleno envolvimento com todos os detalhes da narrativa. Sisto (2012, p. 25) nos diz que: “[...] Só se conta bem aquela história que a gente

amou, estudou e contou para as paredes, o teto, o espelho, os filhos, até que ela brote dos lábios com veemência, convicção, detalhe e emoção.”

Não contamos histórias apenas por contar, mas sim porque ela nos transmitiu determinado sentimento, seja de emoção, de tristeza, de alegria, de encorajamento, enfim, porque despertou-nos um anseio para então contá-la, a fim de deixá-la gravada em nossas memórias, em nosso ser, pois

A história é o mesmo que um quadro artístico ou uma bonita peça musical: não poderemos descrevê-los ou executá-los bem se não apreciarmos. Se a história não desperta sensibilidade, a emoção, não iremos contá-la com sucesso. Primeiro, é preciso gostar dela, compreendê-la, para transmitir tudo isso ao ouvinte. (COELHO, 1999, p.14)

Cabe ressaltar, portanto, que os gostos literários do contador devem ser levados em consideração. Sendo a história para ele atrativa, certamente o seu envolvimento com o texto será maior, ele terá mais entusiasmo na hora da leitura e dos ensaios. E, no momento da contação, a história fluirá com mais naturalidade, e o público ouvinte sentirá a emoção desabrochar através das palavras e gestos por ele expressos.

Ao escolher uma história para ser contada, também devemos considerar o público alvo, assim como sua faixa etária. É importante saber que é preciso preparar histórias adequadas a cada público, pois devemos compreender que cada faixa etária tem suas peculiaridades e características a serem respeitadas. Neste caso, para crianças pequenas, são necessárias histórias que façam com que elas não se cansem; por isso, deve-se optar por enredos mais curtos e atrativos,

com possíveis repetições ou músicas que despertem a atenção e a imaginação. Como ressalta Coelho (1999, p. 14), “A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral. [...]”. Já, para um público jovem ou adulto, as histórias podem ser um pouco mais longas, levando a um profundo mergulho de memórias e lembranças. Cada história exige de seu contador um preparo, pesquisas, estudos e leituras aprofundadas, assim como aperfeiçoamentos, sejam eles no uso da voz, no uso do seu corpo, de suas expressões e gestos como de sua noção de espaço dentro do ambiente em que se está inserido no momento da contação.

Para tanto, precisamos saber respeitar as histórias, seu contador, bem como o público que está ouvindo, pois este não é um mero passatempo, mas sim e também uma forma de expressão, ensino e aprendizagem tanto para quem conta como para quem ouve uma história.

A partir de um primeiro contato com os livros pode nascer um contador, pois, quando ouvimos uma história, abrimos nosso baú interior e nos deixamos tocar no mais íntimo de nossas emoções e de nossa capacidade imaginativa, guardando as narrativas em nossa mente e coração, levando-nos a contar e recontar quantas vezes for necessário.

Destaca-se que não é preciso decorar a história fielmente, pois segundo Girardello (2014, p.12) “O profundo mergulho imaginário do contador no universo daquela ficção é que tornará a história também um pouco sua e, assim, pronta para ser compartilhada”.

Ao nos aprofundarmos nos estudos sobre narrações orais, percebemos quão importante esta arte pode ser em nossa realidade, vindo a nos transformar em seres mais sensíveis, apaixonados pela arte da fala bem como da leitura.

E assim, buscamos contar um pouco a relação dessa arte com uma figura muito importante dentro dela, o contador, pois, para que as histórias se propaguem pelo mundo, é necessário alguém para espalhá-las de forma criativa, pessoal, convidativa a um querer mais.

### Considerações finais

Não a fim de conclusão, pois o assunto não se esgota tão facilmente nem tampouco está acabado, podemos dizer que alguns contadores têm mais facilidade e outros são mais inibidos, quando o assunto é contação de histórias. Contudo, cada um de nós pode optar por desenvolver de forma ainda mais profunda a arte de contar histórias. Permitindo-nos conhecer as narrativas e a nos conhecer como contadores.

A contação de histórias revela e transparece nossas emoções, mostra o que há de particular em cada contador, sua personalidade, sua paixão, sua essência. Pode despertar emoções que há tempo já não eram vivenciadas em nossas ações, que ficaram como já dito no desenvolvimento desse texto: adormecidas dentro do mais profundo de nossos baús da imaginação.

Sendo a história como a chuva e o contador como o vento, é importante saber para quem e onde iremos contar a história, sem esquecer a faixa etária dos ouvintes. Assim podemos definir a sua intensidade, hora chuva fina, hora tempestade. Tendo todo o cuidado de não atropelar o tempo da história, bem como não atropelar o tempo do contador.

Portanto, uma contação de história não se faz de forma a decorar, contudo, é imprescindível conhecê-la, viabilizando a conexão que há entre o contador e a

história contada. Neste sentido, a figura do contador de histórias pode ser moldada segundo a subjetividade de cada um, afinal, o contador se refaz e se transforma constantemente, esteja ele ao vivo, na frente do ouvinte, ou na tela de um computador.

### Referências:

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosura e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

COELHO, Betty. **Contar histórias**: uma arte sem idade. 10.ed. - São Paulo: Ática, 1999.

GIRARDELLO, Gilka. **Uma clareira no bosque**: contar histórias na escola. Campinas, SP: Papirus, 2014.

MACHADO, Regina. No tempo que não havia tempo. In: Gilka Girardello. **Baús e chaves da narração de histórias**. Florianópolis: SESC/SC, 2004.

MOREIRA, Ivone. A contação de histórias como recurso na formação do leitor. O professor PDE e os desafios da escola paranaense. **Cadernos PDE**, vol.1, 2009. versão online. ISBN 978-85-8015-054-4.. Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes\\_pde/2009\\_fafipa\\_portugues\\_artigo\\_ivone\\_moreira.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2009_fafipa_portugues_artigo_ivone_moreira.pdf) Acessado em: 06/01/2021

PAMPLONA, Daniele; FABIANO, Cleber. **O jogo da oralidade na prática do contador de histórias**. Curitiba-PR: Fatum Educação, 2014.

SISTO, Celso. **Texto e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3. ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

**P**ROJETO DE EXTENSÃO  
“SENTA QUE LÁ VEM HISTÓRIA”:  
CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO  
DOCENTE E CONSTRUÇÃO DA  
IDENTIDADE PROFISSIONAL

Adrielen Larissa Zamboni Correia  
Mayara Cristina Teixeira Ribeiro Dos Santos

## Introdução

O Projeto de Extensão Universitária “Senta que Lá Vem História: construindo conhecimentos sobre alfabetização e letramento”, é desenvolvido desde o ano de 2018, na Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR – *Campus União da Vitória*. A ideia de fazer o projeto adveio de uma participação dos acadêmicos do terceiro ano de Pedagogia, na Associação Faculdade da Terceira Idade (AFATI), em um sarau promovido pelo colegiado. A partir dessa ação, despertou-se o anseio de fazer o projeto de contação de histórias para alunos da educação infantil.

Em 2019, aumentou o número de acadêmicos participantes no projeto, o qual se expandiu para cidades vizinhas, além disso, foram realizados cursos para estagiários, professores e comunidade sobre contação de história, principalmente com o intuito de diferenciar e desmistificar a ação de contar, dramatizar e ler uma história.

O projeto possui como objetivos: incentivar a imaginação criativa das crianças, para que elas consigam se desenvolver de forma integral e significativa; auxiliar na alfabetização e letramento, através do acesso da literatura infantil e contação de histórias; promover ações que envolvam contações de histórias aos alunos, construindo

uma cultura literária; possibilitar o prazer pela literatura; proporcionar aos alunos momentos de reflexão sobre o sistema de escrita alfabética; favorecer aos acadêmicos de Pedagogia, espaços que possam desenvolver ações integrando extensão, ensino e pesquisa (ZANLORENZI, 2018). O projeto foi ganhando proporção e espaço na instituição, caracterizando-se também como espaço de formação inicial docente.

Com o intuito de evidenciar as contribuições do projeto para a formação docente e a construção da identidade profissional dos acadêmicos de Pedagogia e futuros professores, o presente artigo está dividido em duas partes. Primeiramente, será abordado sobre o referencial teórico e revisão de literatura que explicita os conceitos de extensão universitária, formação docente e identidade profissional. Na sequência, serão apontadas as experiências vivenciadas no projeto, com a teoria sob a luz de autores que descrevem acerca da temática sobre formação docente inicial, extensão universitária, identidade profissional e a importância da contação de histórias. Por fim, será apresentada uma pesquisa de campo realizada com os participantes do projeto.

Pretende-se com este artigo, apresentar os resultados de uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório teórico-bibliográfica, partindo do pressuposto da compreensão se este projeto contribui significativamente ou não para a construção da identidade profissional de futuros docentes, bem como, destacar de que maneira isto pode ocorrer e quais os principais âmbitos e características tem como destaque.

### Extensão universitária, formação docente e identidade profissional

O Artigo 207, da Constituição Brasileira de 1988 (BRASIL, 1988), dispõe que “[...] as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”, ou seja, esses três quesitos são fundamentais para a Universidade e, se um deles for negligenciado, será violado um preceito constitucional.

Portanto, a extensão universitária, como prevista em lei, deve ser adotada pelas universidades, relacionando-a com a pesquisa e o ensino. Freire (1983) faz um estudo semântico acerca do tema “extensão”, o qual descreve como aquele que indica a ação de estender - estender algo. Nesse sentido, podemos considerar a extensão como a possibilidade de disseminação dos conhecimentos aprendidos durante o curso de graduação para a comunidade em geral.

[...] a extensão universitária passa a apresentar uma interface entre o saber produzido no interior das universidades com a cultura local e desta com a cultura universitária. A extensão inicia uma trajetória para transformação da sociedade, transforma-se a si mesma e transforma sua relação com os outros “fazeres” acadêmicos - ensino e pesquisa. (FREIRE, 1983, p. 5)

Neste contexto, compreende-se que a extensão universitária também é um conteúdo de formação, principalmente daqueles em processo de formação inicial, que estão aprendendo a ensinar, aprendendo a profissão

e também construindo a profissionalidade, ou seja, sua identidade profissional. Sobre a formação docente, Imbernón (2010, p. 15) comenta que essa “[...] assume um papel transcendendo o ensino que pretende uma mera atualização científica, pedagógica e didática e se transforma na possibilidade de criar espaços de participação, reflexão e formação [...]”.

Com uma formação docente participativa, reflexiva e com um leque de possibilidades, formam-se, então, profissionais que poderão atuar como agentes de mudança, adquirindo virtudes, hábitos, rotinas, atitudes e outras características que serão utilizadas no decorrer da carreira profissional, constituindo a identidade profissional deste indivíduo.

Podemos definir identidade profissional, de acordo com a perspectiva de Silva (2017, p. 39) “[...] como um processo contínuo que se vincula a identidade pessoal do professor [...]”. Portanto, a identidade do professor agrega condições que contribuem positiva ou negativamente ao trabalho docente, sendo que esta normalmente é constituída desde a infância, estando em maior desenvolvimento e adquirindo características fortes durante sua formação.

Ainda sobre a identidade do professor, Lima (1996, p. 30 apud Silva, 2017, p. 46) descreve que “ser professor é tornar-se professor: processo interminável, que começa antes da formação básica e se prolonga para além dela através de formação continuada”. Neste tocante, levamos em consideração que a identidade profissional se constitui ao longo da vida, mas é no decorrer das formações, sejam elas iniciais ou continuadas, que o docente adquire mais características para sua atuação profissional.

### Extensão universitária: contribuições para a formação docente e construção da identidade profissional

O professor, seja ele do ensino básico ou de graduação, em sua atuação, deve mediar a aprendizagem do aluno, fazendo com que ele tenha maneiras de expandir conhecimento, aplicando na prática, aquilo que aprende na teoria. Freire (1996, p. 47) salienta que os docentes devem “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Articulando a extensão universitária com as palavras de Freire (1996), subentende-se que esse é um momento em que são criadas possibilidades e oportunidades para o acadêmico ir além do que aprende em sala de aula.

Levando em conta que a identidade profissional é constituída no decorrer da vida do indivíduo, desde o início de sua formação e pelas experiências as quais vivencia, nesta ocasião, nas instituições de ensino, o envolvimento em projetos que possibilitam a participação no ambiente escolar contribui para o conhecimento do contexto educacional, para além do que é idealizado. Desse modo, assim como os estágios obrigatórios, os acadêmicos participantes dos projetos de extensão percebem e decidem em qual área pretendem atuar, analisam a didática dos professores, dentre outros pontos que somente acrescentam a sua formação.

Freire (1996, p. 48), em suas considerações, aponta que “ao falar da construção do conhecimento, criticando sua extensão, já devo estar envolvido nela, e nela, a construção, estar envolvendo os alunos”, ou seja, o aluno deve estar sempre construindo, compreendendo a indissociabilidade entre a teoria e a prática.

Com o projeto de extensão “Senta que Lá Vem História”, especificamente, os acadêmicos participam de momentos de estudos, observações participantes, realizam pesquisas sobre as narrativas orais. Com essa preparação, as ações realizadas, nas instituições de ensino, possibilitam às crianças o acesso à literatura de acordo com a faixa etária. Segundo Villardi (1997, p.110), “A literatura é feita para encantar, é feita com prazer para proporcionar prazer, o que vem depois é consequência desse prazer.” Neste sentido, a proposta de contação de história para as crianças é uma forma de encantamento.

Como já mencionado, a extensão tem como característica o trabalho com a comunidade externa. Todavia, como esse projeto pode contribuir com a comunidade interna da universidade, mais especificamente, com a formação dos participantes? Nesse viés, será exposta a seguir uma pesquisa de campo realizada com os acadêmicos de Pedagogia, com o intuito de verificar em que a extensão contribui na sua formação.

A pesquisa foi realizada via Formulário Google Forms, contendo a seguinte questão: “A partir das suas vivências no projeto de extensão “Senta Que Lá vem História”, você considera que este contribui/contribuiu para a construção da sua identidade docente e outros quesitos da sua formação docente? Justifique sua resposta”. Após obter as respostas por parte das acadêmicas participantes do projeto, aconteceu a análise dos dados coletados de maneira qualitativa, evidenciando as questões proeminentes e similares.

A partir da análise das respostas coletadas, foi possível identificar alguns quesitos e palavras-chaves que mais se destacaram dentre os relatos das participantes do projeto, sendo: identidade profissional; práticas

pedagógicas; imaginação criativa; expressividade; oralidade; comunidade externa e formação docente.

Analisando acerca das temáticas proeminentes e destacadas durante as entrevistas, algo que se evidencia em um primeiro momento é sobre a expressividade e oralidade, em que as extensionistas relatam principalmente, o desenvolvimento da sua postura, bem como de sua oralidade ao falar em público. Martins e Fortes (2008, p. 2-3) destacam que:

A oralidade ganha relevância por significar uma forma de contato entre indivíduos e porque há muito se sabe que a comunicação verbal traz em seu interior significados não promulgados em palavras, mas sim em gestos, expressões e atitudes que são interpretados à luz dos referenciais de cada pessoa.

Ou seja, os autores comentam que a oralidade vai muito além da comunicação verbal, pois também está exposta por meio da comunicação não verbal, como gestos, expressões, atitudes, comportamentos. Na contação de histórias, principalmente, no ato de narrar, utiliza-se muito de gestos corporais para que realmente o ouvinte consiga compreender e prestigiar aquela história, aquela narrativa. Sobre a resposta das extensionistas acerca da expressividade e oralidade, destacamos:

[...] aprendemos muito as questões de oralidade, desenvoltura para trabalhar com as crianças bem como nos faz ter mais vontade de estudar para dar nosso melhor nas questões de educação e nas relacionadas com contar histórias seja para crianças quanto para jovens e adultos (SUJEITO 1).

Outra grande contribuição do projeto foi o desenvolvimento da expressividade, ampliando muito a desenvoltura de falar em público, até mesmo de ter domínio de uma turma com muitos alunos (SUJEITO 9).

O projeto tem contribuído para a minha formação pessoal e profissional. [...] Através dos estudos realizados nos encontros de formação aprendi a falar com mais expressividade, respirar melhor, como interagir e intervir em uma contação de história, quando necessário, para prender a atenção da criança. Enfim, todas essas aprendizagens têm ajudado na construção do meu perfil docente (SUJEITO 7).

Com as respostas coletadas, compreendemos que para as participantes do projeto, houve o desenvolvimento da expressividade e da oralidade, sendo características de extrema importância para futuros docentes, que basicamente dispõem da comunicação verbal e não verbal para repassar os conteúdos e conhecimentos aos alunos.

Outro quesito observado nas respostas é sobre a comunidade externa, destacando o quão abrangente é o projeto de extensão, que vai além dos muros e do público da Universidade, como relatam os sujeitos 6 e 9, em suas respostas para a pesquisa:

Os projetos de extensão proporcionam ainda a grande oportunidade de levar o projeto para além dos muros da Universidade. Envolver a comunidade é fundamental, tanto para levar conhecimentos até a comunidade, como para aprender com eles, e principalmente para mostrar que o

conhecimento que é construído dentro da Universidade não fica preso dentro dela, mas é expandido para o mundo (SUJEITO 9).

[...] que participar do projeto é uma das formas de vivenciar no chão da escola um pouco do que aprendemos na teoria enquanto acadêmicos. Como o foco do projeto são os CMEIs mais carentes da nossa região isso nos permite vivenciar diversas realidades, algumas até desconhecidas por nós e isso, acredito que só agrega em nossa formação (SUJEITO 6).

Levando em consideração o relato do sujeito 9, elencando com as considerações do Plano Nacional de Extensão Universitária (BRASIL, 2000/2001), durante a formação profissional inicial, é essencial a interação do acadêmico com a sociedade e comunidade externa, seja para referenciar sua formação ou até mesmo para se identificar com a cultura local, visualizando também as problemáticas encontradas na sua futura profissão.

Analisando pelo viés da educação e docência, o projeto de extensão leva os extensionistas a conhecer a realidade das escolas (comunidade externa), os participantes passam a vivenciar essa realidade, mesmo que brevemente, assim, percebem como é a rotina da instituição, como é a prática pedagógica e a metodologia dos professores, além de compreenderem diversos quesitos que contribuem para elencar a teoria com a prática, como destaca o sujeito 6.

Seguindo neste mesmo tocante, outra temática encontrada nas respostas dos sujeitos participantes da pesquisa, foi sobre práticas pedagógicas, nas quais comentam que o projeto de extensão “Senta Que Lá Vem História” contribui para a ampliação do conhecimento

e ferramentas a serem utilizadas na futura atuação profissional. Os Sujeitos 4 e 7, comentam:

[...] achei na contação mais uma ferramenta didática para construir a aprendizagem com os alunos. No projeto aprendemos como contar histórias e estimular a criatividade dos alunos. Contribui, pois possibilita vivenciar novas formas de ensinar (SUJEITO 4).

[...] aprendi também que as histórias desempenham um papel muito importante na formação dos alunos, e por isso não devem ser utilizadas ocasionalmente, quando sobra tempo, pois através das mesmas é possível trabalhar conceitos e valores além de desenvolver a imaginação criativa (SUJEITO 7)

Portanto, Santos, Rocha e Passaglio (2016, p.28), descrevem que o projeto de extensão “[...] permite ao aluno, o contato com experiências para além do que é aprendido em sala de aula, ampliando a visão sobre a teoria”. Isso acontece porque dissemina a visão do acadêmico e em consequência amplia as possibilidades de atuação profissional e as práticas pedagógicas, levando em consideração a realidade do aluno e o meio em que está inserido.

Com uma atuação profissional de qualidade, utilizando ferramentas, métodos e práticas pedagógicas diversas, a educação e o ensino se tornam também de qualidade. Com o projeto de extensão, a prática pedagógica se amplia, sendo que ainda, mesmo que brevemente, é possível analisar o que se estuda na teoria e funciona na prática ou não funciona e vice e versa.

Além de conter respostas sobre a prática pedagógica, observaram-se questões que condizem com a formação docente, como dispõem as respostas abaixo:

O projeto de extensão “Senta que lá vem História” através das formações ampliou a visão sobre o que realmente é a arte de narrar, proporcionando uma visão mais minuciosa sobre a narração oral, a qual contribuiu muito durante os estágios da graduação, bem como, posteriormente na atuação profissional (SUJEITO 9).

Pensando em nossa formação inicial, o projeto contribui significativamente, sendo que proporciona ideias e conteúdos para o estágio de regência, além de repassar mais segurança na atuação, bem como contribuir para a aquisição de conhecimento durante os encontros formativos (SUJEITO 10).

Durante os estudos iniciais, utiliza-se muito da teoria, em que se considera o que alguns autores trazem, mas pouco se conhece sobre a realidade e a prática em si. Com o projeto de extensão universitária é possível que os acadêmicos e extensionistas discutam sobre teorias e conceitos, além de compartilharem experiências e conteúdos de extrema importância para a formação inicial e até mesmo para os estágios obrigatórios do curso.

Siple et al (2015, p.2), descreve a importância de “vivenciar, confrontar e recriar algumas metodologias e teorias adquiridas ao longo da Licenciatura e que serão fundamentais para o seu desenvolvimento profissional”, ou seja, é durante a graduação que se constitui a identidade profissional e se desenvolvem os futuros docentes, por isso

se faz indispensável a participação de acadêmicos/as em projetos de extensão.

O sujeito 3 da pesquisa, em sua resposta afirma “[...] a extensão é uma das mais importantes características da universidade, sendo assim, participar do projeto “Senta Que Lá vem História”, para mim tem sido uma grande e necessária experiência na formação da minha identidade docente”. Pensando nisso, mesmo surgindo outras temáticas durante as respostas para a questão “de que maneira o projeto de extensão “Senta que lá vem história” contribui para a formação inicial docente, bem como, auxilia na construção da identidade profissional de futuros professores?”. Entende-se que cada quesito se sobrepõe e se completa, o que contribui significativamente para a construção da identidade profissional de futuros docentes.

Sendo assim, o projeto de extensão visa a integrar a comunidade externa com a universidade, além de estimular a expressividade e oralidade dos extensionistas, como também contribui para a formação docente inicial e, em consequência, para a identidade profissional, pois o que o acadêmico/a experimenta durante o curso, é muito provável que prossiga a mesma maneira em seu âmbito profissional.

## Conclusões

Diante das experiências e relatos vivenciados no projeto de extensão, foi possível compreender a importância de se buscar uma identidade profissional; também se apreendeu que a contação de história engloba aspectos mais amplos, como disposto nos objetivos do projeto, esses que ajudam na formação mais crítica do

aluno, e não somente isso, que o mesmo tenha uma visão ao ler o mundo, tornando-se um ser social.

O projeto contribui nas etapas da formação inicial, possibilitando o trabalho em grupo, a busca pela autonomia e a criação da identidade. Ao participar do projeto de extensão “Senta que lá vem história”, as acadêmicas vivenciam a realidade da escola, e podem, desta forma, colocar em prática a teoria trabalhada durante as formações realizadas no projeto.

Neste sentido, fica evidente que, na construção dessa identidade profissional, a extensão universitária é um espaço rico de possibilidades, tendo em vista a importância de se buscar novas formas de ensinar, procurando sempre manter a universidade ligada à comunidade e às escolas. Já os acadêmicos, como futuros docentes, diante da extensão universitária, podem analisar em qual área querem atuar, com qual faixa etária e se isso realmente vai lhes mover como profissionais e seres humanos, construindo a partir disso, sua identidade profissional.

## Referências

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL - Ministério da Educação. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Brasília: Fórum de PróReitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/MEC, Edição Atualizada, 2000/2001.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. 7ª Edição. São Paulo: Paz e Terra. 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**.

22a.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Freire, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1970.

GUIMARÃES, Valter Soares. **Formação de Professores: saberes, identidade e profissão**. 4 ed. Campinas: Papirus, 2004.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SANTOS, J.; ROCHA, B.; PASSAGLIO, K. Extensão Universitária E Formação No Ensino Superior. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 7, n. 1, p. 23-28, 28 maio 2016. Disponível em: <<https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/3087>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

MARTINS, Marta Terezinha Motta Campos; FORTES, Waldur Gutierrez. A Expressividade da Comunicação Oral e sua Influência no Meio Corporativo. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

**XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** - Natal, RN, 2008.

SIPLE, I. Z.; MANDLER, M. L.; COMIOTTO, T.; SANTOS, L. M. (2015). Playground da Matemática: uma prática de extensão para a formação inicial de professores que ensinam matemática. In: Conferência Internacional do Espaço Matemático em Língua Portuguesa CIEMeLP 2015. **Anais do CIEMeLP**. Coimbra, Portugal, 2015.

SILVA, Eliane Paganini da. Identidade Profissional Docente: aspectos conceituais e seu desenvolvimento acerca da teoria piagetiana. In: JUNGES, Kelen dos Santos; SILVA, Eliane Paganini da; SCHENA, Valéria Aparecida. **Formação Docente: tendências, saberes e práticas**. Curitiba: Editora CRV, 2017.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

ZANLORENZI, C.M.P. **Projeto de extensão: Senta que lá vem história: construindo conhecimentos sobre alfabetização e letramento**. Ato de aprovação: 028/2019- DEX UNESPAR, de 02/08/2018.

# OS PERCURSOS DO PROJETO DE EXTENSÃO “SENTA QUE LÁ VEM HISTÓRIA” EM MEIO A PANDEMIA DO COVID-19

Katia Aparecida Sabai  
Kelyn Caroline Bueno

## Introdução

O Projeto de Extensão “Senta que lá vem história: construindo conhecimentos sobre alfabetização e letramento” foi criado no ano de 2018, no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – Campus União da Vitória, e está em vigor até os dias atuais, envolvendo acadêmicos e a comunidade em geral, visto que os projetos de extensão devem ir além dos muros da Universidade.

O projeto em destaque tem o intuito de incentivar a formação inicial dos acadêmicos, bem como, contribuir para o desenvolvimento infantil das crianças, as quais são beneficiadas com as atividades realizadas pelos participantes do projeto nos Centros Municipais de Educação Infantil, havendo assim, um trabalho através da práxis educativa. Porém, com a pandemia da Covid-19, considerou-se necessário realizar determinadas readaptações nas atividades do projeto para que o mesmo continuasse a envolver a comunidade e levar as histórias até as crianças através dos meios digitais, dando continuidade aos trabalhos já anteriormente desenvolvidos.

O presente texto pretende abordar questões referentes ao desenvolvimento do Projeto de Extensão, iniciando com uma breve contextualização sobre o projeto, seguido das readaptações realizadas para a adequação

à nova realidade que está sendo vivida no mundo todo decorrente da pandemia, finalizando com as considerações acerca das readaptações.

Para tanto, a presente pesquisa está pautada em relato de experiência, no qual se pretende descrever os aprendizados obtidos com o desenvolvimento do projeto de extensão, em meio à Pandemia da COVID-19. Como base teórica bibliográfica pretende-se utilizar Zanlorenzi et al. (2020) a fim de definir os pressupostos estabelecidos no projeto, bem como, utilizar Fernandes et al (2021) para destacar a importância dos projetos de extensão dentro da Universidade.

## Referencial teórico

### *Ações do Projeto durante a Pandemia da Covid-19*

A linguagem é um estímulo desenvolvido pelo ser humano e acompanha todo o processo de evolução do homem. Dessa forma, o ato de narrar algo a alguém é histórico, podendo ser utilizado para transmitir pensamentos, conhecimentos, crenças e histórias de um povo.

Logo, a narração de histórias contribui para o desenvolvimento da imaginação criativa, a qual possibilita ao homem imaginar e recriar imagens mentalmente. Assim, a imaginação criativa deve ser explorada e trabalhada com crianças durante seu processo de desenvolvimento, sendo este o foco do projeto de extensão “Senta que lá vem História”.

O Projeto de Extensão “Senta que lá vem história”, desenvolvido em 2018, pelo colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná - campus União da Vitória, vem de encontro à comunidade, com o objetivo

de possibilitar aos alunos dos Centros Municipais de Educação Infantil do município de União da Vitória - PR o acesso à literatura infantil, a partir da contação de histórias e, conseqüentemente, auxiliá-los no início do processo de alfabetização e letramento. E assim,

Tendo como duas frentes de ação, quais sejam, a formação inicial e o desenvolvimento infantil, o projeto tem por objetivo geral efetivar momentos da práxis educativa, a partir de, especificamente, espaços de formação aos acadêmicos sobre a Contação de Histórias, bem como o desenvolvimento do imaginário criativo e da apropriação da linguagem oral e escrita dos alunos das instituições de ensino, onde o projeto de extensão é efetivado. (ZANLORENZI et al., 2020, p.42)

Desse modo, durante os anos de 2018 e 2019 foram desenvolvidas muitas atividades do projeto de forma presencial, entre elas as contações de histórias em Centros Municipais de Educação Infantil, formações para acadêmicos e professores da rede municipal de educação, o primeiro Feco (I Festival de Contação de Histórias), entre outras atividades. Entretanto, durante o ano de 2020, devido à pandemia da Covid-19, foram necessárias muitas adaptações para que as atividades não parassem. Por conseguinte, serão apresentadas as readaptações que tiveram de ser realizadas.

Durante todo o ano de 2020 e início do ano de 2021, a população mundial teve que se readaptar e desenvolver novas formas de trabalho, estudo, convívio e lazer, tudo isso devido a uma pandemia provocada por um vírus denominado Coronavírus (Covid- 19). Assim, as formas

encontradas para diminuir a transmissão do vírus, foram o isolamento social, o distanciamento, a utilização de máscaras e evitar as aglomerações. (OLIVEIRA et al, 2020)

Logo, o projeto de extensão “Senta que lá vem História” também teve que se adaptar à nova realidade imposta, pois todas as atividades eram realizadas de forma presencial com encontros mensais com os acadêmicos e com a comunidade, por meio dos encontros de formação e das contações de histórias, nos Centros Municipais de Educação Infantil, em União da Vitória e municípios da região.

Antes da pandemia, os encontros de formação para os integrantes do projeto eram realizados nos espaços da Universidade, com o propósito de discutir textos, técnicas, formas de contação de histórias e atividades a serem desenvolvidas junto à comunidade. Com a pandemia da Covid-19, para que não houvesse a paralisação total do projeto, tais atividades de formação e reuniões passaram a ser realizadas de modo remoto por meio dos recursos e mídias digitais, a fim de repensar e reorganizar o calendário das atividades.

Outra atividade do projeto realizada nos anos de 2018 e 2019 foram as práticas de contação de história, em Centros Municipais de Educação Infantil do município de União da Vitória- PR e região, as quais eram realizadas por integrantes do projeto, como podemos observar nas imagens abaixo. Por meio das contações de histórias, os integrantes tinham um contato direto com os CEMEIS e com as crianças, havendo assim, uma interação entre o espaço Universitário e a comunidade.

FIGURA 1: Contações de histórias nos CEMEIS



Fonte: Arquivo próprio das autoras.

Com as restrições impostas pela pandemia e com as suspensões das aulas presenciais, o ato de ir aos espaços para contar histórias ficou impossibilitado, assim, uma das alternativas encontradas pelos integrantes foi a realização de lives com contação de histórias (transmissão ao vivo de áudio e vídeo na internet) na página do projeto, na plataforma online Facebook, oportunizando uma grande interação entre contadores e espectadores da região e de localidades mais distantes.

FIGURA 2: Folder de divulgação das Lives



Fonte: Arquivo próprio das autoras.

Além das lives com as contações de histórias para as crianças, também foi realizada uma live sobre “As narrativas orais de histórias e a imaginação criativa”, com os convidados Leandro Pedro e Dani Pamplona. Esta live teve como público alvo os acadêmicos e os professores da rede municipal de educação, com o intuito de divulgar um pouco mais sobre esse universo das narrativas orais.

Com a nova realidade, a parceria entre a Universidade e a Secretaria Municipal de Educação permaneceu adequando-se através de gravações de histórias para o Programa Educa União, desenvolvido pela Secretaria de Educação. A transmissão foi realizada por uma emissora de TV local e os vídeos disponibilizados no site do Programa, destacando que os alunos de toda rede tinham acesso a tais conteúdos.

FIGURA 3: Gravações para o programa Educa União



Fonte: Arquivo próprio das autoras.

Outra ação realizada pelo projeto, durante a pandemia, e com o intuito de estimular e incentivar o desenvolvimento da imaginação criativa nas crianças foi

a entrega dos “kits imaginação criativa”, os quais foram levados para todos os CEMEIS de União da Vitória – PR. O kit imaginação criativa era composto por 4 dedoches de animais, várias fichas ilustrativas e as instruções, que descreviam as possibilidades de como a criança poderia brincar, criar histórias e estimular a sua imaginação.

FIGURA 4: Kit Imagemação Criativa



Fonte: Arquivo próprio das autoras.

Por fim, também podemos ressaltar o evento: Festival de Contação de História – FECO - organizado pelo projeto o qual, no ano de 2019, foi realizado de forma presencial, com atividades como a palestra de abertura, realizada nas dependências da Universidade. Uma maratona de contação de história realizada em todos os CEMEIS de União da Vitória – PR. Contação de histórias ao ar livre e oficinas sobre contação de histórias.

FIGURA 5: Oficina de contação de história realizada no IFECO



Fonte: Arquivo próprio das autoras.

Com as restrições da Pandemia, em 2020, não foi possível realizar a mesma programação e de forma presencial, sendo necessárias algumas modificações, desta maneira, a palestra de abertura ocorreu de modo remoto, sendo transmitida pela página do projeto na plataforma online Facebook e contou com a presença de Gilka Girardello. A maratona de histórias também ocorreu de forma online, sendo que, a cada hora uma contadora realizava uma nova transmissão ao vivo recheada de histórias. As oficinas aconteceram por reuniões online em grupo via Google Meet ou pela plataforma Skype.

E a palestra de encerramento contou com a presença da Daniele Pamplona.

FIGURA 6: Folder de divulgação do II FECO



II FECO  
Festival de Contação de Histórias  
20 a 22 de outubro

20/10  
Às 19h 30min  
Encontro com  
Gilka Girardello  
(UFSC)  
(LIVE Facebook)

21/10  
Às 13h 30min  
e às 19h  
Oficina de  
Introdução à  
Contação de  
Histórias  
(via skype - 60 vagas)

22/10  
Maratona de  
Histórias pelo  
Facebook.

22/10  
Às 19h 30min  
Encontro com  
Dani Pamplona  
(LIVE Facebook)

Inscrições:  
01/10 a 16/10

Inscrições e informações pelo site:  
<http://eventos.uniaodavitoria.unesp.br>

UNESP PARANÁ  
PROEC  
PROJETO DE EXTENSÃO  
E INOVAÇÃO  
UNESPAR

Fonte: Arquivo próprio das autoras.

Ao apresentar as adaptações que o projeto desenvolveu em meio à Pandemia, a fim de não paralisar as atividades, pode-se concluir que um projeto de extensão só ganha proporção e se fortalece com o apoio de todos. O trabalho coletivo e democrático é a base para uma boa organização, acredita-se que esta deveria ser uma característica geral de todos os projetos, pois faz toda a diferença.

Saraiva (2007) apud Fernandes et al (2012) destacam que

[...] a extensão possibilita ao acadêmico a experiência de vivências significativas que lhe proporciona reflexões acerca das grandes questões da atualidade e, com base na experiência e nos conhecimentos produzidos e acumulados, o desenvolvimento de uma formação compromissada com as necessidades nacionais, regionais e locais, considerando-se a realidade brasileira. Os três fundamentos da universidade, isto é, ensino, pesquisa e extensão, propiciam experiências a discentes e docentes, mas a extensão faz a associação paralela imediata entre o conhecimento científico e o popular.

Podemos assim concluir que a Universidade pública oferece muitas possibilidades aos acadêmicos, desde o ensino, a pesquisa e a extensão. Participar de projetos é fundamental para uma formação docente integral, pois além de crescer em relação aos conhecimentos, o acadêmico está ligado diretamente com a realidade escolar, desenvolvendo atividades que, por vezes, geram pesquisas e contribuem ainda mais para a sua formação.

De acordo com Fernandes et al (2012), a extensão transforma a realidade, proporcionando uma busca contínua que implica em sempre estar inventando e reinventando. Assim, podemos concluir que mesmo com muitas restrições impostas pela pandemia da Covid-19, foi possível dar seguimento às atividades do projeto de extensão “Senta que lá vem História”, dessa forma, elas foram readaptadas ou surgiram como ideias e sugestões a fim de contribuir com a comunidade e o desenvolvimento das crianças.

### Considerações finais

Em meio às abordagens aqui estabelecidas, pode-se concluir que, quando há força de vontade e determinação de uma equipe no desenvolvimento de um Projeto de Extensão, como este retratado ao longo da pesquisa, não há muros que interrompam seu desempenho, nem mesmo uma pandemia na grandiosidade da Covid-19.

As readaptações das atividades realizadas foram bastante significativas aos participantes ativos no processo de desenvolvimento e divulgação das atividades e deram maior visibilidade ao Projeto de extensão, além de proporcionar momentos significativos de aprendizagem e crescimento aos acadêmicos e a todos que estão usufruindo das atividades desenvolvidas pelo projeto. Mesmo em meio ao contexto pandêmico, o projeto conseguiu realizar diversas ações e teve a oportunidade de possibilitar o acesso a contadores renomados nacionais e internacionais.

A Universidade pública tem como missão proporcionar momentos de ensino, pesquisa e extensão, cabe então aos acadêmicos aproveitarem as oportunidades e, assim, crescer pessoal e profissionalmente através de suas participações nos projetos.

Também, pode-se evidenciar que os meios digitais contribuíram de forma bastante significativa para a propagação das histórias, oportunizando o acesso das atividades desenvolvidas a comunidades diversas, além de impulsionar a cultura e o lazer, fortalecendo assim, a propagação do Projeto de Extensão além dos muros da Universidade.

### Referências

FERNANDES, Marcelo Costa. SILVA, Lucilane Mari Sales da. MACHADO, Ana Larissa Gomes. MOREIRA, Thereza Maria Magalhães. Universidade e a extensão universitária: a visão dos moradores das comunidades circunvizinhas. **Educação em Revista.** v.28 - Dez 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/SfxX7fpVccbMrSSDHqCSNhy/?lang=pt&format=pdf>

OLIVERA, Adriana Cristina de; LUCAS, ThabataCoaglio; IQUIAPAZA, Robert Aldo. O que a Pandemia da Covid-19 tem nos ensinado sobre adoção de medidas de precaução? **Texto & Contexto Enfermagem.** v.29, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2020-0106>

ZANLORENZI, Claudia Maria Petchak; SABAI, Katia Aparecida; KRINSKI, Adrielle Caroline. A formação Inicial e o Desenvolvimento Infantil: um projeto de extensão de contação de histórias. **Revista Panorâmica.** V.29 - Jan/Abr. 2020. Disponível em: <http://revistas.cua.ufmt.br/revista/index.php/revistapanoramica/article/view/1114/19192311>

# PROJETO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PELO OLHAR DE UMA CONTADORA DE HISTÓRIA

Daniele Krul

## Introdução

A Contação de História é uma arte milenar, utilizada por nossos antepassados que, ao fazer uso da oralidade, transmitiam as histórias das famílias de geração em geração, sendo adaptadas e recontadas cada qual a sua maneira. Desta forma, por meio das narrativas, é possível preservar a memória, divulgar o conhecimento adquirido, compartilhar experiências, preservar a cultura e expressar as emoções.

Na atualidade, é uma arte que vem sendo desenvolvida para crianças ou adultos que apreciam as narrativas orais, principalmente nos espaços institucionais. É muito utilizada na Educação Infantil, pois leva a criança a entender o mundo a sua volta, além de estimular as emoções, auxiliar no conhecimento dos papéis sociais, e também por estimular as crianças nos processos de leitura. Para compreender esta arte, é necessário estudar sobre o tema, e entender quais histórias podem ser contadas conforme a faixa etária.

Este relato tem como objetivo apresentar um pouco sobre minha experiência no Projeto de Extensão “Senta que lá vem história”, do Colegiado de Pedagogia, da Universidade Estadual do Paraná, no Campus de União da Vitória. O projeto “Senta que lá vem história” tem por objetivo estimular a imaginação criativa das crianças, atendendo um público na idade de quatro a cinco anos, em

sua maioria, nesse projeto também são realizados cursos de formação para professores e contações de história para os demais públicos, na cidade de União da Vitória e cidades vizinhas.

Esse relato tem por finalidade apontar informações sobre a contação de história, como fazemos, para quem fazemos e como fazemos; pois é necessário adquirir um bom conhecimento acerca do tema a fim de compreender a importância desse projeto para a sociedade e, assim, realizar um trabalho de qualidade.

### Reflexões sobre a contação de histórias

A participação no projeto de Extensão “Senta que lá vem História” exige constante formação, buscando novos conhecimentos, compartilhando experiências entre os participantes, principalmente sobre o que é a arte de contar história, pois

[...] não é uma tarefa fácil e estamos cada vez mais convencidos que é preciso uma certa habilidade, exercício, e preparo para controlar todos os mecanismos que entram no jogo cada vez que se quer “comunicar” uma história a uma plateia. (SISTO, 2001, p. 42).

À vista disso, o contador deve conhecer muito bem a história, é necessário se imaginar na narrativa, para que a criança também introduza-se nesse mundo, com as suas experiências de vida, com as suas princesas, os seus heróis, com os seus monstros, pois a imaginação de cada um é somente sua. “A arte de contar histórias traz o contorno, a forma. Reutiliza a memória e nos conecta com algo que se perdeu nas brumas do tempo” (BUSATTO, 2003, p. 9). É,

portanto, um momento único, no qual não só os ouvintes, mas também os contadores têm a oportunidade de viajar para outro mundo e imaginar-se dentro dele.

Vai muito além do ouvir, a contação de histórias é capaz de trabalhar diretamente na construção cultural dos sujeitos de tal modo que, por meio da interação, da socialização e da troca de experiências, seja possível ressignificar ações, opiniões e abrir espaço para uma nova história. Destarte, Peres, Naves e Borges (2018, p. 152) apontam que

Os significados contidos nas interações verbais contribuem para que as crianças se apropriem das experiências culturais que são engendradas socialmente e sejam capazes de atuar de maneira autônoma em seu cotidiano. Neste trabalho é imprescindível pensarmos que a criança necessita interagir com diversas experiências com o outro e relacioná-las ao seu cotidiano para que haja a expansão da imaginação.

Nesse ínterim, para além de uma participação no projeto e nas atividades desenvolvidas, conta-se com uma formação adequada que traz elementos característicos e fundamentais para a ação de contar histórias. Para realizar um ótimo trabalho, o contador deve ser um bom leitor, onde há desenvolvimento linguístico e imaginário, aperfeiçoando o ato de contar. Sendo assim, é necessário:

[...] ser um leitor assíduo, ou seja, não basta somente ler a história para a criança. A contação de histórias é mais que isso, é transformar para o mágico o que na escrita talvez seja monótono, é saber levar a criança ao plano do imaginário e trazê-la novamente para o mundo real. Por isso, para que essa

associação de fatores seja feita, o contador, antes de tudo, deve ser um bom leitor. (LIPPI, FINKA, 2012, p.23)

Não há uma maneira correta para se contar histórias, pois todos somos contadores, cada um com suas particularidades, seu modo de pensar e agir. O ato de contar histórias permite que o contador descubra em si a sua melhor versão e isso lhe dará elementos que irão caracterizar sua contação. Porém, o que não pode acontecer é confundir o contar história com o ler história, pois cada ação tem suas especificidades.

[...] ler histórias para alunos é uma prática que ocupa um significativo espaço pedagógico, porém contar histórias vem a ser outra técnica, e nos remete aquela figura ancestral, que, ao redor do fogo, ou ao pé da cama, contava histórias para quem quisesse ouvir, narrava contos do seu povo, aquilo que havia sido gravado na sua memória através da oralidade. (BUSATTO, 2003, p.10)

Por isso se faz necessário ler muitas vezes a história, ressalta-se, porém, que a intenção não é decorar e sim compreender aquela narrativa para depois poder contá-la; a leitura assídua e atenta fará com que se percebam os fatos essenciais, o começo, o meio e o fim, entendendo as suas entrelinhas. A história pode ser adaptada ou até mesmo reduzida, mas os pontos principais devem estar presentes. Esta diferenciação entre ler e contar é essencial, principalmente durante o exercer da atividade, e as crianças precisam saber a diferença se é contação de história ou leitura. As histórias estão presentes em livros, o qual pode e deve ser mostrado aos alunos para que saibam de onde saiu a história contada e quem a escreveu.

Esses materiais são elementos culturais essenciais para a construção e o desenvolvimento intelectual e cognitivo e, desta forma, “quando um elemento cultural é utilizado, seu uso vai além do significado pretendido, pois, carregado de emoção, torna-se significativo para a tomada de sentido” (PERES; NAVES; BORGES, 2018, p. 152).

Não é apenas contar história por contar, mas compreender a sua seriedade. “Contar histórias é uma arte, uma arte rara, pois sua matéria-prima é o imaterial, e o contador de histórias um artista que tece os fios invisíveis desta teia que é o contar”. Busatto, (2003, p. 12) Neste viés, este mundo de histórias desperta na criança o interesse pela leitura, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e afetivo, estimulando a oralidade e a escrita, principalmente durante o processo de alfabetização.

### O projeto de contação de histórias pelo olhar de uma contadora de histórias

O ingresso no projeto de contação de história é realizado de maneira simples, basta que o acadêmico(a) tenha interesse e que procure alguém do grupo para lhe passar informações, pedindo também a autorização da coordenação. Quando vi as contações de história realizadas pelo projeto me encantei, mas não imaginava ainda ser uma contadora de histórias, ingressei no projeto no ano de 2019, com intuito de perder um pouco a timidez e a vergonha de falar em público.

Figura 1: registro da primeira contação de história na qual participei como contadora de história.



Fonte: arquivo pessoal

Fomos divididos em grupos menores e cada grupo ficava com a responsabilidade de confeccionar um livro, este que ficava sempre na escola ou no CEMEI (Centro de Municipal de Educação Infantil). Contávamos três histórias, uma delas era a que estava no livro que era confeccionado, o mesmo ficava na instituição com o intuito de deixar uma lembrança e, ainda, para que as professoras façam o uso, lendo ou contando a história para seus alunos. Entre os intervalos das histórias foram realizadas dinâmicas e músicas para animar as crianças.

Realizamos encontros de formação com o grande grupo como era chamado, com todos os integrantes do projeto, nesse momento, também eram feitas contações, discussões sobre assuntos importantes, os planejamentos e os replanejamentos. O ano de 2019 foi incrível, pois nos trouxe muito aprendizado, venci meu medo e comecei a contar história, encantei-me. Embora tenha sido difícil no início, pois me senti insegura, pensando que não daria

conta, fiquei nervosa durante a primeira contação, mas ao ver os olhinhos das crianças brilharem por ouvir a história que eu estava contando foi encantador, depois, ainda, recebi elogios das professoras que estavam ali presentes, acompanhando seus alunos, então foi o momento que decidi me aprofundar nesta arte, pois compreendi que:

Se mergulhar neste universo é fascinante para nós, adultos, que esquecemos de nos inebriar com a magia, que dirá para a criança, a qual constrói deliberadamente um mundo onde tudo é possível. Ao contar uma história para ela estaremos lhe oferecendo um alimento raro, pois iremos colaborar para que o seu universo se amplie e seja mais rico. (BUSATTO, 2003, p. 12)

Isso é realmente fascinante, ter uma maneira de encantar as pessoas, fazer com que o mundo lá fora seja esquecido, nem que seja por alguns minutos, e instigar a imaginação das pessoas, para que cada uma introduza-se na narrativa e dela possa fazer deleite.

O ano de 2020 começou normalmente, iniciamos as tarefas do projeto com o planejamento e a organização dos grupos. Entretanto, com a Pandemia da Covid 19, houve a necessidade de repensar todas essas ações, por isso partimos para a troca de ideias e, assim, decidimos realizar lives de contação de história pela página do projeto, nas redes sociais. Essa atividade foi muito desafiadora, pois aconteciam problemas com a internet, mesmo em casa, também o nervoso e a ansiedade, muitas vezes, atrapalhavam, mas nos adaptamos e conseguimos realizar um belo trabalho.

Para as formações realizamos encontros online, bem como para a realização das reuniões e dos planejamentos.

Fomos convidados a participar de gravações para um projeto da Secretaria Municipal de Educação, que foi veiculado em uma televisão local, nas quais eram gravadas aulas para os alunos do município e os participantes do projeto contavam histórias que passavam na TV, uma maneira de amenizar os problemas que muitas famílias têm que é o acesso à internet. Foi desafiador, pois havia uma câmera nos filmando com profissionais especializados o nervosismo tomou conta, participei apenas de uma gravação contando duas histórias, não me senti muito à vontade, e por isso decidi não participar mais.

Mesmo com muitos desafios, foi um ano produtivo no qual foi possível se reinventar e aprender um pouco mais sobre o ensino remoto, este que foi necessário devido à pandemia. Afinal, adaptar-se, aprender coisas novas e superar desafios despertam um lado nosso que ainda não conhecíamos e nos tornamos mais fortes para enfrentar e descobrir novos caminhos.

Com as atividades online, foi possível atingir um público maior, pois as crianças precisavam da ajuda dos pais para assistir às histórias, assim, as crianças e as famílias passaram a usufruir desses momentos de contação. Com toda essa experiência foi possível apreender que:

A força da história é tamanha que narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidades, a ponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra que comove e enleva. A ação se desenvolve e nós participamos dela, ficando magicamente envolvidos com os personagens, mas sem perder o senso crítico, que é estimulado pelos enredos. (COELHO, 1999, p. 11)

Ao ouvirmos uma história temos a possibilidade de refletir sobre a vida, sobre nossas atitudes e escolhas, pois elas nos falam de dor, luta, compreensão, compaixão, solidariedade, esperança e vitória, elas proporcionam um grande prazer; desta forma, o contato com as histórias é uma necessidade do ser humano, seja ele adulto ou criança.

Escutar histórias é um momento mágico, de encanto. A narrativa, independentemente de como seja apresentada, abre espaço para que possamos nos redescobrir, permite enfrentarmos os nossos medos, além de ampliar um olhar sensível capaz de avistar novos horizontes de saberes.

Para atingir um número maior de crianças com a contação de história e a imaginação criativa, foi realizada mais uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação do município de União da Vitória, na qual realizamos um kit imaginação. Esse kit foi produzido pelos integrantes do projeto, com o objetivo de fazer com que as crianças tentem imaginar histórias e contar, a sua maneira, com os dedoches e as imagens que eram enviadas. Em cada kit era enviado um informativo do mesmo, para facilitar o entendimento dos familiares que ajudam as crianças nas atividades em casa.

O ano de 2021 começou de maneira remota novamente, devido à continuidade da pandemia e sem data prevista para a volta das atividades normais. Assim, foi necessário continuar com as atividades online. Estamos cansados deste ensino remoto, mas este ainda é necessário para o bem de todos, sentimo-nos ansiosos para a volta dos nossos encontros, das discussões, formações em sala de aula, e das nossas contações de história nos CEMEIS e escolas, momento em que tínhamos o contato com aquele brilho no olhar e o sorriso sincero das crianças.

### Considerações finais

Este artigo teve como objetivo apresentar um pouco sobre o Projeto de Extensão “Senta que lá vem História”, com o olhar de uma contadora narrando os conhecimentos adquiridos, sendo eles, a relação entre o mundo mágico e o real, a importância da contação para o desenvolvimento da criança, a diferença de ler uma história e de contá-la, o modo de contar e a relação com a sua essência, e o público que alcançamos. Esse trabalho vem sendo realizado com análises e pesquisas sobre a contação de história. Este projeto é realizado na UNESPAR Universidade Estadual do Paraná, campus de União de Vitória, com a participação de acadêmicos e professores, em sua maioria do curso de Pedagogia.

A contação de história deve ser valorizada dentro das creches e das escolas, pois, assim, é possível potencializar a imaginação, a atenção, despertar a curiosidade, a linguagem e principalmente o gosto pela leitura. A história prende a atenção, informa, socializa e educa as crianças. Podemos entender que a contação influencia de forma positiva no desenvolvimento da oralidade da criança, na inserção no meio social com os demais colegas, incentiva no coletivo e principalmente no hábito de leitura.

Com as pesquisas nesta área, podemos entender cada vez mais a importância das histórias para as crianças, pois esta é uma necessidade que surge antes mesmo da Educação Infantil, sendo também imprescindível nesta fase escolar. O fato é que as histórias desenvolvem o imaginário, auxiliam a criança a lidar com os sentimentos, além de que ela vai relacionando fatos de sua vida com os da história e, assim, percebe que é possível vencer os medos e os desafios de sua vida.

Contar histórias não é uma tarefa simples, porém, é mágico, quando se entra neste mundo da imaginação, pois nos faz refletir sobre a vida, quantas vezes ao ler uma história nos identificamos ou nos percebemos na história, assim também acontece com as crianças. Para o contador de histórias o brilho nos olhos das crianças é a maior e melhor recompensa, ou ainda quando as crianças tentam nos imitar, isso é deveras encantador.

## Referências

bUSATTO, C. **Contar e Encantar: Pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

COELHO, B. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10ed. São Paulo: Ática, 1999.

LIPPI Elisiane Andréia. FINKA Alessandra Tiburski. **Arte de contar histórias: perspectivas teóricas e práticas**. Revista **Vivências**. Revista Eletrônica de Extensão da URI ISSN 1809-1636 Vol.8, N.14: p.20-31, mai. 2012.

PERES, Silvana Goulart; NAVES, Renata Magalhães; BORGES, Fabrícia Teixeira. **Recursos simbólicos e imaginação no contexto da contação de histórias**. **SciELO**. Psicologia Escolare Educacional, SP. Volume 22, Número 1, Janeiro/Abril de 2018: 151-161. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/wTSSWPkbDnvSyz4q8WfFCyd/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 17 Jun. 2021.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

## “Sobre as Autoras”



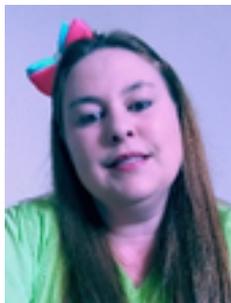
**Adrielen Larissa Zamboni Correia**, acadêmica de Pedagogia na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus União da Vitória. Psicóloga pelo Centro Universitário do Vale do Iguaçu. Bolsista pela CAPES, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (2018) e Residência Pedagógica em Alfabetização (2021).



**Alessandra Buch Fauate**, Graduada de Pedagogia, Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR-Campus União da Vitória). Contadora de história no Projeto de Extensão Senta que lá vem história, da Unespar -União da Vitória-PR



**Andréia Bulaty** Professora do Colegiado de Pedagogia na Universidade Estadual do Paraná/campus União da Vitória. Graduada em Pedagogia, Pós-Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Integrante do projeto de extensão “Senta que la vem história” da UNESPAR/UV. ORCID <https://orcid.org/0000-0001-9974-6221>, <http://lattes.cnpq.br/7885294220537039>, E-mail: [andreiabulat@gmail.com](mailto:andreiabulat@gmail.com)



**Andreia Patrícia Bueno**, Graduada de Pedagogia, Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR-Campus União da Vitória). Bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (CAPES/PIBID) de 2018 até 2020. Atualmente bolsista no Programa Residência Pedagógica-Alfabetização desde outubro de 2020. Contadora de

história no Projeto de Extensão Senta que lá vem história, da Unespar -União da Vitória-PR



**Claudia Maria Petchak Zanlorenzi**, Pedagoga, Pós doutora em Educação, Professora Adjunta da Universidade Estadual do Paraná- Campus de União da Vitória, Colegiado de Pedagogia. Coordenadora do Projeto de Extensão Senta que lá vem a História: contribuição para a linguagem, contadora de histórias. Vice líder do Grupo

de Estudos e Pesquisas em Práxis Educativa ( UNESPAR-Campus de União da Vitória)



**Daniele Krul** Pedagoga pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campus de União da Vitória, cursando pós graduação em Educação Infantil e Alfabetização, pelo grupo educacional FAVENI, participa do Projeto de Extensão, senta que Lá Vem História e é contadora de história.



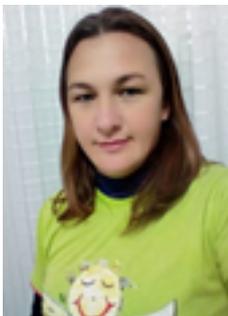
**Elaine de Fátima Batista**, graduanda do 3º ano vespertino do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) – campus de União da Vitória, participa do Projeto de Extensão “SENTA QUE LÁ VEM HISTÓRIA” e contadora de histórias. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).



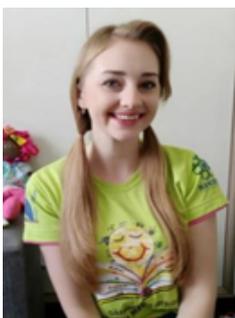
**Gabrielle Aparecida Kreutzfelt**, graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de União Da Vitória- PR, atualmente cursando Pós Graduação em Gestão Escolar. Participa do Projeto de extensão “Senta que lá vem História” desde 2020. Professora e contadora de histórias.



**Jeisa Ariele Martins Krawczik**, professora formada pelo curso de Magistério, graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus União da Vitória, cursando pós graduação em Gestão Escolar, participa do Projeto de Extensão “Senta que lá vem História”. É contadora de história!



**Jucélia de Fátima Lanieski**, Graduada de Pedagogia, Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR-Campus União da Vitória). Bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (CAPES/PIBID) de 2018 até 2020. Contadora de história no Projeto de Extensão Senta que lá vem história, da Unespar -União da Vitória-PR



**Katia Aparecida Sabai**: Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) Campus União da Vitória - PR. Especialização em Ludopedagogia e Literatura na Educação Infantil e Anos Iniciais e em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Participante dos Grupos de Estudos e Pesquisas GEPPRAX - UNESPAR e GEPEDIN - UNICENTRO. Contadora de histórias. Email. [katiasabai12@gmail.com](mailto:katiasabai12@gmail.com)



**Kelyn Caroline Bueno**: Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) - Campus União da Vitória - PR. Especialização em Alfabetização e Letramento pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná - UFPR. Participante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Práxis Educativa - GEPPRAX - UNESPAR. Contadora de histórias. E-mail. [kelyncbueno@gmail.com](mailto:kelyncbueno@gmail.com)



**Mayara Cristina Teixeira Ribeiro dos Santos**, acadêmica de Pedagogia na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus União da Vitória. Administradora pelo Faculdade Estácio de Sá Campus Vitória- ES. Bolsista pela CAPES, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (2019) e Residência Pedagógica em Alfabetização (2021).



**Paola Helena Muxfeldt Morandi da Silva**, graduanda do 3º ano vespertino do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) - campus de União da Vitória, Bolsista de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq (2020/2021). Participa do Projeto de Extensão “SENTA QUE LÁ VEM HISTÓRIA” e é contadora de histórias.

